



O  
do *Preço*  
*Passado*

KRISTEL RALSTON



# **O Preço do Passado**

**Kristel Ralston**

# ÍNDICE

|                                       |  |
|---------------------------------------|--|
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 1</u></a>     |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 2</u></a>     |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 3</u></a>     |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 4</u></a>     |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 5</u></a>     |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 6</u></a>     |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 7</u></a>     |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 8</u></a>     |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 9</u></a>     |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 10</u></a>    |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 11</u></a>    |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 12</u></a>    |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 13</u></a>    |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 14</u></a>    |  |
| <a href="#"><u>CAPÍTULO 15</u></a>    |  |
| <a href="#"><u>EPÍLOGO</u></a>        |  |
| <a href="#"><u>SOBRE A AUTORA</u></a> |  |

Copyright ©Kristel Ralston 2016.  
Título original: *El precio del pasado*.  
Todos os direitos reservados.

*Apoiado, como todos os trabalhos da autora, por SafeCreative.*

Capa: Karolina García Rojo.

Tradução: Magda Romero Jubilot.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada num sistema ou transmitida de alguma forma, ou por qualquer meio eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros métodos, sem a prévia e expressa autorização do proprietário do *copyright*.

Esta é uma obra literária de ficção. Lugares, nomes, circunstâncias, caracteres são produto da imaginação do autor e o uso que se faz deles é fictício; qualquer semelhança com a realidade, estabelecimentos de negócios (lojas), situações ou feitos são pura coincidência.

«A recordação da felicidade já não é felicidade; a recordação da dor ainda é dor.»

Lord Byron.

As relações de co-dependência emocional não são saudáveis. Se permanece numa relação tóxica, que não lhe faz feliz, só encontrará preocupações. O amor não é sofrimento. Um final feliz está nas suas mãos.

Obrigada por dar a oportunidade de Xander e C.J. fazerem parte da sua biblioteca. Para mim foi uma satisfação poder contar a história deles neste livro.

Um abraço e até à próxima,

Kristel





# CAPÍTULO 1

Xander Zhurov trabalhou muito desde que conseguiu criar uma empresa de consultoria de *design* de interiores. Aos 28 anos abriu a empresa e trabalhou intensamente para poupar e não ter dívidas com os bancos. A pequena herança deixada pelos pais também o ajudou a começar.

Agora, uma década depois, Zhurov & Companhia era o seu maior orgulho.

Com uma carteira de clientes ampla, ele levava uma vida bastante cómoda, mas precisava de um empurrão para entrar no mundo do *jet-set* de Nashville, de forma a obter ligações que contribuíssem em contratos mais rentáveis. Para ele não existia o fracasso, por isso pensava empurrar e empurrar o barco até chegar ao porto desejado: reconhecimento e mais dinheiro para ampliar o seu âmbito de ação.

O contrato que tinha em vista prometia desde qualquer perspectiva. A cláusula de confidencialidade era a única parte que lhe parecia absurda. Fosse quem fosse esse tal C.J. Bostworth devia ser muito paranóico para pensar que a um arquiteto lhe podia interessar falar sobre um cliente a terceiros ou, inclusive, com a sua própria equipa para além do estritamente necessário.

—Uma oportunidade de ouro —disse Erick Danes, chefe de equipa de arquitetos, enquanto examinava uns planos para a restauração de uma pequena igreja, onde se costumavam reunir imigrantes de diferentes nacionalidades— Porque pensas tanto nisso?

—Há aqui alguma coisa que não me convence —respondeu. E era certo. Não gostava nada dessa cláusula de confidencialidade. Se alguém se necessitava proteger legalmente com algo tão simples era porque escondia um segredo bastante sombrio.

Erick deu uma gargalhada.

—Onde é que está a graça? —perguntou. Desde os dois anos que vivia nos Estados Unidos, mas sem dúvida que tinha herdado aquele tom ligeiramente áspero do pai russo.

—Não acredito que não saibas quem é C.J. Bostworth.

—Resume —disse de forma desagradável.

—Não é um homem, é a dama de gelo. Nas costas dela chamam-lhe assim. A mulher tem a reputação de ser implacável e sem sentimentos. Rolam cabeças quando as coisas não se fazem à maneira dela... —Encolheu os ombros com um sorriso matreiro, enquanto dobrava os planos e os ponha num tubo de plástico para preservá-los—. Dizem que o ex-marido a deixou por ser frígida...

Por algum motivo desconhecido, Xander ficou incomodado com a maneira de falar do arquiteto. De facto, isso chateou-o.

—Não está bem que fales assim de uma mulher. Menos ainda se vai ser cliente da minha empresa e o pilar para expandirmos o negócio. Espero que tenhas entendido.

Erick consentiu e substituiu o sorriso por um ar mais sério. Trabalhava com Xander Zhurov há tempo suficiente para saber que não devia provocá-lo. Ele era muito amável, mas quando se zangava o melhor era esconder-se.

—Quero que supervises tudo, Erick. Não admito erros. Diz ao Frank e à Reeva que não quero saber se têm de voltar a desenhar o espaço onde se guardam as peúgas, ou se por acaso lhes exigem que controlem os trabalhadores mais tempo que o habitual. —Xander girou a caneta entre os dedos. De manhã, os advogados da empresa tinham revisto o contrato e estava tudo em ordem em termos legais. A empresa ia receber um pagamento astronómico, e a comissão do Erick por ter conseguido esse cliente era muito boa. A tal C.J. Bostworth ia-lhe abrir as portas da alta sociedade e também trazer-lhe novos contactos—. Estamos entendidos?

—Mas...

—Queres ou não o teu bónus? —interrompeu, olhando-o com os insondáveis olhos verde azulados.

—Absolutamente.

Xander assentiu e assinou o contrato.

\*\*\*

«Está aí a princesa do terceiro andar.» «De certeza que o marido a deixou porque se cansou de dormir com um cubinho de gelo.»

Ouviram-se risos abafados.

C.J. apertou a mandíbula e manteve as costas retas. Apertou as mãos com firmeza na mala *Hermès* que levava encostada à anca. O elevador estava cheio, e o mais provável é que essas pessoas não fossem conscientes dos murmúrios que chegavam até ela... ou talvez sim.

Não ficou surpreendida com os comentários maliciosos que faziam nas suas costas, mas mesmo assim doeu-lhe. O casamento falhado já tinha terminado há dois anos. Noah Caldwell marcou-a emocionalmente e também lhe destruiu para sempre as ilusões românticas que tinha. O canalha mentiu da maneira mais cobarde e cruel...

Quando as portas do elevador se abriram a pressão que sentia no peito diminuiu um pouco.

Avançou com a cabeça bem alta pelo corredor do terceiro andar do prédio onde se localizava o centro neurálgico de Bostworth Incorporated, a companhia local com mais prestígio em lojas de luxo, Bostworth Luxury. Os dois irmãos mais velhos, Charles e Linux, viajavam constantemente para supervisionar as lojas de todo o estado, enquanto que ela dirigia as operações desde a central na qualidade de directora geral.

Cyrus, o pai, era o presidente, Estava com a mãe de viagem no Mediterrâneo, celebravam as bodas de ouro. Por isso, durante o próximo mês, todo o peso da empresa estava nos ombros de C.J., não só como directora, mas também como presidente encarregada.

—Bom dia, C.J. —disse ao vê-la a sua secretária de 48 anos. Entregou-lhe a correspondência e sorriu. Fanny Lunberg era eficiente e discreta—. Queres que peça o almoço no restaurante habitual ou hoje vais almoçar a casa?

—Como aqui no escritório. —Olhou para o relógio com os seus intensos olhos verdes—. A que horas é a reunião com os arquitetos?

—Ao meio-dia e meia.

—Ok. Avisa-me quando chegarem, e não te esqueças de trazer cafés e bolos para oferecer-lhes. —Foi até ao gabinete dela, fechou a porta e trancou-se para que não a incomodassem. C.J. respirou devagar para conter o nó que sentia na garganta e o ardor das lágrimas sem derramar.

Manteve-se encostada à porta durante um tempo. Os comentários no elevador não ajudavam no objectivo desse dia de ser forte.

Há anos que suportava não só a inveja, mas também o competitivo mundo profissional em que se movia. Apesar de tudo conseguia sempre manter uma máscara de inferência, mas hoje não era uma das suas melhores manhãs.

Olhou à volta. O sol matutino filtrava-se generosamente pela grande janela e criava uma atmosfera relaxante no meio do caos que era o dia a dia na Bostworth Corporation. A empresa fundada há 80 anos pelo avô Marcus, foi posteriormente transformada pelo pai, Cyrus, numa das companhias mais rentáveis de todo o estado de Tennessee.

O pai dela era um grande mentor, e ela adorava-o. Cyrus tinha-lhe recomendado que voltasse a sair, que era uma mulher inteligente e que devia deixar de recusar os convites de homens só porque um lhe falhou. Ela só sorria, porque o pai ignorava o doloroso motivo da separação.

Com um sereno suspiro afastou-se da porta e descalçou-se.

Meteu os *Louboutin* debaixo da mesa. Coçou com suavidade a planta dos delicados pés. Chateava-a ter de se mostrar sempre correta, eficiente e organizada, sem um cabelo loiro fora do sítio e com a resposta adequada para todas as perguntas. Tinha saudades da moça risonha, descontraída e ainda com a ilusão que o amor existia. Mas essa moça tinha sido débil e ingénua... A C.J. de agora parecia-lhe uma aposta mais segura.

Ligou o portátil e concentrou-se. Atendeu várias chamadas telefónicas, mas Fanny não a avisou de nenhuma novidade sobre os representantes de Zhurov & Companhia. O tempo começou a passar com bastante rapidez.

—Fanny? —perguntou através do interfone.

—C.J., a comida chega daqui a pouco.

—Obrigada, mas quero saber o que aconteceu com a empresa de arquitetos que contratei. A equipa jurídica acabou de me enviar uma cópia do contrato assinado, por isso os arquitetos deviam ter chegado há três horas —disse aborrecida.

—Desculpa, tentei contactar com o Sr. Danes, o representante encarregue da nossa conta, mas vai para *voice mail*. Telefonei para os escritórios da companhia e a rececionista disse-me que o presidente tinha ido ver uma obra. Não me quis dar o número de telemóvel quando perguntei por...

—As desculpas não nos servem —interrompeu—. Se não estão aqui até às três da tarde, telefona ao chefe da equipa jurídica para avisá-lo que nos reunimos segunda-feira logo de manhã para falar sobre as penalidades por incumprimento.

—Talvez tenham tido um contratempo... —apressou-se a dizer a secretária—. Às vezes a tecnologia falha, de certeza que queres ligar aos advogados? —perguntou com cautela. Fanny conhecia C.J. há muitos anos e sabia que detrás daqueles sorrisos frios e tom autoritário ainda se escondia a velha C.J., simpática e agradável que poucos tinham o prazer de conhecer—. Demoraste algum tempo para encontrar a melhor companhia para os teus objetivos e...

—Bem, parece-me que não são assim tão bons se não podem cumprir com uma simples visita ou ter a gentileza de dar uma explicação. —Suspirou. A semana tinha sido esgotadora—. Se até às cinco da tarde não se souber nada deles, telefona à equipa jurídica. Entendido, Fanny?

—Totalmente.

—Obrigada. —Desligou.

\*\*\*

—Repete o que acabaste de dizer —disse Xander preocupado. Mal conseguia entender as palavras de Erick, ele sussurrava.

—Ti... tive um acidente, desloquei o ombro e tenho uma costela partida. Ainda estou no hospital. Com toda a correria e burocracia, mais o seguro do outro carro...

—Estás bem?

—Sim, dentro do possível estou, de qualquer forma ia tirar uns dias de férias —disse tentando brincar—, acho que agora é o melhor momento para fazê-lo. Não vou ser muito útil nem no escritório nem nas obras... E a propósito das obras, Xander, não pude ir à reunião com a Bostworth...

—Imagino que tenham marcado para outro dia. Quando?

Erick hesitou e falou com cautela.

—Não cheguei a falar com a empresa, porque tive o acidente quando ia de caminho para a reunião, e depois com todo o processo médico... Desculpa...

—A tua saúde está primeiro —disse com sinceridade. Contudo, isso não diminuía a preocupação que tinha com o cliente—. É óbvio que o último em que pensaste foi no trabalho. Boas melhoras, Erick.

—O que é que vai acontecer com esse contrato? —perguntou com sentimento de culpa.

—Eu trato de tudo. Todos os empresários devemos entender que nem sempre as coisas saem perfeitas. Tenho a certeza que a Sra. Bostworth pensa igual —afirmou com o seu tom habitual auto-suficiente—. Diz à Reeva e ao Frank para assumirem os teus projetos até que regreses ao trabalho.

—Desculpa, Xander... já são cinco... devia ter ligado antes...

—O lado humano é mais importante —disse—. Contacta com os Recursos Humanos para que tratem do seguro médico corporativo. Vemo-nos dentro de umas semanas.

—Obrigada, chefe. Farei os possíveis por estar melhor em breve.

Xander já sabia que depender dos outros para obter resultados era absurdo. Ele tinha que resolver a situação.

Tirou o casaco do cabide e saiu. Era hora de ponta, por isso desceu à garagem e optou por ir na sua moto Ducati negra do que levar o Porsche azul. Pôs o capacete e ligou o motor.



## CAPÍTULO 2

A casa de dois andares no bairro *Green Hills* pertencia a C.J. Adequiriu-a quando os donos se decidiram desfazer da propriedade, porque há anos que não iam ali. Ela remodelou-a, pintou-a com mimo e pôs tudo ao gosto dela. A propriedade tinha três quartos, duas casas de banho, uma fantástica cozinha e uma sala cómoda com chaminé, para além de uma sala de jantar verdadeiramente adorável. O jardim era um sonho: de tamanho médio, com piscina e uma pequena zona para churrascos.

Para a remodelação da casa faltavam alguns pormenores, e foi para isso que contratou a empresa de *design* de interiores. De facto, não se tratava só de remodelar a casa. Com os pais estavam de viagem, ela queria oferecer como presente de aniversário de casamento a Cyrus, a remodelação completa do seu gabinete na companhia. Tinha umas semanas para consegui-lo.

Agosto era um mês muito quente e, nesse ano, a mãe natureza fazia questão de ser generosa. Depois de ir à massagem com a Chiara no centro da cidade, C.J. chegou a casa e mergulhou na piscina. À volta do jardim havia cercas altas de madeira, reforçadas por trepadeiras para dar privacidade. Com um sorriso contemplou o céu enquanto movia ligeiramente os pés e mãos para boiar na água.

Quando o pôr-do-sol começou a aparecer, aproximou-se nadando até ao borde da piscina e ao subir as escadas quase escorregou no último degrau ao ver um homem entrar pela porta do jardim. Deu um grito despavorido e começou a correr para fechar-se dentro de casa e ligar à polícia.

O homem seguiu-a sem que lhe desse tempo para lhe fechar a porta na cara.

—Espere! —gritou o desconhecido ao chegar atrás dela até à cozinha.

C.J., assustada, apanhou o primeiro que teve à mão. Um tacho.

—Se não se vai embora mato-o —ameaçou empunhando o utensílio de cozinha com força. Respirava agitadamente—Fora daqui! Vou gritar até que os vizinhos me oiçam e venham ver o que se está a passar!

Xander olhou-a com desconfiança. A mulher parecia não se dar conta que estava com um biquini preto minúsculo e que tentava ameaçar um homem que a superava com vantagem em força e altura, com nada menos que um tacho.

Ele não podia dizer muito a seu favor, principalmente porque tinha entrado em casa como um ladrão vulgar. «Situações extremas, exigem ações extremas», pensou, justificando-se.

—Chamei à porta mais de vinte minutos —disse pausadamente e muito consciente das curvas de sereia que tinha à frente dele. Talvez não fosse voluptuosa como lhe costumavam gostar as mulheres, ela era mais esbelta, mas produziu-lhe um anseio vivo que o deixou inquieto. C.J. tinha um corpo proporcional, sensual e elegante. Tinha de ignorar essa parte—. Fui ao escritório à sua procura, Menina Bostworth, mas já não estava. A senhora Lunberg disse-me que a podia encontrar aqui...

—E decidiu invadir a minha propriedade? —interrompeu-o colérica. Odiou sentir-se vulnerável. Não tinha como defender-se... a menos que avançasse uns passos à sua esquerda para alcançar umas facas. Não tinha má pontaria, por isso talvez...

—Espero que não esteja a pensar em cortar-me a rabanadas com essas facas —disse Xander ao ler as suas intenções—. Não lhe quero fazer mal. Tenho que falar consigo. Imagino que —olhou-a com um sorriso amável—, não podemos falar assim, está a tiritar. —Sorriu. Tirou do bolso traseiro um cartão de visita e entregou-o.— Sem querer justificar a minha intromissão, a porta traseira estava aberta. Talvez não tenha sido o mais sensato entrar sem esperar que me atendesse, mas a verdade é que o seu contrato é importante. Não gosto de dar uma má imagem e peço-lhe desculpa por a ter assustado desta maneira.

C.J. sentiu no corpo uma resposta visceral ao ver a aparência récia e viril desse homem. Parecia um deus grego. Moreno, olhos verdes azulados e muito alto. Facilmente conseguia imaginá-lo como um guerreiro: calmo a negociar, mas agressivo quando não se saía com a sua. E ela, contrariamente, estava quase nua, molhada e de certeza a fazer a figura da idiota atrapalhada ao tentar ameaçá-lo com algo tão ridículo como um tacho.

Pousou o utensílio.

—Quem é o senhor? —gritou cruzando os braços. «Idiota. Isto era o que devias ter exigido saber em primeiro lugar.»

—Xander Zhurov. —Entregou-lhe um cartão de vista com uma fotografia dele. C.J. aceitou com desconfiança. «A empresa de *design* de interiores.» Necessitava ganhar tempo. Não queria saber se era o secretário de Barack Obama ou o primo irmão do Papa Francisco. Queria parecer calma, porque era o único modo de fazer frente à situação. Estava em desvantagem.

—Os meus advogados vão entrar em contacto com a sua companhia na segunda-feira —disse ela—. As pessoas irresponsáveis não merecem trabalhar comigo. Só escolho os melhores, e acho que nesta ocasião me enganei. A porta está seguindo o corredor à esquerda. Nem pense voltar a intimidar-me desta maneira ou faço denúncia de si.

Xander deu um passo à frente com a mandíbula apertada. Ela era a dona da companhia com que queria trabalhar. Era a porta para outros contactos. Necessitava que o ouvisse, não que se sentisse incómoda.

C.J. retrocedeu instintivamente.

—Senhora Bostworth —disse com suavidade—, insisto. Lamento ter entrado desta maneira na sua casa. Gostava que me escutasse antes de mandar os seus advogados falar com os meus sobre o contrato. Se não a convenço explicando-lhe a razão porque Erick Danes não foi à reunião de hoje, então pode dar por terminado o contrato ou aplicar as sanções que considere pertinentes. A proposta parece-lhe justa?

A opinião que tinha em relação aos homens não era a melhor, mas neste caso só se tratava de algo profissional, e para os negócios tinha uma sensatez excecional. Tinha de pensar que não conhecia este homem. Mesmo que o cartão de visita tivesse a fotografia dele isso não era uma



garantia. E se fosse falso? E se estava aí de propósito para atacá-la?

—Desço num momento, senhor Zhurov —disse antes de desaparecer com a maior dignidade possível. Gostava de lhe ter gritado, atirar-lhe coisas até que se fosse embora, mas teria caído no ridículo. Ele tinha-a observado com aquele olhar que incomoda de uma maneira que não conseguia definir... era demasiado íntimo... demasiado... inquietante.

Xander contemplou-a enquanto se afastava. Passou a mão pela cara. A mulher era uma preciosidade. Porque será que a chamavam rainha do gelo? Cada poro da pele destilava paixão: a forma de falar e a expressão corporal.

Ele apanhou-a numa situação bastante rara e talvez por isso a verdadeira natureza de C.J. tenha surgido sem máscaras. Ela não levava nem uma gota de maquilhagem. E também não lhe fazia falta, pensou, enquanto perambulava pela sala.

A casa pareceu-lhe acolhedora, nada ostentosa apesar de se localizar naquele elegante bairro. Um espaço muito feminino, mas com carácter. Gostou do desenho. Os ângulos estavam trabalhados de tal maneira que o aspecto ao entrar era o de uma agradável cabana de luxo dos anos sessenta convertido numa mansão do século XXI. Uma mistura interessante.

Xander aproximou-se de uma estante pequena de madeira branca onde estavam várias fotografias familiares. Sorriu ao ver que C.J. estava descontraída, natural e se divertia numa das fotos em família, no que parecia ter sido um piquenique. Continuou a ver as fotos e deu com um envelope com o nome de Cassandra Jane Bostworth. Estava aberto. Voltou a deixá-lo no mesmo sítio.

«Então é Cassandra.» Um nome sensual e, sem dúvida, bem melhor que esse diminutivo “C.J.” Antes que ela descesse as escadas, Xander ouviu a sirene da polícia. Pareceu-lhe estranho, mas não prestou muita atenção, afinal era um bairro seguro e com gente adinheirada.

Cruzou os braços ao mesmo tempo que observava a escultura de uma pequena estatueta de madeira. Muito bonita. Um moinho de vento.

Tocaram à porta com firmeza. Xander esperou que C.J. descesse as escadas. Não o fez. Ele afastou-se da estante e pôs-se de pé perto das escadas que davam para o andar superior. Ela não aparecia.

—Senhora Bostworth, abra a porta! Recebemos um telefonema através do número de emergências. Está bem?

Xander ficou branco. Tinha ligado à polícia? Deus!

—Senhora Bostworth! —insistiram do outro lado da porta com voz potente e batendo com as mãos. No silêncio da tarde, também se ouvia o som do rádio portátil da patrulha.

Estava a ponto de abrir a porta quando apareceu C.J. Desceu as escadas sem olhar para ele, mas ele percebeu que não estava nada cómoda por tê-lo na sala e, para além disso, sabendo que ela tinha telefonado à polícia. Ele deixou-a passar, mas fez por dedicar-lhe um olhar penetrante.

C.J. aproveitou estar sozinha no quarto para telefonar para o número de emergência. Nem que fosse idiota. Mas assim que viu a cara desconcertada e chateada do tal Xander, se é que ele se chamava assim, sentiu-se insegura. Mas por acaso isso não era o que qualquer mulher com juízo teria feito?

«Não acredito nisto», ouviu C.J., murmurar a Xander, enquanto ela abria a porta de par em par.

Dois polícias muito altos e corpulentos apareceram em frente dela.

—Sebhora Bostworth? —perguntou um dos agentes. Matthew Ferguson, de acordo com o indicado na placa presa à camisa azul marinho.

—S...sim. Sou eu —respondeu com um sorriso tímido.

—Está bem? —perguntou o outro agente. Bradley Courick. Alto e com olhos pretos, intimidava.

—Eu...

Xander aproximou-se da porta e reconheceu a um dos agentes.

—Courick? O da Escola Secundária Roosevelt? —perguntou o arquiteto.

O agente sorriu com vontade.

—Opá, Zhurov! —O agente aproximou-se e deram um grande abraço—. Estás espetacular para quem tem quase cinquenta anos —disse a brincar, arrancando uma gargalhada a Xander. — «Terra engole-me, engole-me já e cospe-me na Tailândia», pensou Cassandra—. Agora vives aqui? —perguntou e depois olhou para C.J. —. O que é que se passa? Ela telefonou a pedir ajuda —disse de seguida, mas agora com um tom sério, enquanto o colega torcia o nariz—. Violência doméstica?

—Eu... agentes, acho que me enganei... —murmurou C.J., corada.

—Só isso? —espetou Xander sem esconder o quanto estava irritado.

—É que ele entrou na minha casa e disse ser um arquiteto que contratei... é uma longa história. Concluindo, tive medo que fosse um criminoso...

—Então fez bem em telefonar-nos, porque a nossa função é proteger os cidadãos, senhora —resumiu Ferguson.

—Obri... obrigada.

—Está a ser intimidada? Pode dizê-lo, nós levamo-la a um lugar seguro ou prendemos este homem —insistiu Ferguson.

—Vocês conhecem-se? —perguntó a Xander, e sinalizando o agente.

—Parece-se bastante evidente, não é? —respondeu o arquiteto, visivelmente irritado.

—Oh...

—Então é falso alarme? —perguntou Courick.

—Acho que sim, agentes... desculpem... obrigada por terem vindo —expressou C.J.

O rosto dos agentes tornou-se diáfano, assentiram ao mesmo tempo.

—Espero que vás à reunião de graduados no final do outono, Zhurov. Será bom ganhar-te no campo de futebol —disse Courick ao dar um aperto de mão o ex-colega de secundária e despedindo-se de C.J. com um sorriso.

Quando os dois agentes se afastaram no carro de patrulha, C.J. não o queria encarar.

—E agora? —perguntou Xander.

Ela não teve outro remédio que fechar a porta e enfrentar os factos causado pelo medo que sentiu. Justificado, obviamente. Voltou-se para Xander.

—Não tenho de lhe dar explicações. Se um estranho entrasse na sua casa, independentemente do motivo, também não ia pensar em telefonar à polícia, ou até se tivesse uma arma utilizá-la?

Ele surpreendeu-a com uma sonora gargalhada. A mulher tinha razão, pensou. O mais provável é que ele tivesse reagido da mesma maneira. Claro, no seu caso teria utilizado uma arma.

Não se podia queixar da reação da C.J., mas mesmo assim surpreendia-lhe o facto de pela primeira vez na vida ter de lidar com agentes da autoridade.

Foi uma grande coincidência o Courick estar de turno nesse horário, já que evitou um momento difícil e, para além disso, corroborou a sua identidade à C.J. Qualquer dia convidava o amigo para uma cerveja.

—Agora que sabe que sou quem digo ser, aceita as minhas já reiteradas desculpas por ter entrado na sua casa, sra. Bostworth?

Não ia fazer mais dramas, pelo menos não com a identidade do homem.

—Sim, aceito as suas desculpas. Bem, eu sou uma pessoa muito ocupada, por isso terminamos com esta situação tão inusitada. Sente-se, se faz favor. —Tinha posto um vestido azul marinho de verão até aos joelhos, com mangas curtas e cintado na cintura. Umas *flats* a condizer e o cabelo ainda ligeiramente húmido penteado para trás. Já não podia fazer nada em relação à visão que ele tinha tido do seu corpo em biquini, de certeza que se tinha dado conta que sensualidade ou feminismo era o que menos havia—. Quer tomar alguma coisa?

—Não, obrigado. Posso chamar-lhe Cassandra?

Ela olhou-o surpreendida e começou a formular uma pergunta com os lábios, mas ele antecipou-se.

—O envelope na estante —assinalando-o com o dedo indicador— tem o seu nome. Não o abri. Não sou mal educado —explicou ele.

C.J. assentiu lentamente. Este homem parecia rude, mas os seus modos não o eram, excepto

pela intrusão na casa dela. O aspecto dele de guerreiro intimidante contrastava com a cadência envolvente do seu tom de voz e aquele corpo atlético e musculoso suavizava com roupa à medida.

Como seria Xander Zhurov quando perdia o controlo, perguntava-se ela. Seria um estouro como um momento épico de força e virilidade... por exemplo na cama? Ao dar-se conta que ele estava à espera de uma resposta corou.

—Ninguém me chama Cassandra... —Era ridículo, mas o facto de ele a chamar pelo nome próprio parecia-lhe apropriado. Nos lábios de Xander parecia mais uma carícia. Definitivamente estava a perder o juízo—. Todos me conhecem por C.J., por isso pode chamar-me o mesmo.

Ele quis insistir dizendo que era uma alcunha demasiado simples para descrevê-la e que Cassandra era mais cativante, mas a final ele não estava ali para falar com essa mulher nada para além de temas de trabalho.

—Bem —respondeu Xander enquanto se sentava numa poltrona branca. Muito confortável para um homem grande como ele. De repente sentiu curiosidade pela máscara de suficiência que agora ela tinha. Quem seria ela na realidade? Bom, ele tinha a Caroline como amante, não necessitava perder tempo com uma convencida. O melhor era deixar de lado as suas apreciações masculinas—. Trato-a por C.J., então.

C.J. sentou-se à frente dele.

—Quero ouvir a sua explicação e depois peço-lhe que se vá embora.

Xander não se podia mostrar tão airoso como costumava ser quando o tratavam como se ele fosse um incómodo. Por acaso esta mulher não conhecia a reputação da sua companhia? Era uma das melhores de todo Tennessee. Mas as condições eram diferentes, por isso assumiu o papel com base no contexto.

—Sou o presidente da companhia. Tenho três equipas de profissionais designados para clientes diferentes. Eu encarrego-me da carteira de clientes mais antiga e eles das recentes. Erick Danes ia levar os requisitos de Bostworth Corporation, mas durante o caminho para o seu escritório teve um grave acidente de carro. Tem duas contusões e não se vai poder mover durante várias semanas. Foi por esta razão que ele não compareceu e eu só soube disto há uma hora e meia atrás e fui ao seu escritório dizer-lhe. Não queria que tivesse uma má impressão da minha empresa.

C.J. compreendeu.

—Lamento o que sucedeu ao sr. Danes —disse com sinceridade—. Isso significa que me vai atribuir outra equipa?

—Não. Isto significa que eu, pessoalmente, me vou encarregar da sua conta para garantir não só a qualidade do trabalho, mas também para lhe demonstrar que a minha empresa é séria e comprometida.

—Ok —expressou com indiferença fingida. Só a ideia de ter ese homem na casa dela ponha-a nervosa—. Siga-me, se faz favor, vou mostrar-lhe os sítios da casa que necessito

remodelar.

Xander mostrou-se surpreso.

—Na sua casa?

Ela sorriu. Não era um sorriso cálido, mas de confiança.

—No contrato há uma cláusula de confidencialidade por esta razão. Qualquer coisa que o senhor ou a sua equipa escute não se pode tornar público. Incluindo o incidente de hoje. Nem as suas considerações a respeito. Nada.

—Porque é uma criminosa? —perguntou Xander com tom de brincadeira.

Ela olhou para ele séria.

—Não, sr. Zhurov, porque o passado está sempre à espreita —disse de forma críptica—. Agora, siga-me, se faz favor. Vou-lhe mostrar os espaços que preciso melhorar.

Percorreram a casa, conversaram sobre inquietudes ou sugestões no trabalho a realizar, enquanto Xander apontava mentalmente notas de tudo. O quarto de convidados estava uma desgraça, considerou o empresário. Estava bastante velho e era necessário mudar o chão de parquet, as vigas do tecto e fazer um bom desenho para redistribuir o espaço, já que C.J. o queria com mais luz. Para isso tinha de ampliar a janela pequena que dava para a rua.

Depois passaram pela biblioteca ou pelo menos o que tinha sido dela. O cheiro a mofo ainda se sentia no ar. As estantes estavam corroídas pelas traças, o espaço parecia sombrio e nada convidativo para alguém querer ler alguma coisa, mas sim para fugir dali o mais rápido possível. De seguida desceram as escadas e saíram para o jardim.

—Esta é a parte mais importante do seu trabalho —disse e abriu a porta maltratada de que outrora tinha sido uma grande adega—. Não há luz. Está cheia de objetos velhos e sem utilidade. Quero que desenhe um quarto de desenho. Preciso janelas, também uma chaminé pequena e uma prateleira ampla para guardar os utensílios apropriados.

Ele olhou à volta, estudando.

—Pode-se ter vantagem para um segundo andar. Talvez na parte inferior possamos deixar a chaminé. O espaço para os utensílios que solicita pode ser uma sorte para os fornecedores de materiais habilitando a construção de uma planta superior, adaptada de forma suficientemente ampla para caberem cavaletes e para que haja liberdade de movimento.

Ela sorriu, e Xander pensou que assim parecia mais bonita. Sentiu vontade de beijar esses lábios delicados e rosados. Apertou a mandíbula. Era a oportunidade de expansão para a sua empresa. Não era uma mulher para envolver-se de maneira nenhuma.

—Gosto da ideia —disse satisfeita.

—É preciso fazer mais alguma coisa nesta zona?

—Não. Na segunda-feira quero que passe pela minha empresa e veja o gabinete do meu

pai. Essa é a segunda parte do trabalho. Quero mudá-lo totalmente. Quero dar-lhe um ar mais moderno e cálido. Está igual desde que o meu avô fundou a empresa. É o meu presente de aniversário de casamento para ele —disse com entusiasmo—. Passa a maior parte do tempo nesse gabinete, por isso merece que seja mais funcional e acolhedor.

Saíram do pátio e atravessaram a porta da cozinha.

Caminharam até à sala.

—Tenho várias reuniões agendadas, mas assim que me seja possível passo pela sua empresa. A minha secretária entrará em contacto. Tem alguma hora específica que lhe venha melhor?

—Às quatro da tarde.

—Perfeito. —Olhou para o relógio—. Se não houver mais nada para ver...

—É tudo.

Ele assentiu e dedicou-lhe um sorriso.

—Até segunda-feira. E desculpe o modo de como nos conhecemos.

—Espero que não volte a acontecer.

—Não me parece —sorriu—. Adeus, C.J.

Ela murmurou uma incoerência quando ele se afastou. Reparou que ele tinha um bom traseiro. Sim, talvez fosse a altura para coquetear um pouco com o sexo oposto. Vontade não lhe faltava e oportunidades também não. Infelizmente muitos dos seus pretendentes aproximavam-se com a mesma motivação que tinha tido Noah: vínculos empresariais. Depois havia o outro grupo: os que queriam demonstrar que tinham conquistado a dama de gelo. Ela não estava disposta para que falassem a custa dela.

\*\*\*

Quando Xander chegou a casa dirigiu-se ao frigorífico e tirou uma cerveja. Destapou-a e deu dois longos goles. Sentiu a garganta fresca. Hoje tinha tido um encontro bastante interessante.

Porque seria Cassandra tão reservada, perguntava-se. O que teria motivado as pessoas para que a chamassem dama de gelo? Se estava convencido de algo era que estava disposto a tudo, não apenas para se consolidar comercialmente, mas também para desvendar os segredos de C.J. Bostworth.

—Olá Xander! —disse uma voz feminina desde a porta metálica que dava para uma entrada de casa que usava poucas vezes. Ele revirou os olhos.

Não tinha vontade de ver a vizinha. Melissa era um incórdio absoluto. Tinham tido relações duas vezes. Quando a quis deixar, há seis semanas, ela não entendeu a mensagem. Insistia em que estavam bem juntos.

Ele não era nenhum parvo, não podia mandá-la embora. A verdade é que ela era boa pessoa, mas demasiado dependente. Sem dúvida que tinha sido um grande erro ter relações com uma pessoa que vivia a pouca distância. Não ia cometer um erro deste tipo outra vez.

—Melissa, tudo bem? —perguntou, deixando a cerveja em cima da mesa, antes de ir até à porta. Abriu e a mulher quase se atirou para os braços dele.

A ruiva, ao sentir a renúncia de Xander, afastou-se amuada.

—Sim —sorriu—. Queria saber se por acaso querias jantar comigo. Fiz lasanha. Esta noite o Allan ficou a dormir em casa de uns amiguinhos da escola —disse de forma sugestiva.

Pôs a uma mão no ombro dela. Era mãe solteira e a Xander não lhe saia da cabeça que o que ela queria era caçar um marido. Não ia ser ele. Não tinha tempo para uma família.

—Uau, isso promete, mas tenho uma reunião daqui a pouco tempo.

—Oh... Talvez quando regresses possamos tomar um copo? —perguntou com esperanças.

Cego não era. E sabia apreciar uma mulher bonita e com boas curvas. Melissa Sanders entrava nessa categoria. Mas a novidade de duas noites era suficiente. Em geral, costumava ser assim com a maioria das mulheres com quem tinha relações sexuais. Divertia-se duas noites e depois preferia seguir o seu caminho, sair com os amigos e trabalhar como um mouro até conseguir o que desejava: expansão corporativa.

—Desculpa, Melissa. Já tínhamos falado antes. És boa moça e...

—Não continues. Imagino que estejas interessado em alguém. É isso? E eu só fui um mero entretenimento? —perguntou furiosa.

Ele franziu a testa confuso com esta reação. Não lhe tinha prometido nada.

—Não estou interessado em ninguém e acho que fui claro que entre tu e eu seria só sexo. E já se acabou. Agora, se me desculpas...

—És um egoísta.

—Provavelmente —respondeu cansado.

Melissa, chateada, saiu e bateu com a porta. Xander subiu para o quarto. Estava cansado.

Curiosamente, nessa noite sonhou com uma mulher loira com uns intensos olhos verdes. Uma mulher com curvas elegantes e cujo nome pronunciava enquanto a acariciava com ansiedade. Cassandra.





## CAPÍTULO 3

Há três dias que a equipa de Xander trabalhava em casa de Cassandra. Avançavam bastante rápido e ela mal notava o incómodo. O homem era muito competente e não lhe telefonava para perguntar disparates. De facto, durante estes dias tinha-o visto muito pouco. Depois do estranho encontro na casa de *Green Hills*, em que tiveram uma conversa profissional, viu-o na segunda-feira, quando esteve a tirar as medidas do gabinete de Cyrus.

—C.J., porque é que ainda estás no escritório? —perguntou a secretária confusa. O ar-condicionado estava no máximo, as temperaturas eram sufocantes. Mas não podiam deixar de trabalhar devido ao calor.

—Porque esta empresa tem de ter um chefe que a dirija —respondeu com um sorriso.

—Por amor de Deus, é o teu aniversário. Porque não vais para casa cedo? Marcas um encontro como deveria uma mulher bonita como tu. Vá lá, C.J., são cinco da tarde. —Viu muitos presentes organizados num canto do gabinete da gerência—. Vou dizer ao motorista do teu pai que leve os presentes para casa.

C.J. encostou-se na cadeira do gabinete que tinha mandado fazer. Era linda e muito cómoda para os problemas de costas que tinha. Não teria permitido a ninguém que lhe falasse dessa maneira, mas já trabalhava com a Fanny há muito tempo e conhecia-a. Era uma excelente colaboradora e, há algum tempo, quando a vida dela ainda estava sobre rodas, costumava ouvir os seus temas profissionais e aconselhava-a.

—Fanny, acho que a partir dos 30 as mulheres não querem saber de fazer anos.

Fanny olhou para ela de boca aberta. Depois abanou a cabeça negando.

—Mas hoje só fazes 32. Estás na flor da juventude. Tens toda a vida pela frente.

—Certamente se tivesses sido a minha carabina na Inglaterra do século XVIII tinham-te despedido por dizer tal disparate.

Fanny riu-se.

—Só hoje, ok? Quem sabe se não te encontras com um homem lindo como esse arquitecto que trouxeste no outro dia. Que giro! Até podes procurar um encontro por Internet, agora está na moda. Tinder?

C.J. começou-se a rir. Era verdade. Xander era um homem com todas as letras. Mas trabalhava para ela, e ela não costumava misturar trabalho com prazer. Não queria voltar a passar por uma situação igual à do Noah. Esse parvalhão.

Mal saiu a sentença de divórcio recuperou o nome de solteira. Ter o apelido Caldwell, depois da humilhação que passou nas mãos desse imbecil, parecia-lhe masoquismo. Ela já tinha aprendido muito bem a lição. Preferia um homem longe do seu círculo laboral.

—Tenho de... —negou com um sorriso—. Sabes uma coisa, Fanny? Talvez seja o momento de me mimar com mil calorias.

—Assim é que é! Vai-te embora que eu guardo o forte. É só um dia.

—Só um dia —repitiu com um sorriso antes de se levantar e arrumar as suas coisas.

Para C.J. o dia de aniversário não era nada de especial, porque a família estava espalhada por vários pontos do globo a fazer várias atividades. Todos lhe telefonaram de manhã muito cedo e também lhe prometeram jantar juntos quando as agendas coincidissem em Nashville.

Trinta e dois anos. O que podia contar? Um casamento fracassado que durou apenas três meses. Dois anos com uma vida sexual inativa. Dececionada com o amor. Contudo, a sua vida profissional ia de vento em popa. Nada era perfeito. Ela era um excelente exemplo para essa frase.

Quando conheceu Noah, há oito anos atrás, ele trabalhava na área de importações da empresa Caldwell. Uma companhia reputada que se dedicava a trazer para Tennessee artigos de luxo para automóveis de coleção e substituição. Trabalhava num nicho muito exclusivo e o pai dela, Cyrus Bostworth, quis dar um toque mais elitista à cadeia de lojas Bostworth, incluindo no leque de opções de compra o que Caldwell oferecia.

Houve passeios nas casas de verão com os Caldwell, festas, dias no campo, piqueniques e outros acontecimentos familiares e sociais em que o Noah esteve sempre presente desde a assinatura do convénio. Um contrato com uma década de vigência e com data de validade à porta.

Ao princípio, Noah comportava-se de uma forma um pouco distante com ela, mas a veia intelectual dele, a conversa agradável e um corpo de infarto fizeram com que o visse desde outro ângulo. Rapidamente descobriu que era um homem protetor e muito cioso da sua privacidade. Demasiado.

Durante vários anos foram bons amigos. Dava-lhe conselhos sobre relacionamentos, até que começou a sentir-se atraída por ele. Tentava tirar da cabeça essa ideia, porque detestava misturar negócios com prazer. Não é que ela tivesse uma relação direta com ele, era sobretudo o seu pai, mas na perspectiva dela era o mesmo.

Uma noite, depois de ter ido ao cinema com amigos, Noah disse-lhe que estava apaixonado por ela. C.J. nem queria acreditar, porque ele nunca se tinha comportado de modo a que ela interpretasse como amor os gestos que ele tinha com ela. Ao princípio recusou amavelmente, mas ele foi insistente, cuidava os pormenores e parecia conhecê-la perfeitamente.

Não era do tipo de ter sexo com qualquer um. Contudo, gostava muito de Noah. Muito. A química não era eletrizante, mas ela não precisava disso na vida. Preferia a calma e o controlo ao caos. Aparentemente, ele estava em sintonia com ela. Três semanas depois de começarem a sair ele pediu-a em casamento.

O pedido de casamento surpreendeu-a. Noah disse que a conhecia há muitos anos, que era ridículo adiar o inevitável e que no amor as coisas não se mediam por tempos. Tão tonta acreditou

nele.

O seu pai estava exultante e a mãe também, porque tinham carinho ao Noah e aos pais dele, Catalina e Justus Caldwell. Ela pareceu-lhe que as coisas estavam a seguir o seu curso normal. Anos de amizade, compreensão, companheirismo e atração sexual.

Ficou muito surpreendida quando ele lhe disse que preferia esperar pela noite de núpcias para que o sexo fosse mais especial. Isto era muito diferente ao que costumava ouvir dos homens. Quando saía com algum homem não demorava muito para que ele quisesse chegar às suas cuecas. Noah, não. E foi essa capacidade de autocontrolo que a convenceu a aceitar casar-se com ele.

A cerimónia foi lindíssima. A família de ambos esteve toda presente e os amigos mais próximos. O único senão para C.J., era sempre a atitude do melhor amigo de Noah, Armie. Ele parecia odiá-la, mas quando Noah estava por perto era o encanto personificado. Os pais do Noah adoravam-na. O casamento dos Caldwell era sincero.

Se ela tivesse sido mais astuta tinha evitado três meses infames cheios de mentiras e decepções. O feito feito está.

Já tinham passado quase dois anos desde o casamento.

Agora, não podia deixar à luz o segredo que tão bem guardava consigo. Não só porque seria o tema de conversa da alta sociedade, mais do que já era atualmente, mas porque o departamento de partes de automóveis de coleção da cadeia de lojas Bostworth Luxury gerava numa venda o que os outros departamentos demoravam dois meses em conseguir.

Não podia permitir que o pai sofresse por um erro seu.

Esperava que os próximos meses passassem rápido. Assim que o pai voltasse do Mediterrâneo ia-lhe dizer que renovar o contrato com Caldwell era uma má ideia. Oxalá que ele se convencesse do mesmo, de modo a substituir este departamento por um com a mesma rentabilidade.

Saiu do carro.

Abriu a porta de casa e o cheiro a madeira recém pintada chegou desde o átrio. Caminhou franzindo a testa. Eram seis da tarde. O tráfego da hora de ponta já tinha abrandado um pouco. Tinha passado por uma pastelaria para comprar o seu doce favorito de chocolate e amêndoas. O seu aniversário merecia essas mil calorias.

Abriu a porta deslizante do jardim e olhou lá para dentro.

Estava vazio. O material de trabalho dos arquitectos e pedreiros estava espalhado por todos os lados. Já se viam os primeiros vestígios da sua casa de desenho. Isso fê-la sorrir. Zhurov & Companhia tinha o prazo de duas semanas para fazer o projeto. Afinal, aparentemente, a sua vida tão normal e aborrecida mantinha os cânones do controlo que ela tanto preferia.

Preparou um banho de espuma. Pôs a refrescar o champanhe. Ligou o ar-condicionado e depois escolheu um lindo vestido violeta sem alças curto. Que ela tentasse aparentar segurança nela mesma como mulher diante dos outros era uma coisa, mas vender essa

ideia ao seu cérebro era um assunto totalmente diferente. Contudo, como hoje fazia anos ia tentar não dar cabo da festa para ela mesma.

Despiu-se disposta a mergulhar num banho especial de aniversário quando tocou o telefone. Fez uma careta. Dirigiu-se à mesa de cabeceira e atendeu.

—Feliz aniversário! —exclamou uma voz conhecida do outro lado da linha— Imagino que estejas à procura de lingerie sexy para esta noite.

C.J. revirou os olhos. Serena Woods, a sua melhor amiga, picando-a sempre. Era faladora e conheciam-se desde crianças.

—Achava que te tinhas esquecido do meu aniversário —respondeu com uma voz que fingia ofensa. Serena nunca se esquecia de uma data. Tinha uma memória fantástica. Às vezes podia ser um problema, mas em geral, era uma qualidade excepcional para o trabalho de advogada criminologista que exercia.

—Isso nunca! Estive ocupada. E como sei o divertida que és desde que te divorciaste daquele imbecil —disse sarcasticamente—, queria convidar-te para jantar, para que no fiques aí em casa entretida sozinha com o Andy.

—Mas quem é o Andy?

—O teu vibrador, quem devia de ser?

C.J. deu uma gargalhada.

—Não tens remédio, Serena. Uma vez que a minha família está fora da cidade e tu és a minha única amiga que não tem problemas com *babysitters*, o que é que achas? Aceito o teu convite.

—És tão difícil —respondeu enquanto se ria do seu próprio sarcasmo—. Uma noite de mulheres com muito álcool num bar de homens sensuais.

—Ah, não.

—Oh, sim, já é altura que acabes com esse estigma de que não és suficientemente boa para atrair o sexo oposto.

—Serena...

—“Serena” nada. Põe-te giríssima e sexy. Ok? Anda!

—É quinta-feira...

—Exactamente. Temos o fim de semana todo para celebrar. Passo pela tua casa às —olhou para o relógio enquanto piscou o olho ao pessoal que estava a limpar a casa— oito da noite.

—Faltam mais de três horas.

—É o tempo suficiente para que te vistas e te maquilhes com esmero.

—Obrigada, Serena...

—Oh, as melhores amigas são para isto.

—Sim.

—Adeus, Cassy! —despediu-se com o nome que só os seus familiares a costumavam chamar.

Serena Woods era uma advogada de êxito e disposta a dar um pontapé no rabo a quem tentasse brincar com ela. Tinha aprovado no exame na barra de Nova Iorque, o que a habilitava a exercer advocacia nesse estado e também tinha obtido uma das notas mais altas no estado de Tennessee.

Aos 32 anos de idade, Serena estava felizmente casada, mas não tinha filhos. Ela e o marido, Martin, quando ainda namoravam, decidiram que filhos não faziam parte dos seus planos. Serena era demasiado independente para atender as necessidades de outro ser humano que não fosse a sua família já formada, os seus amigos e o homem que amava. Todos de acordo.

Por acaso as mulheres têm todas de ser mães para ser chamadas de “mulheres”, em todos os sentidos da palavra? Obviamente que não. Sim, ela respeitava o facto da Cassandra querer ser mãe e desde o divórcio com Noah, tentava apresentar-lhe amigos solteiros e bons partidos. Às vezes só com a intenção de que ela tivesse uma aventura.

Cassandra aceitava sair com alguns homens, mas eles só queriam sexo e ela não se sentia preparada para que outro homem a desprezasse e humilhasse como o Noah tinha feito. Não conseguia lidar com viver esse pesadelo novamente. Talvez quando alguém especial aparecesse na vida dela... mas ela não acreditava nas lendas urbanas sobre o amor.

\*\*\*

—Pelo menos fizeste-me caso —disse Serena, vestida com um belo vestido de cocktail com apenas uma manga em tom vermelho e com sapatos a condizer, estava surpreendente. Era uma morena linda com olhos castanhos—. Estás muito gira!

—Eu digo o mesmo de ti.

—Sim, bem, mas quem faz anos és tu. Essas sandálias de salto de agulha ficam-te espetaculares.

—Gosto delas.

Sentadas no Mercedes Benz prateado de Serena, a advogada virou-se para a melhor amiga.

—Ouve-me, e ouve-me bem, Cassandra. Tens de deixar para trás o teu passado com o palerma do Noah. Porque te continuas a justificar por vestires de uma forma ou de outra? Porque é que pensas que mais nenhum homem te pode desejar? Porque te continuas a sentir menos mulher? Já chega! O teu divórcio já foi há mais de um ano. Já é altura de passar página.

—Eu...

—Oferece a ti mesma como presente de aniversário a oportunidade de desfrutar de um novo começo. O que dizes?

C.J. soltou um suspiro. Fechou os olhos e abriu-os segundos depois.

—Só tenho medo que...

—A sério, Cassandra, o Andy não é o melhor na cama.

Isso fê-la rir.

—Saímos do carro e vamos comer.

—Ok —respondeu Serena com um sorriso maroto, enquanto saía do Mercedes Benz. Martin estava um pouco indisposto, mas tinha enviado um lindo ramo de flores amarelas e brancas à Cassandra, desculpando-se por não poder ir jantar com elas.

A fachada do restaurante era muito acolhedora, parecia uma casa de campo, e desde fora não se podia ver o interior. Imaginou que esse fosse um dos sítios que a amiga mais gostasse de conhecer. Porque se alguém conhecia os sítios na moda em Nashville, esse alguém era Serena.

C.J. surpreendeu-se por ver tantos carros estacionados. Avançou com um sorriso, enquanto contava à Serena o episódio com Xander. Serena começou a rir-se enquanto caminhavam para a porta.

—Ainda bem que reservaste.

—Já sabes, mulher precavida...

—...vale por duas —completou C.J., enquanto o empregado que exercia de anfitrião lhes abria a porta.

Cassandra pôs um pé dentro.

—Surpreeeesa! —gritaram todos os convidados.

Ela olhou boca aberta para Serena.

—Não podias estar só comigo, por isso arrastrei os nossos amigos, as pessoas que trabalham contigo e te apreciam e eu, claro! Feliz aniversário, C.J.! —explicou Serena ao mesmo tempo que lhe dava um grande abraço.

—És a melhor amiga do mundo.

—Eu sei —respondeu a rir-se—. Agora vai aproveitar as felicitações. Até contratei um grande amigo para vir cantar hoje. —Piscou-lhe o olho, antes que todos os presentes se aproximassem para felicitá-la.

Estavam alguns primos, vários amigos da universidade que não via desde os tempos de festa. Serena tinha conseguido que os seus irmãos estivessem presente. Eles contaram-lhe que tinham adiantado o regresso da viagem de negócios para estar com ela e estavam acompanhados pelas esposas. Também houve uma ligação online com os pais desde o Mónaco e a surpreendente

apresentação de Luke Bryan. O cantor *country* era muitíssimo famoso, oriundo da Georgia, e as suas canções eram um *hit*. Não era em vão que tinha ganho variadíssimos prémios da indústria musical.

Depois de duas horas de felicitações e sorrisos, C.J., transbordava alegria. A comida estava fantástica, mas a presença das pessoas que realmente lhe importavam não tinha preço. Serena até tinha conseguido que a sua secretária estivesse presente.

De facto, Serena confessou-lhe que tinha sido Fanny quem lhe tinha proporcionado a lista dos convidados e colaboradores mais próximos. Não chegavam a dez, mas era uma equipa com a qual C.J. contava e, sobretudo, eram pessoas leais.

Estavam prestes a cantar-lhe os parabéns quando a porta da frente do restaurante se abriu abruptamente. Apareceu a pessoa que C.J. menos esperava encontrar. Xander Zhurov.

Ela ficou sem palavras. Os convidados pareceram não reparar no recém chegado, já que se estavam a rir de comentários feitos entre eles e celebrar pela C.J. Esta olhou para Serena, interrogando-a, e a amiga disse-lhe que perguntasse à Fanny.

—Fanny... o que é que o arquitecto faz aqui? —indagou com um murmúrio muito discreto, enquanto o seu irmão Linux, alheio à situação, acendia a vela do bolo de chocolate branco.

—Achei que como está a trabalhar contigo estava bem inclui-lo como parte do *staff* da empresa. Fiz mal?

C.J. soltou um suspiro. Era ridículo discutir isso. Sabia que a Fanny tinha sempre as melhores das intenções. Se ela considerava que servia para algo bom convidar o Xander, o que ia fazer?

—Não tem sentido discutir isso —sussurrou—. Obrigada por manteres o segredo, foi uma verdadeira surpresa.

A resposta de C.J. tranquilizou Fanny, quem já pensaba ter posto o pé na poça.

—De nada —respondeu no mesmo tom baixo e com um sorriso.

As luzes apagaram-se e à sua volta começaram a cantar os parabéns antes de soprar as velas pelos seus 32 anos. Antes de soprá-las pediu um desejo, como fazia sempre pelo aniversário. Sorriu e olhou para cima ante os aplausos e gritos dos convidados.

A pessoa cujo olhar ficou preso no seu quando começaram a cortar o bolo tinha olhos verdes. C.J. corou e afastou o olhar para ouvir uma piada que o seu irmão Charles estava a contar.

Não costumava ser tímida no ambiente de trabalho nem para negociar. Tinha uma personalidade forte e não deixava que ninguém pensasse que por ser mulher a podiam subjugar na sala de reuniões. No caso de Xander, as circunstâncias em que se conheceram estavam longe de ser as *normais*, e por isso, sentia-se um pouco insegura.

Talvez com o sexo oposto tivesse contratempos, mas tinha uma visão perfeita e Xander era um homem e tanto. Alto, cabelo castanho, olhos hipnóticos e traços marcados, davam-lhe um aspeto

impactante. O tipo de homem que podia ter qualquer mulher a seus pés.

Tinha a certeza que depois de a ter visto em biquini, a única coisa que lhe podia interessar era receber o pagamento pelo trabalho que estava a fazer. Não era parva. Sabia que, à diferença dessas mulheres voluptuosas e bonitas, ela era muito banal. Alta, magra e com pena por não ter nascido com mais peito.

Não podia pensar na ideia de que outro homem a ia voltar a ver despida. Não gostava da rejeição e disso já tinha tido a cota suficiente durante o pesadelo do seu breve casamento.





## CAPÍTULO 4

O telefonema da secretária da C.J. surpreendeu-o. Convidava-o para uma festa de aniversário surpresa, porque na opinião dela era uma maneira de conhecer melhor a chefe. Xander pensou em recusar o convite, mas depois considerou interessante a possibilidade de interagir no ambiente dos Bostworth.

Além disso, sentia-se intrigado e cativado pela beleza de C.J. Tinha vontade de conhecê-la como não lhe acontecia desde há muito tempo com nenhuma outra mulher, e não tinha nada a ver com as ligações sociais que ela pudesse ter devido ao negócio que administrava.

Ao ir para o restaurante recebeu uma mensagem da irmã, mais mais nova do que ele, Annika, a dizer-lhe que ia visitá-lo com a sua filha Sasha. Isso alegrou-o. Gostava da ideia de estar com a irmã. Ela vivia em Dallas, no Texas, com o marido Connor O’Riley.

Os pais do Xander tinham falecido há anos. Já tiveram filhos tarde. Anton Zhurov morreu com um ataque de coração e Kathrina, embora muitos não acreditassem que acontecesse, de tristeza.

Kathrina negou-se a comer, dizia que não tinha razões para viver. O amor dos seus pais era admirável. E se algum dia chegasse a casar, ele não esperava menos do que tiveram os seus progenitores.

Tinha 38 anos, mulheres não lhe faltavam na cama quando lhe apetecia dar renda solta à paixão e a sua carreira ia de vento em popa, mas ainda não tinha necessidade de assentar. Também não havia nenhuma mulher com quem quisesse passar muito tempo sem começar a sentir-se preso. A amante actual, Caroline, entendia muito bem o acordo. Nesse sentido eram perfeitamente compatíveis. Nunca pedia mais, nem ele pensava dar-lhe mais do que ambos davam na cama.

A irmã insistia para ele deixar o escritório de lado durante um tempo e se dedicar a aproveitar o dinheiro que tinha ganho desde que abriu a empresa tão jovem. «Talvez mais tarde», respondia sempre, para frustração de Annika.

Tinha pensado em ir acompanhado ao aniversário de C.J., mas depois pensou melhor. Era um assunto de trabalho, mesmo que tal não se estivesse a realizar num ambiente corporativo.

C.J. estava lindíssima. A facilidade com que se movia e a elegância inata que tinha convidavam a olhá-la longamente. Mas esse seu sorriso, muito longe da cortesia com que costumava trata-lo no escritório, deixou-o impactado. Se já a considerava bonita por ser tão transparente, com essa expressão de alegria que tinha conseguia ser linda.

—Queres bolo? —perguntou uma mulher com olhos cor de café, vibrantes, passando-lhe um prato.

Ele disse que sim com um sorriso.

—Obrigado...?

—Serena Woods. A melhor amiga da homenageada —sorriu—. É a primeira vez que te vejo. De onde conheces a Cassy?

Xander provou o bolo. Delicioso. Gostava de chocolate branco e adorou a explosão de sabores na boca. Tinha amêndoas e morangos.

—Trabalho na redecação da casa de Cassandra e do gabinete do pai dela na sede da companhia. —respondeu—. Chamo-me Xander Zhurov —disse.

Estendeu-lhe a mão e Serena apertou-a.

—Interessante... —disse ela contendo um sorriso. Este arquitecto era a única pessoa que parecia chamar a atenção da sua amiga Cassandra—. É muito difícil o que fazes, Xander?

—O trabalho que faço é, sem dúvida, mas adoro. Vivo para isso. —disse com educação. A mulher agradava-lhe. Contudo, achava que o estava a avaliar. Não entendia porquê, mas como se relacionava no mesmo círculo do que Cassandra, preferia tê-la como aliada.

—Claro, a arquitectura ou a decoração não são a minha praia, mas sei apreciar o trabalho dos outros —comentou. De facto, perguntava-se porque razão C.J. não lhe tinha dito que o arquitecto com quem trabalhava era um pão dos pés à cabeça. Ainda bem que estava louca pelo Martin, porque se fosse solteira... —. Eu sou advogada. Criminologia. Assim que nem imaginas com o que tenho de lidar.

Xander assentiu.

—O meu pai era diplomático e advogado. Um muito bom. —Sorriu—. Obrigado pelo bolo. Está excelente!

—Ainda bem que gostas. É o favorito de Cassy. —Abriu ligeiramente os braços, apanhando o espaço à volta de algum modo—. Bom, mistura-te com os convidados, aproveita a noite.

—Vou fazer isso.

Se alguma coisa tinha aprendido bem da sua mãe é que nunca se podia ir a uma reunião social, principalmente se eram ocasiões especiais, sem levar um presente. Geralmente, Xander costumava levar vinho, mas como se tratava de um aniversário optou por algo mais clássico.

Estava a ponto de sair para fazer um telefonema quando C.J. se aproximou.

—Feliz aniversário, C.J. —disse ele com o tom de voz que a arrepiava—. Tentei aproximar-me, mas estava muita gente perto de si. De certeza que se pergunta o que faço na sua festa surpresa —comentou de modo encantador—. A sua secretária...

—Oh, não tem de explicar nada —interrompeu amavelmente—. Obrigada pelo seu tempo. Sei que é uma pessoa muito ocupada.

Ele sorriu. «Uau, que distante e educada», pensou ele. Perguntava-se como reagiria com um beijo. No meio da névoa da paixão na cama. Seria realmente tão fria como a descreviam?

—Está a divertir-se? —perguntou ele—. Vejo que tem pessoas que a apreciam. É uma noite

muito bonita.

Ela assentiu.

—Acho que, já que estamos numa ocasião social longe do trabalho e uma vez que conheces as pessoas que são importantes na minha vida, nos podemos tratar por tu. —Xander assentiu—. Tenho poucos amigos — explicou-lhe C.J.

—Porquê? —indagou, inclinando ligeiramente a cabeça para a direita.

Não se queria lembrar dos motivos que a levaram a afastar-se do seu círculo social. Um grupo cheio de vermes que se divertiam a gozar com a dor alheia. Durante muito tempo esteve cega, pensava que gostavam dela com sinceridade. Noah tirou-lhe essa venda tão escura. Agora estava tudo claro. Depois fez uma depuração da lista de amizades e só ficou com aqueles que apreciava.

—Sou muito discreta —respondeu. E isso dizia bastante sobre a vontade que tinha de lhe explicar a sua vida: nenhuma—. Comeste alguma coisa? Não te podes ir embora sem provar a deliciosa lasanha do chef Adolf.

—Ainda não me ia embora. Só ia sair para buscar os teus presentes...

—Oh —disse corando. Isso fez com que Xander se risse, e por um segundo eterno, Cassandra acreditou que o mundo à volta se tinha esfumado. Era um sorriso rouco, requintado como o café mais caro, escuro e natural—. Não era preciso —disse quando o seu cérebro abstraído reagiu.

—Se a minha mãe fosse viva tinha-me dado um bom sermão sobre a minha falta de chá —disse a rir-se—. Já venho, vou fazer um telefonema e volto com os teus presentes.

C.J. ficou a olhar para a figura de Xander. Era muito alto. Isso já tinha notado, mas agora que estava sem casaco, a camisa cinzenta pegava-se aos músculos como uma segunda pele. Era largo de costas e tinha a certeza que se a abraçasse seria... Um erro! Isso era o que conseguia se continuasse a permitir que as suas fantasias elucubrassem possibilidades ridículas.

Era só um assunto de trabalho, repetiu C.J.

\*\*\*

Os amigos da universidade pediram a atenção da C.J. e ela depressa se esqueceu do Xander. Conversaram sobre as histórias que tinham vivido com os professores, festas e os namorados de cada um. Nenhum dos seus amigos teve o descaramento de mencionar Noah Caldwell. Ela agradeceu. Por alguma razão eram *amigos*.

Riram-se e também beberam com entusiasmo. Os seus irmãos disseram-lhe que estava giríssima, algo que ela não acreditava, mas agradeceu-lhes de todas as formas, e as suas cunhadas por coincidência estavam grávidas. C.J. deu um grito de alegria e abraçou a ambas.

A mesa dos presentes estava cheia. E Serena estava radiante porque a festa tinha sido um

sucesso.

Apesar de estar entretida, C.J. procurou o Xander pelo canto do olho. Não estava. Talvez o assunto do presente tivesse sido uma desculpa para ir-se embora sem dar grandes explicações. Imaginava que ao dizer que a mãe era a responsável pelos seus bons modos fazia parte do discurso que costumava dar para parecer encantador. Afinal era só um fornecedor.

Uma hora e meia mais tarde, perto da meia-noite, o restaurante começou a esvaziar-se. C.J. despediu-se de todos, enquanto iam saindo para os carros. Serena esperou até ao último convidado e pagou a conta. Depois agradeceu ao dono por lhe ter permitido reservar o sítio completo num dia em que costumava ter muita clientela, como era a quinta-feira. De qualquer forma, de certeza de que o valor da reserva equilibrava a exclusividade que tinham tido.

Serena levou os presentes para o carro. C.J. seguiu-a exultante. Não estava à espera de uma noite tão inesquecível. O parque de estacionamento já estava vazio, só restavam elas as duas. Estavam prestes a entrar no Mercedes Benz, quando um carro começou a entrar no parque de estacionamento ao mesmo tempo que Serena recebia um telefonema.

C.J. esperou que a sua amiga desligasse. Parecia preocupada. Soube que estava a falar com Martin pelo modo como se despediu.

—A febre subiu e não quer telefonar ao médico. Diz que não é nada, que só me avisa para que não fique preocupada se quando chegar ele estiver a dormir, porque vai tomar um comprimido que causa sonolência e diminui a febre.

—Oh, eu posso ir de táxi, Serena. Hoje já fizeste muito por mim.

—Não te quero deixar sozinha, C.J.

—Para me lebares a casa tens de te desviar muito. Prefiro que vás ver do Martin. Não me vai acontecer nada. Esta é uma zona segura.

Serena mordeu o lábio.

—Não sei...

—C.J. —disse Xander com um tom de desculpa, interrompendo a conversa das duas amigas. Acabava de estacionar o seu Porsche azul. O trânsito deteve-o mais tempo do que o habitual. C.J. olhou-o com surpresa e Serena também—. Telefonei à minha secretária para que me trouxesse os teus presentes, porque ficaram no escritório, mas ela teve uma emergência familiar e tive que ir busca-los. Desculpa chegar tarde e ter perdido o resto da tua festa —disse olhando para os presentes dentro de uma caixa aos pés de Serena.

—Eu... —começou Cassandra.

Serena estava impaciente e não o dissimulava.

—Passa-se alguma coisa? —perguntou ele—. Posso ajudar-vos a levar essa caixa para o carro se quiseram.

—Tenho de me ir embora, porque o meu marido está doente, mas não quero que Cassy vá

de táxi a esta hora. É quase meia-noite.

—Tenho muito gosto em levar-te a casa, C.J., se quiseres, claro —ofereceu-se Xander.

C.J. viu um gesto de alívio no rosto da sua melhor amiga, por isso não ia ser infantil. Concordou.

—Eu... ok. Obrigada —disse olhando para o arquitecto.

—Obrigada, Xander, e que pena que tenhas chegado neste momento de apuro. Cassy não gosta de incomodar —comentou Serena, antes de ir para o carro e pôr o motor a funcionar.

De pé, num chão de pedras, no parque de estacionamento, Cassandra sentiu-se envergonhada. Um arrepio percorreu-lhe o corpo, embora a temperatura no exterior fosse agradável.

—Ainda te restam dez minutos do teu aniversário, por isso podes tomar este gesto como um adicional às flores —disse para quebrar o gelo, enquanto lhe entregava um ramo de tulipas brancas—. Assim compenso o facto de ter perdido a parte final da tua festa. O que achas?

—Seria muito desagradável recusar o meu último presente de aniversário —disse com um sorriso nervoso, corando. Ao Xander isso pareceu-lhe enternecedor—. Estas tulipas são muito bonitas... obrigada...

Xander levou a caixa dos presentes dessa noite numa mão, enquanto caminhava ao lado de C.J. até ao Porsche.

—Ainda bem que gostas —respondeu, ao mesmo tempo que lhe abria a porta do pendura. Depois, dirigiu-se para o lado do condutor, meteu o banco para a frente e colocou a caixa atrás. Pronta?

Ela ajustou o cinto de segurança e disse que sim.

—Não tenhas medo, sou um bom condutor —disse a brincar.

De facto, nesse momento o que a Cassandra menos temia era terem um acidente. O que a preocupava era a quantidade de testosterona que de repente a impactou, somando a isso o perfume tão delicioso que Xander tinha posto, e se a isso ainda lhe juntava a sensualidade dos traços cinzelados que ele tinha, estava perdida.

Embora o mais provável é que ele a visse como o incómodo dessa noite. Era um compromisso de negócios. Não se devia esquecer disso. Nunca.

—Claro que não. Nunca contrato alguém sem conhecer antes os seus antecedentes.

Ao entrar na auto-estrada, Xander surpreendeu-a com uma gargalhada.

—Não me digas, C.J. que investigaste todas as companhias que se candidataram para trabalhar contigo?

—Foi o meu departamento jurídico e contabilístico quem o fez. Não posso confiar os meus assuntos nas mãos de qualquer fornecedor.

—Então, imagino, que passei a prova com louvor.

—Imaginas bem —respondeu com suavidade, sem olhar para ele. Não podia passar por idiota, olhando para os olhos dele ou para a forma como o lábio inferior vibrava com cada palavra que dizia. Uns lábios, de certeza, deliciosos de beijar.

—E essa cláusula de confidencialidade, porque a incluiste se confiavas no critério das pessoas que escolheram a nossa empresa em relação a outras?

O silêncio reinou durante vários segundos. Xander manteve-se impassível. Os silêncios, incómodos ou não, eram-lhe indiferentes. Sabia que as pessoas tinham ritmos de reação diferentes em situações diversas.

—Há coisas que prefiro deixar legalmente estipuladas. Já te tinha dito que sou uma mulher muito discreta.

—Estive a ponto de não assinar o contrato por causa dessa cláusula —confessou—, mas de qualquer forma intrigou-me. Sei lá, podias ter matado alguém e a minha equipa fosse encontrar um cadáver enterrado no teu jardim, não é?

Isso fê-la rir. Xander estava contente de ouvir o riso juvenil e cálido dela.

—Não, é para o caso de que aconteça alguma situação pouco convencional ou que alguma visita faça algum comentário pessoal em frente dos trabalhadores, assim não podem contá-lo. Já me chegam as fofocas da cidade sobre... —calou-se de repente. Estava a falar demasiado—. Esquece.

—las falar sobre o teu divórcio? —perguntou com sutileza, enquanto entravam na zona onde a C.J. vivia. Estacionou.

Ela não respondeu, simplesmente tirou o cinto de segurança. Xander desceu do carro e abriu-lhe a porta, mas não a deixou sair. Bloqueou-lhe a saída e ela ficou de pé, em frente dele.

Xander não se impediu de levantar a mão e acomodar atrás da orelha uma mecha do suave cabelo loiro de C.J. Ela arrepiou-se, mas não fez nenhum comentário sobre disso. Não o afastou.

O silêncio da noite unia-se ao vento suave que dançava de um lado para o outro, agitando ligeiramente os cabelos de ambos. Ao longe ouviam-se as sirenes de um carro da polícia e os arredores da zona residencial estavam lindamente iluminados.

—És uma mulher muito bonita que se esconde atrás de uma máscara de frieza. Porquê? —perguntou. Estavam tão próximos que se podia cheirar a essência de violetas do perfume suave que C.J. usava. Os olhos verdes que tinha diante dele eram os mais brilhantes que alguma vez tinha visto. Pareciam ser capaz de transmitir o que a dona deles pensava, mas também eram misteriosos e, às vezes ficavam opacos, como nesse momento, em que era impossível ler através deles.

—Obrigada por me trazeres a casa, já nos vemos quando combinarmos ou quando vá supervisionar como avança a obra. —disse afastando-se por fim.

Ele deixou-a ir. Retirou a caixa dos presentes e seguiu a C.J. até à porta de casa. Ela abriu e deixou-o entrar.

Estava prestes a ir-se embora, quando a voz de C.J. o deteve.

—Não confundas a situação. És um fornecedor. Não somos amigos. Em teoria sou a tua chefe —disse na defensiva. Com ele sentia-se ridiculamente exposta. O brilho que viu nos olhos de Xander fê-la ver que se tinha excedido. Não tinha porque metê-lo no lugar dele, já que ele tinha sido agradável e nada mais do que isso. Tal como Noah actuou desde o princípio. Tinha experiência com este tipo de homens...

Com cuidado, Xander pôs a caixa num canto, colocou as tulipas numa mesa lateral de mogno. Olhou para ela com firmeza. Os olhos brilhavam, mas o tom foi seco e frio.

—Que fique muito claro que eu não tenho chefes, Cassandra. Sou o dono de uma empresa que construí com esforço. Não herdei nada. Na vida não tive nada dado de bandeja. Quis ser simpático contigo. Disse-te que és bonita, porque és. Não porque sejas uma pessoa especial. Podia tê-lo dito a qualquer mulher —mentiu porque estava chateado. Ele não passava a vida a lisonjear as mulheres, nem sequer quando as queria levar para a cama. Era directo e concreto, mas havia alguma coisa na Cassandra que o impulsava a ser mais galante. E o resultado era que ela o estava a tratar como se fosse um insignificante desorientado. Podia desencadear a raiva, mas punha em problemas a possibilidade de fazer melhores contactos profissionais, era um suicídio comercial que não se podia permitir—. Só tentava ter uma conversa. Desculpa se foi demasiado pessoal. Na próxima vez remito-me a tratar-te como és: uma empresária sem emoções para além do escritório. Já está claro.

Isso fê-la sentir-se mal. As palavras dele doeram-lhe. «A rainha do gelo», disse para ela mesma, lembrando-se do que a alta sociedade dizia nas suas costas.

—Espera, eu não quis... —disse, mas ele já estava a fechar a porta.

«Disse-te que és bonita, porque és. Não porque sejas uma pessoa especial. Podia tê-lo dito a qualquer mulher». As palavras de Xander ficaram-lhe na cabeça e acompanharam-na até que se aconchegou nos lençóis de seda lilás.

\*\*\*

Xander apoiou as mãos na parede, enquanto o chorro de água quente escorria pelas costas. Tinha tentado ser agradável e encantador como costumava ser com todos os clientes. Parecia que a barreira de gelo de Cassandra era complicada. O que será que há por detrás do divórcio? O que é que lhe causava tanta dor? Será que o ex-marido a enganou com outra mulher?

No dia seguinte tinha de tratar de um assunto bastante incómodo com um cliente. Por isso, tinha de o solucionar pessoalmente. Nenhum dos empregados podia lidar com o complicado Tyler Mirren. Calhava-lhe a ele.

Sentia-se frustrado, sem vontade de descer e fazer exercício até estar suficientemente cansado para ficar com vontade de se deitar. Não. Tinha sede de algo que Cassandra Bostworth gerava nele. Uma sede de conquista.



Isto tinha uma solução fácil.

Saiu do duche. Secou-se e colocou uma toalha à volta da cintura com abdominais esculpidos. Dirigiu-se até à entrada da casa e agarrou no telefone. Procurou o número de Caroline Higgins, a amante habitual. A única que não pedia explicações e ia ao mesmo ritmo do que ele: sexo e satisfação. Sem vínculos.

Mesmo já passando da meia-noite, ela respondeu ao segundo toque.

—Agora? —fui a pergunta com que lhe respondeu ao telefone a mulher dos olhos pretos e pele branca. Tinha um físico espectacular e sensual. Peitos grandes com mamilos escuros. Ventre liso. Ancas redondeadas e um rabo delicioso. Um corpo para pecar. E Xander era um homem que desfrutava dos prazeres da carne com avidez e confiança.

Sorriu.

—Não te dá jeito?

—Não, querido. Será melhor que o que faça contigo esta noite seja suficiente para cansar-me e dormir como um bebé. Acabei de chegar do escritório. Isto de trabalhar como consultora legal é esgotante. Mas amo o meu emprego.

—Isso é bom, vou buscar-te?

—Não, já sabes que prefiro ter o meu próprio meio de transporte ao amanhecer. Daqui a vinte minutos estou na tua casa.

—Ok. —Desligou.

Ficou com uma sensação de vazio no lugar de satisfação como noutras ocasiões. Telefonou à Caroline por um impulso ridículo. Não podia cancelar. Ia parecer um idiota. Contudo, podia confessar que uma das coisas que desfrutava com a amante era que estava sempre disposta a divertir-se.

Sabia que ela era tão livre de ter sexo com outros, como Xander também o era com quem lhe desse na veneta.



## CAPÍTULO 5

A segunda-feira chegou demasiado rápido. A reunião com os chefes de divisão estava a ser um quebra-cabeças para C.J. E não era só isso, nesse dia tinha de aguentar ter na mesma sala Noah, quem por acaso estava atrasado 20 minutos. Como presidente de Caldwell MotorFix era quem dirigia todos os movimentos que se realizavam em torno dos produtos para automóveis de luxo no departamento de Bostworth Luxury dos Bostworth.

Era um pesadelo ter de vê-lo. O pai dela era quem devia presidir essa reunião mensal, mas como estava de férias calhava-lhe a ela o papel de moderadora líder. Ela evitava Noah na medida do possível, mas odiava a forma como a olhava. Como se estivesse a gozar com ela e a fazer com que os outros se unissem às especulações que ele mesmo tinha criado à volta da imagem da sua esposa. Adorava poder desmascará-lo, mas não o ia fazer pelo seu pai.

Nessa manhã ia vestida com um fato simples. Blusa de seda celeste com gola redonda, mangas três quartos, uma saia tubo até aos joelhos com tom branco e sapatos salto de agulha a condizer com o conjunto. Tinha o cabelo solto, penteado para um lado e uma maquilhagem simples, mas favorecedora. Toda a fachada que pretendia fazê-la parecer uma mulher de aço, quando por dentro era toda suavidade e insegurança.

O café estava numa esquina, tal como alguns bolos caso algum chefe de divisão comercial tivesse apetite. Eram nove da manhã. Iam apresentar as estatísticas de vendas e os resultados do último trimestre.

—Bom dia, fico contente por ver que estão todos hoje —começou C.J. —. À vossa frente têm um relatório elaborado pelo nosso departamento comercial sobre a projeção das vendas que se realizou há noventa dias e os resultados à data de hoje. Devo confessar que estou gratamente surpreendida, uma vez que excedemos seis por cento o nível de vendas esperado.

As dez pessoas presentes murmuraram com aprovação, enquanto ouviam a C.J. O assento da esquina era o único vazio. Noah continuava sem aparecer, e ela não tinha intenções de lhe fazer um relatório personalizado.

—Quero dar-vos os parabéns em nome do meu pai e agradecer-lhes pelo excelente trabalho que realizam sempre para que Bostworth Luxury seja uma das melhores lojas do Estado. Agora deixo-vos com Kieran Melbert, gerente comercial, que vos vai explicar os ajustes que se têm de realizar para manter esta maré produtiva. Posteriormente, Alina Saskins, chefe do departamento de marketing, vai apresentar-vos a nova estratégia a implementar na abertura de uma loja nova em Nashville.

Os chefes começaram a aplaudir e de seguida Kieran começou a apresentação.

Sentada à cabeceira da mesa rectangular, C.J. prestava atenção a cada uma das palavras de Kieran. Depois ouviu com gosto a Alina. Eram duas pessoas sumamente eficientes e bons amigos. Dois dos seus melhores colaboradores e tinham assistido à sua festa de aniversário.

A reunião estava prestes a terminar, quando a porta se abriu abruptamente. Noah, como se fosse o dono da empresa, entrou com o seu habitual sorriso diáfano. As costas de C.J. ficaram tensas imediatamente.

—Senhores e senhoras —disse a olhar para C.J. —. Desculpem a demora.

—Estávamos a ponto de terminar a reunião, Noah. Fanny envia-te uma cópia do relatório de hoje—disse C.J. com calma, antes de pôr-se de pé. Uma ação que foi imitada pelo resto dos chefes. Murmuraram uma despedida e saíram da sala.

Noah avançou até ficar ao lado dela. Não a tocou. Mas só a sua presença era suficiente para irritá-la. C.J. fingiu não se dar conta de que a sala estava quase vazia e que só iam ficar eles os dois. Guardou os documentos e pôs-se de pé para sair.

—Não tens nada para dizer? —perguntou Noah, bloqueando-lhe a passagem.

Ela olhou para ele irritada.

—Na próxima vez que chegares tarde não terás direito a receber nenhum relatório. Que fique claro. Avisámos-te da reunião com duas semanas de antecedência e a tua secretária confirmou a tua assitência.

Ele inclinou a cabeça para um lado. Dedicou-lhe um meio sorriso.

—Não necessitas fingir que és de aço, Cassy. —Ela apertou os dentes—. Tu e eu sabemos qual é o problema. —Inclinou-se até que a sua respiração ficou à altura da orelha de C.J., e sussurrou:— Adoras a ideia de seduzir, mas não és mulher suficiente para excitar um homem.

C.J. conteve as lágrimas. Não lhe ia permitir que a intimidasse novamente daquela maneira. Afastou-se e encarou-o.

—O teu contrato com a empresa da minha família expira daqui a pouco tempo. Aconselho-te que comeces a preparar o relatório final, para entregares ao meu pai, sobre a gestão dos dez anos em que estivemos associados.

O sorriso cruel de Noah paralisou-a. Aproximou-se e tocou-a no rosto. Sentiu nojo.

—Minha querida, acho que estás muito enganada na forma como vês as coisas—sussurrou com tom firme—. Se nenhuma das duas partes tem uma queixa sobre o modo como se levaram os negócios, o contrato pode ser renovado por outros dez anos automaticamente. E advinha porquê? O teu pai está mais do que satisfeito pelo nosso trabalho e pelo modo como elevámos o nível dos clientes da Bostworth Luxury.

C.J. olhou-o irritada.

—Não tenho mais nada para conversar contigo —disse antes de se afastar, mas Noah foi mais ágil e agarrou-a pelo cotovelo—. Deixa-me —exigiu.

Encostou-a ao corpo e deslizou a mão pelas costas. Ele era mais forte do que ela. Não conseguia afastá-lo. Se forçasse o seu peito batia nos peitorais de Noah e não queria que isso acontecesse.

—O que levas debaixo dessa roupa? Será essa lingerie provocante com que costumavas tentar seduzir-me? Ou talvez não tenhas cuecas, como me confessaste uma vez que querias fazê-lo no escritório?

—És um desgraçado. Já tens o que querias, agora deixa-me em paz —disse entre dentes.

—Porquê? Por acaso vais contar o nosso segredinho a alguém?

—Não é o nosso segredo. É o teu! Se não fosse pelo meu pai já estavas a viver um pesadelo social tal como me fazes viver a mim.

Noah acariciou-lhe o rosto. De um golpe C.J. afastou-o.

—É que, Cassy, és frígida... e devias consultar um psicólogo. —Afastou-se consideravelmente. Ela tinha os lábios apertados e os punhos atrás das costas—. Agora vou-me embora. Não tentes fazer nada contra mim. —Quando estava a chegar à porta olhou para ela e acrescentou: — Até à próxima, querida.

A porta fechou-se atrás dela.

Apoiou-se na mesa com as duas mãos. Olhando para a janela, mas sem ver nada. Tinha a garganta seca. O coração agitado e as lágrimas a queimarem-lhe os olhos. Como podia imaginar que uma mulher se ia excitar se na noite de núpcias, com a maior das ilusões, tentou seduzi-lo e ele disse que o corpo dela não o excitava e que preferia ir jogar para casino do hotel? Como se podia sentir uma mulher desejada se quando aceitava as suas desculpas, ao vê-la despida, ria-se dela e dizia-lhe grosserias e deixava-a sozinha a soluçar?

Inspirou e expirou várias vezes. Podia tê-lo esbofeteado, mas só a ideia de reagir a ele fisicamente, com violência ou não, descompunha-a. Não lhe podia dar a satisfação de mostrar o quanto as suas piadas a afetavam.

Bateram à porta. Não tinha vontade de ver ninguém, mas devia de ser a Fanny. Ela conhecia-a, e se não tinha saído da reunião quando a sala ficou vazia devia imaginar que se tratava de algo importante.

—Cassandra...

Ela não se girou. Fanny tinha ordens estritas de que uma vez terminada a reunião a sala não se ocupava. Não queria ver ninguém. Muito menos Xander. Necessitava estar sozinha e recuperar a calma. Como odiava o cretino do Noah.

—Qualquer requerimento podes fazê-lo através da minha secretária —repôs, tentando manter um tom calmo.

—Pediste-me que te consultasse qualquer detalhe mínimo. Então, devo assumir que agora mudaste de opinião?

—Disse-te que me podes chamar C.J., não Cassandra, nem Cassy. Agora pede uma reunião com a minha secretária para que te atenda rápido. —Sentiu-o aproximar-se. Não queria que a visse dorida. Não queria que a visse débil.

Xander tinha chegado até à porta da sala de reuniões, porque Fanny não estava em sítio nenhum. As luzes da sala estavam acesas e a porta entreaberta. Ele aproximou-se quando escutou Cassandra e um tal Noah a discutirem. Ele não tinha intenção de ficar a bisbilhotar, mas não se conseguiu afastar.

O que ouviu deixou-o gelado e furioso. Não era uma batalha dele, mas nem ela, nem nenhuma outra mulher, merecia ser tratada dessa forma. Quando Noah saiu sem reparar na presença dele, sentiu vontade de lhe apertar o pescoço e lhe dar pontapés. Não era uma reacção habitual nele, mas por favor, se alguma vez soubesse que o seu cunhado fazia a irmã dele passar mal, apanhava o primeiro voo para Dallas para deixar-lhe claro que ela não estava sozinha. Onde estão os irmãos de Cassandra? Porque permitem que um cretino que trabalha para a empresa intimide dessa maneira a herdeira do império?

Xander atravessou a sala e colocou as mãos nos ombros de C.J. Virou-a para ele. Apertou a mandíbula ao ver os olhos cheios de lágrimas sem derramar e o rosto corado pela fúria. Porque não podia ser outra coisa. Ela afastou o olhar.

—Fora daqui —sussurrou com voz menos forte.

Ele não disse nada. Só deixou cair a mão esquerda nas costas e com a outra acariciou-lhe o rosto.

Esse gesto foi suficiente para que Cassandra se derrubasse. As lágrimas começaram a deslizar pelo rosto. Ele não a deixou sozinha, nem se afastou. Atraiu-a para os seus braços e ela deixou escapar a tristeza que tinha dentro. Permaneceram um longo momento dessa maneira, até que pouco a pouco a respiração de C.J. começou a normalizar-se. Ele acariciou-lhe as costas, confortando-a. Quando teve a certeza que ela não levantava a cabeça, porque provavelmente sentia vergonha, afastou-a com suavidade.

—Cassandra...

Ela levantou o olhar com resignação.

—Eu...

—Não és nada do que esse imbecil disse de ti. Sei que conversámos sobre temas profissionais e que da última vez não correu muito bem, mas sei reconhecer quando há paixão numa pessoa. Tu tens paixão pela vida. És vibrante e bonita.

—Como todas as mulheres, segundo me lembro —sussurrou com um sorriso que não lhe chegava aos olhos.

Ele suspirou.

—Isso não é verdade. Chateaste-me e actuei de um modo inadequado ao falar-te daquela maneira. Peço-te desculpas.

—Não tens porque fazê-lo. Também não necessito o teu consolo. Não...

Xander agarrou-lhe o rosto entre as mãos e levantou-o na direcção dele.

—Não te estou a oferecer a minha pena, só a minha empatia. Sei que és uma mulher forte, mas não necessitas de esconder-te numa parede de gelo. Não vão ter menos pena de ti. Pelo contrário. Vão tentar sempre pôr-te à prova para ver até onde a armadura aguenta.

—Não devias ter ouvido...

Ele sorriu.

—Estava no sítio errado no momento menos oportuno —explicou—. Esse Noah é o teu ex-marido?

—Uma verdadeira joia, não é?

Xander sentia-se atraído pelos bonitos olhos e pela boca cativante de Cassandra. Era tão bonita. E esse Noah era um verdadeiro burro. Durante um instante ficaram a olhar um para o outro.

Fanny abriu a porta abruptamente, eles afastaram-se com rapidez, mas não foi suficiente para evitar que a secretária se desse conta que era um momento privado. Ainda que fosse um consolo. Isso não tinha porque deduzi-lo, nem o faria.

—Oh, desculpa —disse Fanny a ponto de sair.

C.J. limpou a cara com o dorso da mão e Xander meteu as mãos nos bolsos. Hoje, como estava a supervisionar a equipa de colaboradores que trabalhavam no escritório de Cyrus Bostworth, vestia umas calças de ganga cómodas, camisa de mangas curtas e uns sapatos de trabalho. Parecia uma fantasia de calendário erótico. Ele não tinha noção do que causava às mulheres, porque só se importava quando queria levar alguma para a cama, o resto do tempo nem se preocupava.

—Não, não te vás embora. Xander só me estava a fazer uma pergunta. Por favor, Fanny, telefona para o restaurante e cancela o meu pedido. Vou sair mais cedo.

Fanny anuiu e saiu.

—Aceitas jantar comigo esta noite? —perguntou quando voltaram a estar sozinhos. Acabava de descobrir uma parte de C.J. que o intrigava. Desde que a conheceu intuiu que não era a mulher fria que mostrava ser, e agora que podia entender as coisas, graças ao idiota do ex-marido dela, ainda tinha mais vontade de continuar a tirar as capas onde estava escondida a verdadeira Cassandra.

—Não sei se será boa ideia.

—Será um jantar de negócios —expressou sorridente. Agora entendia um bocadinho melhor como funcionava a mente de C.J. no que dizia respeito a misturar vários campos da sua vida— O que achas?

—Agora podemos falar de qualquer tema, não é necessário jantar juntos para isso...

—Acabaste de dizer à Fanny que vais mais cedo para casa, por isso estás livre e hoje já não podemos falar de negócios aqui no escritório —respondeu-lhe, sabendo que ela não lhe podia

dar outra desculpa—. Por outro lado, faço-te um desconto na tarifa dos serviços da minha empresa, por ser uma reunião fora do escritório.

Ela sorriu e ele gostou de vê-la sorrir.

—Levas sempre a tua?

—Tento —disse a rir-se—. Então, jantas comigo?

—Eu... ok...

Ele assentiu.

—Olha, há bocado vim fazer-te uma pergunta, preferes que a mobília do escritório do teu pai seja de madeira clara ou escura?

—Clara..., mas pensei que íamos falar sobre isso mais tarde... e...

Sem dar-lhe tempo para reagir, Xander inclinou-se e beijou-a na face. Ela ficou atónita.

—Vou buscar-te às oito e meia, Cassandra.

Mais uma vez, Xander deixava-a sem palavras, com o coração agitado e com a sensação de nadar contra a corrente. Ele disse tudo aquilo por pena. Que outra razão podia ser? Bonita? Pois sim!!! Estava convencida de que ele saía com um tipo de mulher muito diferente dela.

Não ia pensar mais nesse jantar de negócios. Porque era só disso que se tratava.

\*\*\*

Convidar a Cassandra para sair tinha sido uma atitude impulsiva, mas não se arrependia. Pensou em ir de Porsche. A ideia de agitar o bom humor nela fê-lo agarrar nas chaves da mota.

Estacionou à hora combinada. Desceu e tocou à campainha.

Cinco minutos depois continuava à porta. Será que ela o tinha deixado plantado? Por um momento teve a intenção de ir pelo corredor lateral, mas conteve-se. Tocou à campainha mais duas vezes, até que esta se abriu.

Ficou sem ar. Estava giríssima com umas calças de ganga justas, uma blusa de seda azul escuro sem mangas e sandálias rasas. Estava pouco maquilhada e de rabo de cavalo. Não parecia ter 32 anos, parecia mais uma miúda de 25. Ele achava que, em muitos sentidos, Cassandra era bastante inocente. Talvez não na parte sexual, mas na maneira de ver as coisas. Era evidente que a tinham ferido muito e isso fazia-a estar à defensiva.

—Olá Cassandra. Estás muito gira —disse com sinceridade. Aproximou-se e beijou-a no rosto— Pronta para irmos? —perguntou ao entregar-lhe um capacete preto igual ao dele.

—Olá... Um capacete? —perguntou no lugar de responder ao elogio.

Tinha estado quase duas horas a vestir e a despir roupa. Como se fosse um encontro, mas não era. Só se tratava de negócios. Um jantar informal de negócios. Não se queria sentir em desvantagem nem que a visse em baixo emocionalmente, tal como tinha acontecido de manhã.



Xander estava arrebatadoramente atractivo. Dava-lhe vontade de enterrar os dedos naqueles cabelos escuros e saber se eram tão suaves como pareciam. O cheiro a homem e o perfume caro davam-lhe tonturas e convidavam-na a querer abraçar-se a ele.

Mas ele disse-lhe que estava muito gira. Porque insistia nisso? Ela não precisava que a adulassem ou lhe mentissem. Não se considerava feia, mas estava bastante longe de ser uma beleza.

—Vamos de Ducati. Alguma vez andaste de mota?

Ela olhou para as sandálias.

—Não estou vestida para ir de mota, Xander. E não... nunca andei de mota —respondeu, mordendo o lábio inferior. Ele quis inclinar-se e lambê-lo.

—Estás de calças de ganga, é suficiente. Gosto que não sejas uma dessas mulheres que necessita de se arranjar demasiado fora do escritório.

—É um jantar informal de negócios, não é? —perguntou indecisa.

—Dizes isso porque vou de fato? —Ela assentiu—. Antes de vir tive uma reunião com uma das minhas equipas de trabalho e não me quis atrasar indo a casa mudar de roupa. Por isso, sim, é um jantar informal. Podemos falar de negócios sem um código de vestuário específico fora do escritório. Certo?

—Sim...

Ele entregou-lhe o capacete.

—Não sei como...

—Deixa-me ajudar-te —disse, antecipando-se. Colocou-lhe o capacete com delicadeza na cabeça e depois ajustou-lhe o fecho de segurança debaixo do queixo. Sorriu para ela—. Perfeito.

Guiou-a até à Ducati e ele sentou-se primeiro.

—Tens de confiar em mim. Não te vou deixar cair e também não vamos chocar. Tenho experiência —disse, enquanto Cassandra observava de pé perto da mota—. Agarras-te à minha cintura e segues o ritmo da viagem. Ok?

Ela assentiu e subiu atrás de Xander.

—Já estás pronta? —perguntou ao olhar para ela ainda sem o capacete. Ela voltou a dizer que sim—. Agora abraça-me. —Cassandra abraçou-o e sentiu cócegas nas mãos ao sentir como os músculos de aço do abdómen de Xander se flexionavam ligeiramente ao respirar. O capacete não lhe permitia sentir ou encostar o rosto nas costas dele, mas não precisava de fazê-lo, o calor que ele emanava era delicioso e fazia-a sentir-se segura—. Perfeito —disse Xander quando estavam prontos.

Ele colocou o capacete e ligou o motor. Cinco segundos mais tarde emprendiam rumo a um restaurante na Rua McGavock.



## CAPÍTULO 6

A comida tailandesa era requintada. *Nám tok*, uma salada de carne de borrego, foi o prato escolhido por C.J. Uma combinação de plantas aromáticas com o sabor da carne picante. Saboreou-a com gosto e gostou do ambiente agradável do restaurante. A decoração era perfeita e as mesas estavam suficientemente afastadas umas das outras para não interromper com possíveis comentários que não deviam ser ouvidos por outros. Uma escolha inteligente por parte dos donos.

—Que tal está o teu prato? —perguntou Xander, enquanto ele dava conta do *Curry Massaman*. Embora tivesse tido a oportunidade de escolher entre várias carnes, optou pelo pato acompanhado do típico arroz branco, que por seu lado ia acompanhado por uma excelente mistura marinada de açúcar, pepino, malagueta e chalota em vinagre.

—Fabuloso, ninguém me tinha falado deste sítio. E posso-te dizer que a minha melhor amiga, Serena, conhece os melhores lugares da cidade.

Ele assentiu.

—Aqui só vêm os amigos dos donos. Não lhes interessa o dinheiro, têm muito, preferem que os amigos venham saborear a cozinha tradicional.

—Conhece-los há muito tempo?

—Há uns anos. Remodelámos por completo a casa deles nos arredores da cidade. Ficaram contentes com o trabalho que fizemos, por isso uma noite convidaram-me para vir jantar aqui. Saí fascinado pela qualidade de cada prato. Cada vez que tenho oportunidade gosto de vir comer aqui.

Ela bebeu um pouca da *Sprite*.

—Obrigada por me trazeres.

—Será um prazer acompanhar-te novamente —piscou-lhe o olho. Cassandra corou e afastou o olhar.

Ele gostou de saber que a atração que sentia por ela era correspondida. Só tinha de tentar derrubar esse muro.

—Iamos falar de negócios —sussurrou ela ao tentar quebrar o cómodo magnetismo que ele conseguia criar à sua volta.

—Bem, até numa sala de negócios de um escritório se conversa um pouco, não achas? —perguntou afável.

—Talvez...

—Porque é que tu estás a cargo da empresa sozinha?

Este era um tema seguro. Podia tranquilizar-se.

—O meu pai está de viagem de aniversário de casamento e os meus irmãos têm de supervisionar outras sucursais. Como é um negócio familiar não se pode deixar à deriva com qualquer substituto. Deixaram-me como encarregada até poder voltar às minhas gestões habituais, que estão relacionadas com o controlo da qualidade e a aliança estratégica de negócios.

—É estupendo saber que a tua família te apoia.

C.J. sorriu.

—É, sem dúvida. E os teus pais?

—Ambos morreram há oito anos.

—Lamento.

—Obrigada. Viveram uma vida em cheio. Tiveram-nos com uma idade avançada. A minha irmã Annika vem visitar-me com a minha sobrinha Sasha daqui a pouco tempo, estou ansioso por vê-las.

—Só são dois filhos?

—Sim. Os meus outros familiares vivem na Rússia, mas não temos muito contacto com eles. Viemos para os Estados Unidos quando eu tinha dois anos e a minha irmã ainda nem tinha nascido. É quatro anos mais nova do que eu.

—Que idade tens?

—Trinta e oito.

—Tens um negócio próspero e segundo me contaste deves tudo a ti mesmo.

—Nada melhor que ficar com os louros quando o esforço é nosso. Com que idade te casaste? —perguntou.

O gesto tenso que se formou nos lábios de C.J. convidou-o a estar quieto e mudar a pergunta. Contudo, ela antecipou-se, surpreendendo-o com a resposta. Uma bastante fluida.

—Tinha 30 anos. Conhecia o Noah já há muito tempo, quando a família dele começou a estabelecer alianças com a minha. Éramos só amigos. Com o passar do tempo tornámo-nos mais próximos. Começámos a sair e poucos meses depois pediu-me em casamento. Achei que era o natural e aceitei.

—Arrependes-te...?

—Quando me lembro do ingénua e parva que fui, sim.

— Quanto tempo estiveste casada? —perguntou enquanto bebia a Coca-Cola.

Ela deixou escapar um sorriso oco.

—Três meses. —Finalmente levantou o olhar e disse: — Uma verdadeira catástrofe, não achas?

—Se duas pessoas não estão destinadas, acho que a separação é sempre a melhor via. Se não há amor de verdade não serve de nada. Não precisas de te atar a ninguém só por luxúria. Não é?

—Nem sequer era luxúria —murmurou muito baixinho.

—Olha... —disse Xander. Esticou a mão sobre a mesa e agarrou a de C.J. —Porque deixaste que te dissesse coisas tão horríveis? Porque permites que trabalhe no mesmo prédio que tu?

—Acho que é melhor que falemos de uns pormenores que tenho em mente para a casa — respondeu, afastando a mão de Xander.

Ele não insistiu. Já a tinha pressionado o suficiente. Queria ganhar a confiança dela, mas ia tentar ir mais devagar.

No resto da noite falaram de temas superficiais, como por exemplo, a trajetória profissional de cada um. Xander informou-a que ainda ia demorar a acabar os ajustes da casa, porque em princípio tinha-lhe dito duas semanas, mas o mais provável é que demorasse mais oito dias.

Ele garantiu que não lhe ia cobrar a tarifa por dias extra, uma vez que o cálculo não estava errado. Os fornecedores é que se iam atrasar em trazer certas matérias primas que ela queria. Xander disse-lhe que não gostava de colocar os problemas que tinha com os fornecedores na conta do cliente, até porque era habitual que houvessem circunstâncias que se escapassem de controlo. C.J. agradeceu.

Ningúm dos dois se deu conta que tinham estado a falar durante muito tempo, até que a empregada se aproximou a perguntar se desejavam a conta. Com um sorriso, Xander entregou-lhe o cartão de crédito.

Pouco tempo depois caminhavam até ao estacionamento.

Montaram-se na mota e fizeram o caminho de regresso até à casa de C.J.

Ele estacionou e ajudou-a a descer. Aceitou o capacete e apoiou-o no assento da mota. Fez o mesmo com o dele.

—Obrigada por ouvir as minhas sugestões sobre as alterações que quero —disse ela um pouco nervosa. Já era uma da manhã. Era a primeira vez em muito tempo que conseguia conectar com alguém de maneira tão intensa. E isso deixava-a confusa.

—És a chefe —disse ao piscar-lhe o olho. Isso fez com que ela sorrisse. —. Então, gostaste da comida?

—Adorei... obrigada. Foi uma reunião de negócios diferente.

Nesta ocasião riu-se ele. Sabia que ela estava a tentar definir o que essa noite tinha sido na realidade. Pondo limites. Ele não gostava de limites. Jogava com regras próprias.

Xander diminuiu a distância. Sorriu ligeiramente e acariciou-lhe a face com os nós da mão direita. Sentiu um arrepio de prazer quando se inclinou para ela.

—Tens medo de mim? —perguntou Xander ao olhá-la fixamente. Nesta ocasião sem sorrir, só com um gesto decidido. Controlado.

Não, não tinha medo dele, mas dela mesma. Sentia-se vulnerável.

—Não...—Os lábios de Xander eram sensuais. O lábio inferior era umas pulgadas maior que o superior, convidando-a a saboreá-lo. Pareciam tão suaves e quentes. — Isso não é... já te disse que não gosto...

—Os negócios termiraram —interrompeu-a com suavidade—. Já passou da meia-noite. Estamos à porta da tua casa. Por isso, isto seria algo parecido ao prazer —disse tencionalmente.

—Nem penses que por me teres visto débil hoje no escritório sou...

—Cassandra, acho que és uma mulher forte, para nada fácil. Com aquelas palavras esse bastardo merecia uma boa bofetada, e tu não te rebaixaste a isso. Gostava de lhe ter partido a cara, mas não é a minha batalha. —Deixou escapar um suspiro. — Mas se tenho a certeza de algo é que gostava de te conhecer melhor.

—Porquê...?

—Porque te acho irresistível.

—As palavras bonitas não têm efeito em mim —murmurou perdida naquele olhar carregado de promesas. Há quanto tempo não sentia o sangue a correr-lhe pelas veias como se fosse material incandescente? A resposta era: nunca. — Mentiram-me da forma mais suja e...

—Não podes julgar todos os homens por um em particular.

Ela não disse nada, só deixou que ele lhe acariciasse a face. Gostava do toque dele. Suave e quente.

—Eu...

—Cassandra, posso beijar-te?

Ele percorreu-lhe o lábio inferior com o pulgar. Ela deixou-se levar pelo silêncio, pelo feitiço de Xander e pela força viril que irradiava ao convidá-la a aproximar-se de um modo mais físico. Mais pessoal. Contrariando tudo, disse que sim.

—Sim...

Devagar a boca de Xander desceu até à de C.J. O contacto foi suave e pouco a pouco começou a ser mais intenso. Mordiscou o lábio inferior de Cassandra como desejava desde que a viu pela primeira vez.

Que o céu tivesse pena dele. A verdade é que apesar de desejar beijá-la desde que a viu pela primeira vez, imaginou que provar a boca dela fosse como pousá-la em cima de um linda obra de arte de mármore. Que os lábios dela, em lugar de serem quentes, seriam frios e insensíveis.

Não estava preparado para a onda que arrasou a parte debaixo do ventre, nem que

aqueles lábios se acoplassem aos seus, trêmulos, inseguros, mas dispostos a empreender uma campanha de reciprocidade. Deslizou-lhe a mão pelas costas e apertou-a contra o corpo.

Era consciente que a Cassandra sentia a ereção contra o ventre. Os pequenos gemidos que ela emitia faziam com que a sua excitação fosse mais dolorosa, enquanto a sentia derreter como mel nos braços ávidos dele. Era uma mulher apaixonada e os beijos dela sabiam a ambrosia.

C.J. nunca tinha gostado tanto de um beijo como aquele. Xander beijava muitíssimo bem. Sentiu como um ligeiro terramoto de prazer a percorria dos pés à cabeça. O tacto de Xander acendia-a e a forma ávida como lhe devorava a boca deixava-a sem forças. Quando sentiu que ele deslizava as mãos pelas costas para tocar-lhe no rabo, não conseguiu evitar agarrar-se ao pescoço dele. Cheirava tão bem. Aproximou-se mais de Xander, gozando do poder de esfregar-se contra a ereção dura.

Ele sabia que C.J. se ia arrepender se a seduzisse até ao fim. Ia acusá-lo de ter-se aproveitado ou algo do género. Uma vez que desconhecia em profundidade a bagagem emocional dela, o mais idóneo, ainda que o corpo protestasse, era afastar-se. Ir pouco a pouco. Por isso, começou a abrandar o beijo.

—Cassandra...—sussurrou contra os lábios mornos pelos beijos dele. Ela abriu os olhos. Ele quis mergulhar neles, abraçá-la e fazer amor com ela. Mas já tinha tomado uma decisão. Queria ganhar a confiança dela e ir pouco a pouco. Não a queria assustar—. É melhor que me vá embora.

Ela corou. Já não sabia beijar? Era por isso que se afastava?

—Fiz alguma coisa mal, Xander? —indagou com um murmúrio inseguro.

—Não te dás conta, pois não? —Agarrou-lhe na mão e guiou-a até ao membro por cima das calças—. Tu sentiste-o enquanto te beijava. Acredita que se continuamos nisto à porta da tua casa vou encostar-te contra a porta e não me vai importar nada o que os vizinhos pensem.

—Oh...

—Sim, “oh”. Excitas-me como nenhuma outra mulher. Espero que isso te fique claro. De uma maneira ou de outra vamos terminar isto. Hoje, não. Quando acontecer vou ter todo o tempo que precise para te fazer gemer e curvar o corpo de prazer.

Ela agarrou o pulso de Xander e apertou-lhe, incitando-o a olhar para ela.

—Xander... eu não posso... não...

—Tens medo do quê?

«De não satisfazer. De que me rejeites...»

—Há muito tempo que não estou com ninguém —disse baixinho.

Ele girou a mão e entrelaçou os dedos com os dela.

—Não tens de te preocupar com nada, Cassandra. Não te vou a forçar nunca a fazeres o

que não queres. Quero que me dês uma oportunidade para te demonstrar que nada do que esse imbecil do teu ex-marido disse é verdade. Não podes acreditar nele.

Ela afastou o olhar.

—Sou um desafio para ti? É isso, Xander? —perguntou ressentida—. A dama de gelo que queres seduzir para demonstrar aos outros que tu conseguiste o que os outros não.

Xander surpreendeu-se. Era surpreendente o dano psicológico que uma relação destrutiva podia causar numa pessoa. Talvez só conhecesse a Cassandra, mas esse brilho no olhar, a maneira de falar de algo que a apaixonava e os beijos dela eram um só exemplo do vibrante que era dentro dessa carapaça em que se tinha escondido para não ser ferida.

—Não, doce —disse, chamando-a pela primeira vez de uma forma tão pessoal. É desejo e química. Entre nós há muito de ambos. É criar fogo, domá-lo e fazê-lo bem para ambos. —Inclinou-se e beijou-a brevemente nos lábios—. Não és uma dama de gelo, Cassandra, e quem pense isso de ti é um parvo.

C.J. olhou para ele fixamente.

—Há coisas complicadas, não se trata só de desejo Xander...

—Do que é que se trata?

—Sinceridade.

—De tudo o que falámos no que é que não fui sincero?

Ficou em silêncio, porque Xander tinha razão.

—Será melhor ficar por aqui hoje —disse ela.

Xander soltou os dedos de C.J. Sorriu.

—Obrigada pela noite —disse suavemente. Ela pensou que ele a ia beijar, mas Xander surpreendeu-a ao beijar-lhe a mão, antes de dirigir-se até à Ducati.

Ela entrou em casa sem olhar para trás. Era a primeira vez em muito tempo que sentia que a vida lhe voltava a dar um rasto especial de luz. Talvez fosse um disparate seu, mas nos braços e nas palavras de Xander só sentiu sinceridade.





## CAPÍTULO 7

Enquanto estava no escritório C.J. tinha a cabeça ocupada. Sabia que Xander tinha deixado tudo preparado para que a equipa de trabalho funcionasse sem que ele estivesse presente o tempo todo nos escritórios centrais.

Erick Danes, a pessoa que no início estava a cargo da obra, já estava suficientemente recuperado do acidente para conduzir a equipa de trabalho, baseando-se nos projetos de desenho aprovados. Era um profissional eficiente e muito metódico, segundo C.J. pôde comprovar, ao ver que ele diariamente dava conta dos avanços.

Xander supervisava pessoalmente a obra de casa, tal como se tinha comprometido a fazer. Quando ela chegava do escritório, a equipa de trabalho já não estava. Não se tinham visto nem falado desde o beijo à porta de casa. Há cinco dias. Perguntava-se se ele por acaso se teria arrependido...

A sexta-feira chegou novamente. Serena tinha-lhe telefonado para convidá-la a ir a um concerto no restaurante City Winery Nashville, na Rua Lafayette. O sítio era famoso por criar uma gama de vinhos da casa com as melhores uvas de diferentes regiões, incluindo as uvas argentinas. A requintada mistura de ideias de diversas culturas na *cuisine* também era uma atração. Nessa noite, apresentava-se ao vivo o legendário cantor e ator Tim McGraw.

— O que é que aconteceu com o bombom do arquitecto? —perguntou Serena, enquanto Martin, conduzindo o carro, revirava os olhos.

—Faz o trabalho dele —respondeu desde o assento traseiro do BMW de Martin.

—Mas as chispas que se viam no dia do teu aniversário não tinham nada a ver com temas de trabalho.

—Serena, deixa em paz a C.J. —disse Martin ao mesmo tempo que procurava um lugar para estacionar nas imediações— Já faz muito em aceitar sair connosco quando podia ter ido a Nova Iorque com o irmão.

—Meu amor, não sejas estraga-prazeres —respondeu com voz melosa. C.J. riu-se. Este casal era tão diferente e ao mesmo tempo tão perfeito. Estava contente por a melhor amiga ter encontrado o homem que cumpria com as suas expectativas e a fazia feliz—. Porque não lhe telefonas a convidá-lo para vir ter connosco? O dono do restaurante é nosso amigo e não terá problemas em dar-nos mais um lugar —perguntou ao olhar para a amiga através do espelho retrovisor.

—Martin, obrigada por me tentares defender, mas já sabes que com a Serena não se consegue —disse C.J. a rir-se de novo. — Prefiro ficar em Nashville a voar muitas horas até ao JFK de Nova Iorque para assistir a uma reunião onde o meu irmão Linux se vai safar muito bem. E Serena, não vou convidar o Xander. Ele deve ter os planos dele.

—Por acaso tem namorada?

Isso era um pormenor que C.J. não tinha pensado. E se era outro Noah a querer enganá-la? E se a tinha beijado e depois se afastou porque tinha a consciência pesada de estar a ser infiel a alguma mulher? Meu Deus... esta ideia nunca lhe tinha passado pela cabeça.

—Eu... não sei.

Serena levantou as sobrancelhas e decidiu deixar em paz a C.J..

—Bem, vamo-nos divertir em grande.

—De certeza. Falaram-me muito deste sítio. E Tim McGraw é um dos grandes da música.

\*\*\*

Xander contemplava desde a janela de casa o céu escuro da cidade. De vez em quando ouviam-se os relâmpagos no horizonte. Bastante estranho para essa época do ano. Era o aquecimento global, pensou enquanto tomava uma chávena de café forte. Caroline disse-lhe que ia passar por ali dentro de um momento, mas ele não quis. Ela respondeu que se rejeitava vê-la seria o final do acordo mútuo que tinham. Ele não quis saber. Detestava as mulheres que lhe impunham condições, sobretudo quando se tratava de uma cujo papel era de amante.

Durante esses dias teve tempo para pensar na Cassandra. Afastar-se era uma maneira de colocar em perspectiva o que sentia em relação a ela. Era consciente de que ela não era uma mulher como a Caroline. Tinha que ir devagar.

Naquela noite ter-se afastado custou-lhe muitíssimo, porque o que mais queria era abraçá-la e mergulhar nas coxas dela. Mas ela já tinha sofrido o suficiente. Queria conhecer os pormenores do casamento com o Noah. Estava convencido de que havia muito mais do que falta de química sexual entre eles. Que tipo de casamento durava apenas 90 dias, principalmente, quando estavam envolvidas grandes fortunas?

Xander viu as horas. Eram oito da noite. Olhou para o telemóvel quando este começou a vibrar na mesa da cozinha. Era Nicole a perguntar-lhe a que horas a ia buscar, porque o carro dela estava avariado e com a perspectiva de chuva dificilmente algum táxi a ia buscar.

Ele respondeu que esperava pela confirmação dela para saber se ia ou não necessitar de ajuda. Nicole disse-lhe que sim, que naquela noite ia precisar de todo o apoio possível.

Nicole Green era uma amiga desde os tempos da universidade, tinha-se formado em veterinária. Geria um refúgio para animais na cidade. O assistente de turno, encarregado de vigiar os cães durante a noite, estava doente e, uma vez que tinham anunciado uma trovoada, Nicole precisava de alguém que a ajudasse a acalmar os animais.

—E telefonas precisamente a mim porquê? —perguntou Xander quando a preciosa morena de olhos azuis o guiou através do refúgio. Era um sítio asseado, perfeitamente iluminado e os espaços onde estavam os cães eram amplos.

Ela sorriu.

—Porque os bons amigos têm gestos deste género —respondeu enquanto olhava para ele.

la vestido com umas calças de ganga que se ajustavam às pernas poderosas e com um pulóver preto que lhe marcava a largura dos ombros e a força dos braços. Sem deixar de lado o abdómen marcado pelos abdominais. —Só não percebo como é que tens tempo numa sexta-feira à noite para estar comigo. Pensava que tinhas um super encontro.

—Ah, bem que me parecia que estavas muito interessada na minha agenda social de fim de semana antes de me perguntar se tinha tempo para te vir ajudar. Que saibas que não tenho nada para te contar.

O cabelo preto apanhado num simples rabo de cavalo oscilou de um lado ao outro, quando Nicole negou com a cabeça. Riu-se.

Nesse momento ouviu-se um trovão e os cães começaram a ladrar, interrompendo a conversa deles, e Nicole pôs mãos à obra. Explicou a Xander quantas gotinhas de valeriana devia dar a cada cão, de acordo com o tamanho, e recomendou-lhe que lhes falasse com carinho. Ele torceu o nariz, mas tentou dar o seu melhor.

Por volta das duas da manhã, quando a trovoada acabou, Xander estava esgotado. Tinham descoberto uma infiltração que ele tentou reparar. Depois Nicole tropeçou, deixando cair uma cafeteira. Assim que enquanto ela tentava limpar, ele apanhava os pedaços de vidro. Mais tarde um dos cães, estava tão assustado, que partiu a vedação da sua casota, e Xander teve de o segurar nos braços até que ele se acalmasse. Era um pastor alemão lindíssimo. Transpirado, mal dormido e cansado, não se podia ir embora e deixar a Nicole sozinha. Ela estava nas mesmas condições do que ele.

Os ladridos não tinha terminado, embora a maior parte dos cães se tenham acalmado com a valeriana. Nicole dizia que lhes podiam dar outros suplementos, mas que ela preferia algo que não lhes afetasse o organismo a nível químico.

Quase ao amanhecer o refúgio recuperou a calma. Os dois auxiliares da Nicole chegaram a tempo para substituí-la. Ela e Xander saíram praticamente de rastos.

—Obrigada —disse ela bocejando—. Estou cheia de fome —confessou— e preciso de tomar um banho quente.

—Não és a única —respondeu avançando pelas ruas—. O pequeno-almoço primeiro?

Ela assentiu.

Nicole tinha 35 anos. Tinha-se casado há três anos com uma moça que também amava os animais. Xander era o apoio dela e o único que nunca a tinha criticado pela sua tendência sexual. De facto, foi ele quem a apresentou à Chantelle, sua esposa. Infelizmente a Chantelle estava de viagem de negócios em São Francisco, por isso teve de recorrer ao Xander. Salvava-a sempre, embora ela tentasse não o incomodar demasiado, já que sabia que era um homem muito ocupado.

Estacionou num *Starbucks*.

Cada um pediu um café grande e *muffins*. Pelo menos, de momento, servia para mantê-los acordados.

—Eu pago —disse ele. Foi a tirar a carteira das calças, mas não a encontrou. Procurou no outro bolso, nada—. C'um caneco.

—O que é que se passa?

—Deixei a carteira numa das casas onde estou a trabalhar.

Nicole sorriu.

—Bom, então agora salvo-te eu a ati. —Pagou a conta.

\*\*\*

Aos sábados, C.J. costumava aproveitar para fazer as compras e deixar preparadas as típicas gestões que lhe eram impossível fazer de segunda a sexta-feira por razões de trabalho. Contudo, nessa manhã o irmão Charles pediu-lhe se podia ficar com a Yessa, a sua filha de oito anos, porque tinham um *brunch* e não podiam levar a menina. C.J. aceitou encantada. Adorava a sobrinha. Era uma fofura com o cabelo ondulado preto, como o da cunhada, Sophia Gosling, e com uns olhos vivos da cor da noz-moscada.

Às onze da manhã em ponto, o irmão deixou Yessa na casa dela. A menina, agarrada a uma Barbie, entrou com um sorriso. Sabia que dos três sobrinhos, ela era a favorita de C.J.

—Tia Cassy —disse-lhe quando Cassandra fechou a porta. —Ofereces-me um desses lápis de cor que costumás guardar no teu estúdio?

—Claro, querida, vamos. O que é que tomaste ao pequeno-almoço hoje?

—A mãe fez-me comer uns ovos cozidos, detesto. Também comi torradas e bebi um enorme copo de leite.

C.J. riu-se.

—Queres um *donut*?

—Siiim!

Cassandra pintava as unhas de bege, enquanto a sobrinha pintava um caderno de desenhos. Depois deixou isso e foi buscar a tablet para continuar a ler *Harry Potter* e a *Pdra Filosofal* de J.K. Rowling.

Enquanto a sobrinha estava entretida, e com as unhas já secas, C.J. foi tratar da roupa que devia pôr a lavar. Depois aproveitou para colocar a máquina de lavar a loiça a trabalhar e subiu para o quarto para organizar a roupa para a próxima semana. Se fosse por ela ia trabalhar de calças de ganga e camisa, mas infelizmente tinha que zelar pela imagem.

Quando estava a terminar de guardar um par de sapatos azuis, Yessa entrou a correr pelo quarto.

—Tia Cassy, quem é este senhor?

—Qual senhor?

Yessa entregou-lhe uma carteira. C.J. viu-a. Era o cartão de identidade do Xander.

—Onde é que encontraste isto?

—Fui ao jardim para tocar na água, para ver se estava fria, e encontrei a carteira. Abri-a para ver o que é que tinha... —encolheu os ombros— e trouxe-ta. —Entregou-lhe a carteira *Montblanc* preta. — Só tirei esse documento porque tinha curiosidade. Eu sei que não tenho de bisbilhotar as coisas dos outros, mas se está aqui na tua casa significa que não é dos outros, não é?

—Já te disse perfeitamente que não quero que te aproximes da piscina se um adulto não estiver por perto —disse ao ignorar a pergunta da sobrinha.

Yessa baixou o olhar.

—Desculpa, tia Cassy.

C.J. suspirou. Acariciou-lhe a cabeça.

—Ok, não o voltes a fazer. —De seguida C.J. teve uma ideia. Talvez pudesse fazer um pequeno movimento com a desculpa de entregar a carteira ao Xander, e assim ficar a saber porque é que ele a estava a evitar, fazendo com que ele falasse ou olhasse para ela. — Queres is dar uma volta pela cidade?

—Quero ir para a piscina, tia... Trouxe o biquini.

—Trocavas a piscina por uma banana split napolitana?

—Totalmente! Já sabes como ganhar o meu voto —disse com um sorriso.

C.J. piscou-lhe o olho.

—Então, vamos.



## CAPÍTULO 8

Para saber a morada de Xander, C.J. teve de procurar no mail da empresa o contrato de trabalho, porque para além de constar o domicílio da família também continha os dados pessoais do representante legal e do proprietário. Conduziu com entusiasmo, porque as ruas de Nashville estavam menos congestionadas aos fins de semana. De segunda a sexta-feira era um caos.

Não se surpreendeu por ver que Xander vivia na zona de Belle Meade. Era uma das zonas mais ricas da cidade com um aroma dos velhos tempos. Propriedades que outrora foram plantações, agora contavam com mansões, cujo preço não descia do milhão de dólares.

Ela conhecia o bairro perfeitamente, porque enquanto foi casada viveu numa das casas, muito bonita tinha de dizer, estilo Tudor. Também havia mansões de arquitectura clássica e neo-clássica, como a moderna de meados do século. Eram umas combinações fabulosas. C.J. podia dizer que o que realmente sentia falta era daquela lindíssima casa que com tanta ilusão tinha escolhido e onde pensava que ia viver mutitíssimos anos.

Viver em Green Hills era muito melhor, pelo menos para ela, porque não tinha que se deparar com amizades hipócritas, que a tinham humilhado por supostamente não estar à altura do grande Noah Caldwell. Um encantador de serpentes.

—Tia, vamos a casa do tio Linux? —perguntou a menina. O irmão mais velho de Cassandra vivia nessa zona.

—Não, querida, vamos entregar a carteira ao seu dono.

A menina assentiu e voltou à leitura no tablet.

C.J. verificou o número da casa de Lynwood Boulevard. 205. Diminuiu a velocidade. Contemplou a mansão de madeira e tijolo. Que bonita. Não esperava menos de um arquiteto, disse.

—Uau tia, que casa mais fixe!

C.J. assentiu. Apagou o motor e saiu do carro. Era evidente que Xander estava em casa, porque o Porsche azul estava estacionado fora.

—Sim, muito bonita. Agora vamos entregar a carteira ao dono e depois vamos comer a tua banana split napolitana.

—lupi!

Cassandra caminhou a sentir os deliciosos raios de sol no rosto. Tinha deixado os óculos de sol em casa. Quando estava em frente à grande porta dupla de madeira e de vidros revestidos, tocou à campainha.

Não houve resposta. Esperou cinco minutos. Voltou a insistir.

Momentos depois a porta abriu-se.



Sonolento. Com olheiras. Barba de dois dias e sem camisa, Xander olhou para ela.

—Cassandra? —disse com voz áspera—. Devo de estar a dormir se acho que estás aqui.

—Oh, desculpa, não quis interromper... é quase meio-dia e —deu uma ligeira cotevelada à sobrinha e ela entregou-lhe a carteira— a minha sobrinha, Yessa —a menina sorriu— encontrou a tua carteira no jardim da minha casa. Pensei que talvez estivesses preocupado, por isso... —soltou ar, aqui tens —disse entregando-a.

Xander passou a mão pelo cabelo e aceitou-a.

—Obrigado... espera —pediu, quando se deu conta que C.J. já se ia embora com a sobrinha. — Por favor, entra e toma alguma coisa. Vou tomar um duche e desço. Está bem?

—Errr...

—Está bem —respondeu Yessa pela tia e entrou em casa.

Xander riu-se e fez um gesto para que a C.J. entrasse. Ela sorriu e entrou. Já se estava a arrepender da ideia parva de ir a casa do Xander, mas teve de entrar, não tinha muito sentido ficar na rua sozinha.

Ele subiu as escadas, enquanto Cassandra entrava na sala de estar. Ficou de boca aberta. Para ser a casa de um homem solteiro estava muito bem decorada e impecável. Tons castanhos e ouro chapado. Móveis... uau, *vintage*. Tapetes grossos, sofás amplos e acolchoados. Passou a mão por eles, com um sorriso por ver Yessa perfeitamente acomodada num deles imersa no Harry Potter. Foi até à sala de jantar que estava ao lado. Havia uma porta que dava para um grande jardim. Não tinha piscina, só relva verde e um baloiço muito giro.

À direita ficava a entrada para uma cozinha. Curiosa, entrou. Uau! Tudo o que fazia falta para que um apaixonado pela cozinha desse em maluco. Havia umas escadas laterais. Ela deduzia que de certeza de que davam para os quartos.

Saiu da cozinha e voltou à sala. Não queria parecer bisbilhoteira. Sentou-se ao lado da sobrinha. Pasado um bocadinho alguém inesperado desceu as escadas. Uma mulher. Muito bonita, por sinal. Pómulos altos. Olhos vivos. Cabelo preso num totó e com um vestido que deixava pouco à imaginação.

Poderes do universo quero teletransportar-me, pensou.

Agarrou imediatamente na mão da Yessa e esta olhou-a confusa quando a obrigou a levantar-se.

—Vamo-nos embora —sussurrou-lhe ao ouvido.

—Porquê, tia? Xander disse para estarmos cómodas. Vá lá, não sejas estraga-prazeres que estou no melhor capítulo.

—Disse que...

Nesse momento a mulher aproximou-se. Ela sentia um incómodo muito parecido aos ciúmes.

Não tinha direito nenhum. Nenhum. É que só a ideia de se ter deixado enganar, ainda que fosse por um só segundo pela ideia de um homem ser sincero, deixava-a doente.

Porque é que Xander tinha um rosto tão sonolento? Era porque tinha tido uma maratona de sexo noturno. Meu Deus. Provevelmente tinham interrompido a sessão da manhã. De acordo com o olhar radiante daquela mulher, sendo já meio-dia, isso era o mais certo. Para além disso tinha o cabelo molhado. «Ai, Cassandra, não vás por esses caminhos», disse para si mesma.

A desconhecida aproximou-se.

—Olá —esticou a mão e Cassandra não teve outra saída que não fosse apertá-la— Chamo-me Nicole. —Sorriu.

«E ainda por cima tinha uns dentes perfeitos. Genial!», pensou C.J. com sarcasmo.

—Cassandra Bostworth —disse com tom altivo. Não sabia de onde tinha saído tal disparate. O que é que queria deixar claro?

—Oh, uau, grande nome. Algo relacionado com Bostworth Luxury?

—É a empresa da minha família —respondeu secamente. Não queria ficar nem mais um segundo naquela casa. Tinha sido um erro. Apertou os dentes.

—Oh, maravilhoso. Trabalhas ali?

—Sou a gerente geral atual e encarregada da presidência.

—Uau! Um verdadeiro feito. Adoro mulheres como tu. Decididas e com um lugar no conselho de administração. Os homens dirão: têm os tomates no sítio certo. —Riu-se, piscando-lhe o olho— Eu sou...

—Uma amiga —disse Xander ao pôr a mão em cima do ombro da Nicole. Deixou escapar um sorriso, quando Cassandra não conseguiu evitar uma careta. Estava ciumenta. Interessante.

—Bom, já te trouxemos a carteira, agora vamo-nos embora—disse C.J.

Yessa olhava para um e para outro. Estranhava o comportamento frio da tia com outra pessoa. Geralmente, a tia Cassy costumava ser muito amável, pensou a menina.

—Oh... —expressou Nicole desconcertada ao sentir a corrente de rejeição por parte da Cassandra.

Xander sorriu.

—Nicole é veterinária. Ontem, como houve uma trovada ajudei-a até à entrada da madrugada a cuidar dos cães do refúgio que ela gere, porque um dos veterinários de turno ficou doente.

—Tenho de ir buscar a minha mulher ao aeroporto hoje à noite. Tenho de ir arrumar a casa. Obrigada por me teres deixado dormir aqui umas horas, Xander, e pela tua ajuda no refúgio —disse Nicole. Deu um abraço ao amigo e depois olhou para a Cassandra. — Foi um prazer conhecer-te. Espero que algum dia possamos conversar. A minha mulher adora a loja da tua

família.

—Sim? Obrigada —respondeu C.J., consternada. Que figurinha! A amiga de Xander era lésbica. Estava casada. Tinha passado a noite ali porque ficaram até amanhecer no refúgio. — Tudo de bom —conseguiu dizer. Tinha a certeza que estava corada.

Nicole assentiu e despediu-se da Yessa, depois saiu para esperar pelo táxi que tinha pedido antes de descer as escadas.

A sobrinha de Cassy deixou de lhes prestar atenção e sentou-se com a Tablet. Queria avançar na leitura, porque quando chegasse a casa tinha a certeza que o pai ia restringir o uso da Tablet, mesmo que fosse para ler. Se não o conhecesse.

C.J. ficou de pé a olhar para o chão de parquet.

Xander agarrou-lhe no queixo e levantou-o para que ela olhasse para ele.

—Cassandra...—Ela olhou-o com vergonha— O que é que estavas a pensar?

—Na realidade não pensava, esse era o problema —respondeu nervosa—Além disso, o que eu pense ou deixe de pensar não é importante. Tu e eu só trabalhamos juntos, por isso...

A boca de Xander calou-a. Introduziu os dedos no cabelo loiro e com a mão livre agarrou-a pela cintura e colou-a firmemente ao corpo dele. Os lábios moldaram-se aos de C.J. Ela ia protestar, mas ele utilizou esse momento para deslizar a boca e percorrer-la.

O coração da Cassandra batia a mil à hora. O ar nos pulmões parecia que se expandia quando as bocas se acoplaram uma na outra numa engenharia perfeita. O desejo que despertou nela arrasou-a completamente e o palpitante que sentiu entre as coxas confirmou isso.

Sentia os peitos pesados, os mamilos erectos e isso fez com que se esquecesse de tudo o resto. Devia afastá-lo, pensou, enquanto gozava do sabor dos beijos dele. No lugar disso, pôs as mãos nos firmes peitorais de Xander e acariciou-o. Começou a subir até que prendeu os dedos atrás da nuca dele.

Os gemidos da Cassandra estavam a dar com ele em maluco. Queria descobrir cada parte do corpo dela. Era esbelta e encaixava perfeitamente nele. Gostava de a ver descontraída, sem maquilhagem e com roupa informal.

—Tia Cassy, podes parar de fazer isso? Quero a minha banana split napolitana! —disse Yessa, interrompendo-os.

Corada, C.J. afastou-se de Xander, mas ele não se sentia nada consternado nem envergonhado.

—Devias de estar a ler —foi a resposta de C.J., à qual Xander não pôde evitar soltar uma gargalhada. Isto custou-lhe um olhar de advertência de C.J.

—Bem, não devias estar a beijar o teu namorado, tia.

—Ele não é meu namorado.

Yessa olhou para ela confusa.

—Tenho gelado no congelador, o que achas se te trago um? —acudiu Xander para salvar a C.J. de ter de encontrar uma resposta que refutasse a opinião da menina.

—A sério? Tens de vários sabores? —perguntou, esquecendo-se do beijo que acabava de presenciar.

—Claro!

Cassandra disse *obrigado* com uma mímica de lábios, e em troca Xander piscou-lhe o olho. Yessa foi atrás dele feliz, enquanto a tia recuperava a compostura.

Xander deu-se conta que gostava da sobrinha da C.J. Era uma menina esperta, faladora e muito gulosa. Repetiu o gelado duas vezes, apesar dos protestos da tia. Passado um bocado, os pais da menina telefonaram para a C.J., para lhe dizer que dentro de 30 minutos iam buscar a filha.

—Porque é que não lhes dizes para passarem por aqui? —sugeriu ele—. Talvez seja mais rápido de onde vêm. É só uma ideia. Tu decides.

—Sim, tia —disse Yessa— vivemos perto de aqui. Mas não te esqueças que temos pendente um banho na tua piscina.

Cassandra riu-se e inclinou-se para abraçar a menina.

—Mas repetiste o gelado duas vezes. Praticamente deixaste o Xander sem reservas de goloseimas.

—Nah, a minha sobrinha também é assim gulosa —interveio ele ao pôr os três pratos na máquina de lavar loiça—. Talvez quando a Sasha vier possas vir brincar com ela, Yessa. É fanática pela Barbie e também gosta de colecionar quebra-cabeças. Tem a mesma idade do que tu.

A pequena olhou para ele com ilusão. A C.J. isso derreteu-lhe um bocadinho mais o coração. Ele tinha um toque especial com as crianças. Yessa era uma menina doce, mas não era fácil aproximar-se dela, e Xander conquistou-a. Não pelo gelado precisamente, mas porque conversava com ela e parecia entendê-la na perfeição.

—Posso voltar aqui? —perguntou a menina com voz aguda e olhos espantados. Antes de ir buscar os gelados, Xander fez um *tour* pelo rés-de-chão da casa. Uma sala de jogos para adultos: bilhar, dardos, mesa de cartas e uma ruleta. Uma magnífica biblioteca. Um escritório alternativo para Xander trabalhar em casa. Um salão de massagens e um jacuzzi interior. Depois a cozinha onde ficaram.

—Yessa... —advirtiu C.J.

—Claro, agora somos amigos, partilhámos o gelado. Não foi? —perguntou com um sorriso. Yessa assentiu— Perfeito. Então está combinado. No andar de cima tenho alguns quartos e uma sala de brincadeiras que mandei construir para a Sasha. Podem partilhá-lo... se os teus pais e a tua tia te autorizarem a vir, claro.

—Obrigada, Xander, és muito melhor que o meu tio Noah... não sei se lhe chamar tio, porque já não está casado com a tia Cassy —disse pensativa. Cassandra baixou o olhar, mas ele agarrou-lhe a mão e apertou-a com ternura— Tia, dizes aos meus pais para me virem buscar aqui?

Seria ridículo e pouco prático voltar a casa, até Green Hills, para que o irmão fosse buscar a Yessa, quando a casa de Charles e Sophia ficava de caminho. Ela não queria que o irmão comesse a fazer perguntas, mas talvez merecesse por andar armada em boa samaritana.

De acordo, não era verdade, estava a passar por esse momento de querer ter uma desculpa para saber se o Xander se estava a afastar dela. Desde quando lhe interessava o que ele fazia ou deixava de fazer? Só por um beijo à porta de casa já há vários dias?

Sim. Foi mais que um simples beijo. Tinha removido os cimentos do desejo que estavam adormecidos dentro do corpo dela. Tal como dizia a Serena, *Andy* não era o melhor companheiro. Xander tinha despertado nela a necessidade de tocar, receber e dar prazer de um modo impactante.

Estava um pouco confundida com respeito às próprias emoções. Pelo menos com aquelas que não estavam relacionadas com a luxúria. Embora para ser sincera, nunca se tenha deixado levar por ela... até que o conheceu. Estava assustada, porque as inseguranças ainda a perseguiram.

—Está bem —respondeu a Cassandra. Enviou uma mensagem à cunhada, porque o irmão estava a conduzir e não ia ler a tempo. Minutos depois, a Sophia respondeu a dizer que estavam a caminho da nova morada.— Pronto.

\*\*\*

Cassandra despediu-se da Yessa com um abraço, não sem antes apresentar o irmão e a cunhada a Xander. Ninguém fez comentários sobre o facto de C.J. estar de novo no bairro em casa de uma pessoa que Charles não conhecia. Geralmente, os irmãos Bostworth partilhavam as mesmas amizades.

Xander notou que tanto Sophia como Charles eram bastante altos. Ambos eram muito simpáticos e destilavam simplicidade. Gostou deles de imediato. Convidou-os para entrar em casa, mas eles rejeitaram educadamente.

—Obrigada por cuidares dela —disse Sophia à cunhada. Depois olhou para o Xander e disse: — Que prazer em conhecer mais um amigo da Cassy.

—Um prazer, Sophia.

—A verdade é que ele trabalha comigo nas remodelações da casa —apressou-se a explicar C.J.— é dono da companhia de arquitectos e desenhos de interiores. Zhurov & Companhia.

—Muito bem, obrigada, não poderia ter feito melhor apresentação de mim mesmo —expressu Xander a olhar para ela com um sorriso nos lábios. Porque estava nervosa?

—Os meus amigos precisam sempre de arquitectos ou pessoas que adaptem os espaços do escritório. Se a minha irmã te contratou é porque deves ser o melhor do teu meio. Cassy só trabalha com os melhores —disse Charles, olhando para a irmã com orgulho.— Tens cartão de visita?

—Dentro, no meu estúdio, mas posso-te enviar o meu contacto se me dás o teu. —Trocaram informação. Aí tens.

—Estupendo. —Deu-lhe um aperto de mão a voltou-se para a irmã, dando-lhe um abraço. —Adeus, Cassy. Depois contas-me quem é este homem, porque é mais do que um empresário que trabalha para ti agora, não é? —sussurrou a última parte muito baixinho ao ouvido para que só ela o ouvisse.

—Adeus, Charles —disse ela no mesmo tão baixo, mas neste caso a dar-lhe a entender que não ia explicar nada.

Com um sorriso, os Gosling Bostworth afastaram-se no elegante Jaguar.

Ainda de pé no passeio, Xander olhou para a C.J.

—Estás nervosa por ficar sozinha comigo?

—Não, tenho que me ir embora.

—Ah, mas deixaste a mala na minha casa —disse com um sorriso divertido, assinalando a entrada da mansão.

—Se fosses um cavalheiro ias buscá-la para mim.

Xander soltou um riso grave. Inclinou-se sobre a C.J. e aproximou os lábios da pequena orelha. Mordeu-lhe o lóbulo tencionalmente, fazendo com que ela recuasse.

—Cassandra, vais ter de atravessar aquela porta comigo. Não vou facilitar. Desta vez temos o dia todo.

Ella conteve a respiração.

—O que é que isso quer dizer?

—Se tiveres curiosidade, vem comigo.

Viu-o ir para casa. Tinha um passo ágil, como o de um leopardo. E apesar da altura andava com confiança. De costas largas e braços fortes, Xander era um verdadeiro guerreiro moderno. Um guerreiro nos escritórios corporativos. Tinha estudado os antecedentes dele, tal como o tinha feito com as outras empresas que tinham participado no concurso para trabalhar com ela. Xander era um *self-made man*. Não devia nada a ninguém e o seu negócio crescia de dia para dia.

Com curiosidade ou sem curiosidade não se podia ir embora de Belle Meade. Não podia fugir, primeiro porque as chaves do carro estavam guardadas na mala e esta estava na sala de Xander. Segundo, porque pela primeira vez há muito tempo queria explorar os próprios limites e deixar os medos de lado. Se havia alguém capaz de consegui-lo, tinha a certeza de que era o

arquitecto giraço que acabava de atravessar a porta dupla de madeira, que ficava a vários passos de distância do passeio.

Olhou para o céu. Como se pudesse encontrar ali alguma resposta. Ela tinha vivido rodeada nos últimos meses de nuvens e tempestades. Ainda não tinha escampado, mas só restavam aguaceiros ténues. Talvez o facto de nesse dia o sol brilhar no firmamento azul e claro fosse um sinal.





## CAPÍTULO 9

Os braços de Xander receberam-na à entrada. Agarrou-lhe o rosto entre as mãos e olhou para ela com intensidade. Esses olhos verde-azulados tinham-se tornado mais profundos. Cativantes. Ela não queria ficar presa neles, por isso procurou com o olhar a mala.

—Cassandra...—disse, obrigando-a a olhar para ele. Quando ela o fez, sorriu—. Almoça comigo.

—Tenho de me ir embora —sussurrou.

—É sábado. Temos o dia todo pela frente. Eu cozinho.

—Sabes cozinhar?

—Não é em vão que tenho uma cozinha com todos os instrumentos profissionais necessários. A minha mãe ensinou-nos, tanto a mim como à Annika, a cozinhar. Pratos russos, norte-americanos e cada um pelo caminho aprendeu a fazer o que mais gostava. Então, o que dizes? É uma forma de te compensar por te teres incomodado em trazer-me a carteira.

Ela assentiu.

—Está bem, obrigada.

Ele afastou-se com um sorriso.

—Vem comigo. Vou preparar *borsh*. Se tens curiosidades, é uma sopa típica da Rússia, embora também seja um dos principais pratos da Ucrânia. É rápido de preparar. Se não gostares, posso fazer outra coisa, mas acredita em mim, realmente vale a pena.

—Tenho a certeza de que vou gostar —disse ela a sorrir. Sentou-se numa das cadeiras altas da mesa—. De que parte da Rússia és exactamente? —perguntou a sentir-se cómoda e ligeira. Como se estar na cozinha de Xander, vendo-o procurar os ingredientes para cozinhar fosse o mais natural do mundo.

Ele começou a lavar os tomates de costas para a Cassandra. A janela da cozinha dava para o jardim da casa. Olhou-a por em cima do ombro.

—São Petersburgo. —Limpava os alimentos enquanto conversava—. A minha mãe era norte-americana, o meu pai russo, por isso quando se apaixonou por ele foram viver para a Rússia. Nasci eu, mas dois anos depois houve alguns problemas políticos no meu país. O meu pai era assessor diplomático internacional e também advogado, e ofereceram-lhe um lugar em Nova Iorque. Depois mudámo-nos aqui para Nashville, e a minha mãe teve a Annika.

—Vais com frequência à Rússia?

Ele negou, enquanto punha as batatas, beterraba, cenouras, cebola e couve de lado. Abriu o frigorífico e tirou a carne e pô-la a ferver. Depois girou-se para a Cassandra, apoiando-se no mármore preto do lava-loiça. Cruzou os braços no peito e sorriu-lhe.

—O meu lar é na América. Tenho parentes na Rússia, mas a verdade é que não os conheço. Nunca voltámos, nem sequer de férias. Este é o ambiente que conheço. Aprendemos a cultura e um pouco do idioma, mas mais nada para além disso.

—Desenrascas-te bastante bem na cozinha. A verdade é que não tenho muito jeito para a gastronomia. O que gosto mesmo é de preparar saladas e coisas rápidas —comentou a corar.

Xander riu-se.

—Bem, quem é que disse que cozinhar é uma prerrogativa só das mulheres? Parece-me um modo excelente de comer de maneira saudável e aproveitar a casa. Ir a restaurantes está bem, mas em casa é sempre tudo mais cómodo. Se não gostares, não gostas e já está.

—Posso ajudar-te com alguma coisa...? —perguntou.

Ele assentiu.

—No frigorífico preto está o pão, tira-o se faz favor e põe em alguma das bandejas que estão nas prateleiras do lousado. Aí, à tua esquerda. Exacto. Depois põe-los no forno para tostar. O *borsh* come-se com pão. Agora faço a *smetana*.

—O que é isso?

—Um molho amargo típico.

—Sinto-me bastante inútil...

Xander riu-se. Afastou-se do fogão, não sem antes colocá-lo a lume brando, enquanto cozinhava a carne. Aproximou-se da Cassandra.

—Convidei-te para comer. O teu trabalho é simplesmente comer e dizer-me que está delicioso.

C.J. riu-se.

—Depois digo-te se valeu a pena esperar pelos teu cozinhado.

—Vou fazer com que valha a pena —respondeu com sentido duplo, o que agitou os nervos da C.J..

E antes que ela dissesse mais alguma coisa, Xander roubou-lhe um beijo rápido. Depois voltou-se e continuou a cozinhar. Contou-lhe como tinha montado a empresa, alheio ao facto de que a C.J. tocava lábios com os dedos, surpreendida pelo modo em que um simples toque dele a fazia arder.

Xander falou-lhe da pequena herança dos pais, que lhe serviu de aval inicial para começar a dar forma à empresa. Também lhe contou que lhe custava muito que a única irmã vivesse longe, mas que entendia que cada um seguia na vida um caminho e sentia-se agradecido por poder dar a Annika e Sasha a oportunidade de ficarem numa casa confortável quando o vinham visitar.

Comeram com gosto. Ela tinha de reconhecer que estava realmente delicioso. E fê-lo saber. Falaram mais um pouco sobre coisas superficiais da profissão, as mudanças que tinham ocorrido

ultimamente na política local, e até da Super Bowl. Quando falaram sobre quem era o melhor jogador de toda a NFL, envolveram-se numa discussão por mais de 20 minutos. Finalmente, Xander teve de aceitar que apesar das polémicas à volta do tema, Tom Brady era um dos melhores jogadores contemporâneos.

Ela ajudou-o a pôr os pratos na máquina de lavar-loiça. Quando já estava tudo limpo, Cassandra começou a afastar-se. Xander seguiu-a.

—Obrigada pelo almoço. Estava muito bom —disse quando chegou à sala.

—Gostavas de ver um filme na minha sala de cinema?

—Tens uma casa espectacular —disse a rir-se— Não entendo como sais daqui. Se eu tivesse uma casa assim, a minha família tinha de me vir tirar daqui com a polícia, e a Serena ia ficar furiosa, de certeza.

Ele sorriu.

—Gostas de filmes de ação?

—Sim, muito.

Foram até uma sala que ele antes não lhe tinha mostrado, quando a Yessa ainda lá estava. Era uma sala pequenina, mas acolhedora. Contava com um ecrã gigante de cinema.

A ambos os lados da sala em desnível estavam duas filas de assentos duplos reclináveis e evidentemente muito cómodos. Era impossível que quem se sentasse para ver um filme tivesse problemas para vê-lo com nitidez. O chão estava revestido por um tapete azul escuro e nas paredes estavam os alto-falantes *Dolby Surround*. Cada assento tinha o dobro do tamanho daqueles que se encontravam nas salas de cinemas habituais. Até se podia dormir num deles.

Xander saiu um momento e pouco depois as luzes começaram a atenuar.

—Anda cá —disse Xander ao agarrá-la pela mão para que se sentasse ao lado dele— Gosto muito deste filme. *Déjà vu* com o ator Denzel Washington.

—Ainda não o vi.

Ele sorriu.

—Vais gostar. —Apertou um botão do comando à distância e o filme começou a projetar-se de imediato.

O braço de Xander rodeava o assento e com os dedos começou a acariciar o ombro direito de C.J. Ela estava a tomar atenção ao filme. Sentia-se um pouco sonolenta. Na noite anterior tinha-se divertido muito com os Woods, mas chegaram a casa tarde devido à trovoada. E com o gelado e mais o almoço do Xander estava pronta para dormir uma sesta.

O filme continuou.

—Queres que te traga um chá ou alguma coisa? —perguntou ele, sentindo-se muito bem com a C.J., quem já tinha apoiado a cabeça no ombro dele.

Ela não lhe respondeu, por isso pensou que estava muito atenta ao filme. Não disse nada, mas moveu os dedos até ao cabelo suave e tocou-o. O nariz aspirou o delicioso aroma de baunilha com maçã que ela tinha.

Quando apareceram os créditos, ela não se mexeu. Xander pegou no comando à distância e apertou o botão para apagar o ecrã, os alto-falantes e acender a luz.

—Cassandra... —sussurrou, colocando-lhe o cabelo no lugar.

—Mmm...—murmurou, esfregando o rosto no ombro dele.

Ele sorriu. Estava a dormir. Bem, nunca nenhuma mulher se tinha deixado dormir nos braços dele durante um filme. A mais atrevida tinha-lhe feito uma felação tal, que lhe deixou a cabeça a dar voltas. Mas dormir? Nenhuma.

—Anda descansar. —Ela não disse nada quando Xander a pôs ao colo e a levou para o andar superior—. Aqui estás mais cómoda.

Adorava o cheiro do Xander à volta dela. O calor que irradiava do corpo embalava-a. Pela primeira vez em muito tempo não tinha vontade de construir barreiras. Tinha uma sensação de placidez e comodidade que a convidava a derreter as próprias barreiras de gelo.

Quando ouviu que ele entrava num quarto e fechava a porta com um pé nem sequer abriu os olhos. O que sentiu a seguir foi a suavidade de um edredón debaixo do corpo. Virou-se de lado e, finalmente, olhou para ele.

—Olha... —sussurrou Xander agachado ao lado dela e a acariciar-lhe o rosto— Vou deixar-te aqui a descansar. Ok? Sente-te como se estivesses na tua própria casa. Se precisares de alguma coisa, o meu quarto está dois quartos mais à frente.

Ela assentiu, observando-o com tanta atenção que podia descifrar que os olhos de Xander mudavam de um intenso azul a um verde-azulado claro, segundo o seu estado de ânimo. Quando estava sério eram azuis, mas quando se excitava eram verde-azulados. Pareceu-lhe uma descoberta interessante.

—Sou uma péssima companheira para ver filmes... Devia ter-te dito —disse com um tom sorridente.

Ele deslizou-lhe um dedo pelo rosto até aos lábios cheios. Acariciou-lhos.

—Também tem muito a ver com o facto de estares cansada de trabalhar, não é?

—Ontem à noite, por causa da trovoada, Serena e o marido deixaram-me tarde em casa. Por causa disso, só dormi cinco horas. A comida deixou-me *knock-out*.

Xander riu-se baixinho.

—Vou tê-lo em conta para a próxima vez e não te convido para ver nenhum filme. —Inclinou-se para beijá-la nos lábios. Depois levantou-se, mas a mão de C.J. agarrou a dele com firmeza—. O que é que se passa?

C.J. ia arriscar, porque há muito, muito tempo, que não desejava alguma coisa com tanta intensidade, como desejava o Xander. Tocando-a. Sim que sentia medo e sim que sentia inseguranças, mas algo lhe gritava que ele podia afugentar os pesadelos dela para sempre. Tudo tinha um risco, e nesta ocasião, fossem quais fossem os efeitos colaterais, estava disposta a ceitá-los.

—Xander... desejo-te —confessou. Observou o impacto no rosto dele pela confissão. Tinha consciência de que Xander sabia o efeito que tinha nela, mas dizer-lhe tão abertamente, quando num início se tentou comportar de forma hermética, era outra coisa—. Tu...?

Ele agarrou-lhe na mão e beijou-lhe a parte interior do pulso.

—Desejo-te com loucura, Cassandra. Tu sabes.

—Mas...? —deixou a pergunta no ar ao ver a dúvida nos olhos dele. Talvez se estivesse a arriscar novamente e saísse escaldada.

—Quero entender porque permitiste às pessoas formarem uma opinião errada sobre ti. Porque lhes deixaste pensar que és implacável, sem sentimentos, quando és toda paixão e entrega.

Ela olhou para ele com tristeza.

—Tem a ver com o que ouviste no outro dia no escritório.

—Noah?

—Sim.

—Conta-me. Diz-me o que é que ele te fez. Porque deixaste que ele continuasse a trabalhar na empresa.

C.J. suspirou.

Xander descalçou-se e sentou-se na cama. Ela seguiu-o com o olhar. Ele pôs-se de lado, com a mão apoiada no queixo. C.J. fez o mesmo, mas apoiou a cara na palma da mão direita, em cima da almofada.

—Ele e a família dele assinaram um contrato por uma década para abrir um departamento de artigos para automóveis de luxo e de coleção em quase todas as nossas lojas de Bostworth Luxury. Este contrato expira daqui a poucas semanas. Se o meu pai não expressar vontade de renová-lo há uma cláusula que assume automaticamente mais dez anos de contrato.

—E o que é que isso tem a ver contigo?

—Tenho de estar como gerente geral em todas as reuniões. Expor um balanço de resultados trimestral. Se o meu pai não está, eu substituo-o, como agora. Posso faltar a algumas reuniões, mas não a todas. Não às mais importantes, aquelas em que costumam estar os chefes de departamento e os parceiros comerciais, como os Caldwell. Neste caso, Noah.

—Devias dizer ao teu pai como se porta esse cretino.

Ela sorriu com tristeza.

—Xander, casar-me foi um erro terrível. Não é um erro do meu pai nem de ninguém. Só meu. Não posso permitir que uma aliança comercial que nos trouxe tantos benefícios acabe por culpa de uma escolha errada.

—O teu pai nunca ia pôr os negócios à frente da própria filha. Ou sim?

—Não, mas eu também não quero que a aliança comercial se desajuste.

—Qual é o plano?

—Convencer o meu pai a não renovar o contrato sem mencionar os inconvenientes pessoais que tenho por ter o Noah por perto. Com argumentos numéricos.

—E tem-los? —perguntou, acariciando-lhe o cabelo. Depois agarrou-lhe na mão e massajou-lhe suavemente os dedos de forma distraída.

—Sim. Embora pelo meio haja uma grande amizade entre as nossas famílias.

—Apesar do divórcio?

—Não misturamos trabalho com prazer —disse, desta vez com um sorriso, lembrando-se das palavras que uma vez tinha dito ao Xander.

Ele riu-se.

—Já entendo a parte dos negócios, e a pessoal? —insistiu. Não gostou de ver a sombra que se apoderou da expressão da C.J., mas precisava de saber para conseguir entendê-la. Queria entendê-la. Apoiá-la. Umas emoções que não costumavam surgir nele habitualmente. Na realidade, nunca.

—O meu casamento foi desde o princípio pensado como um assunto de negócios. Pelo menos pelo Noah. Ele nunca quis saber de mim pelo que sou, mas sim pelos benefícios que o meu apelido podia contribuir ao dele, abrindo-lhe um leque de possibilidades ao redor dos Bostworth. Foi sempre encantador, atento e compreendia-me... ou pelo menos fingia que sim —relatou com decepção—. Tive alguns namorados na escola e na universidade, mas nenhum era tão maduro como ele. Por isso, e uma vez que a família dele e a minha já faziam negócios juntas, pareceu-me muito natural casar-me com o Noah, quando ele me pediu. Era a galinha dos ovos de ouro para ele. Embora para mim tivesse sido o início de um pesadelo.

Xander apertou os dentes, mas manteve o olhar compreensivo e terno com a Cassandra. Sentiu como ela afastou a mão para imediatamente entrelaçar os dedos nos de ele.

—O que é que ele te fez?

—Dano físico nunca, mas a nível emocional deu cabo de mim. —Respirou profundamente—. A cerimónia de casamento foi muito privada e bonita. A que sempre quis ter. Fomos de lua de mel às Bahamas. —Fechou os olhos—. No momento em que entrámos na suite com vista para o mar, eu esperava seduzi-lo com uma linda roupa interior de encaixe... ele olhou para mim com desprezo. Disse-me que só se tinha casado comigo por causa do negócio familiar, que não o excitava, porque era desenfrenada e carente de encanto. —Xander tinha vontade partir alguma coisa. Maldito

canalha. No dia em que voltasse a ver Noah Caldwell, partia-lhe a cara— Deixou-me sozinha e foi jogar para o casino.

—Então nunca...?

—Para além de uns beijos roubados e esse tipo de coisas... só uma vez. E eu não gostei particularmente, mas ele disse que a culpa era minha. Desde aí, dizia que preferia esperar para depois do casamento. Para fazer as coisas bem...

—Desgraçado.

—Eu tentei solucionar as coisas, porque pensei que talvez estivesse a fazer algo mal... tentei surpreendê-lo um dia, antes de que acabasse a nossa lua de mel. Ele tinha-se desculpado e retomámos a harmonia. Eu aceitei as desculpas, porque não sou uma pessoa rancorosa. Não penses que sou parva, mas pensei que podia superá-lo. Dei-lhe uma oportunidade. Quando voltei de um passeio de yate e entrei no nosso quarto... Ele tinha-se negado a acompanhar-me, porque não gostava de yates, mas incentivou-me a ir. Voltei antes... o suficiente para encontrá-lo na cama com outro homem.

—Deus...

—Quando lhe disse que queria o divócio chamou-me de tudo. Ameaçou de boicotar os negócios com o meu pai e mais umas quantas coisas... mas não conseguí aguentá-lo mais de três meses. Acusava-me de ter de recorrer a um homem para ter prazer, porque eu não era mulher suficiente para ele —disse com uma voz baixinha e rasgada, Xander teve de se aproximar mais dela para a ouvir—. Foram três meses de inferno até que simplesmente não conseguí mais e o abandonei. Cada vez que podia esfregava-me na cara que os meus peitos eram pequenos, que não gostava das minhas ancas e que todas as noites saía de casa para procurar prazer com um homem, que ao parecer era mais ardente do que uma mulher. A Serena é a única pessoa que sabe a verdade. Ela tratou do divórcio, embora a área da família não seja a linha legal em que trabalha, é um génio. Eu... é por causa disto a cláusula de confidencialidade... porque temo que alguma vez alguém ouça alguma coisa e possa...

Xander conteve uma série de impropérios. Como é que era possível que um homem fosse capaz de tamanha cobardia? Como é que era possível que um homem tratasse assim uma mulher, escondendo a verdade sobre a própria sexualidade? O que é que tinha de vengoso ser homossexual e aceitá-lo?

—Cassy, nós temos uma ética profissional muito elevada, agora já sabes disso. E tivéssemos ou não assinado uma cláusula como essa, eu não divulgaria a minha vida pessoal. De facto, nunca tive uma relação com uma cliente. Contudo, contigo não conseguí resistir. Tocaste-me fundo... —sorriu com ternura—. Para além disso tudo, porque é que te custa tanto acreditar quando te digo que és linda? Tu és, Cassandra.

—Xander, tu és o tipo de homem que quer mulheres exuberantes, exóticas e com curvas pronunciadas.

—Conheces-me tanto assim? —perguntou com sarcasmo antes de se rir—C.J., lembro-te que

vi cada uma das tuas curvas num biquini preto minúsculo, e tens um corpo esbelto e perfeito. Se quisesse uma mulher exuberante comigo, então não estava aqui ao teu lado a tentar entender-te, ainda que tenha muita vontade de despir-te e enterrar-me no teu corpo.

—Não sei seduzir... não sou boa na cama... eu... —murmurou. Uma lágrima solitária deslizou pelo rosto.

—O facto desse bastardo e cobarde te ter tratado dessa maneira, não significa que tenhas de permitir que as mentiras dele te prejudiquem. És uma mulher giríssima, inteligente e sexy. Nunca duvides de ti, Cassandra. Devias contar a toda a gente que ele é homossexual. Que não se trata de que tu sejas frígida, mas que ele não pode ter sexo com uma mulher, porque gosta de homens. É fácil. Porque é que tens de carregar com toda a culpa de uma coisa que não te corresponde levar às costas?

—O pai do Noah é muito conservador. Se descobre é capaz de deserdar o filho único.

—E o que é que isso te diz respeito, C.J.?

—Não me diz respeito, mas não quero decepcionar o meu pai.

—Porque ias fazê-lo?

—Porque a aliança com os Caldwell desmoronaria, e ele não quer isso. Não quero que o negócio seja afetado nem que se arme um escândalo.

Um ideia surgiu na mente de Xander.

—Do que é que o teu pai precisa para substituir Caldwell sem pensar duas vezes?

Ela franziu a testa.

—Uma oferta de negócios que gere garantias de rentabilidade e que ao mesmo tempo seja inovadora e necessária para os nossos clientes. Um pacote que também seja exclusivo.

—Tenho a solução perfeita para ti.

Ela sorriu.

—Não me digas. Qual é?

—Necessito de um estímulo para poder desenvolve-la bem —disse mudando o tom preocupado e meditativo, por um sensual e rouco ao olhá-la nos olhos.

C.J. mordeu o lábio inferior e depois soltou-o suavemente.

—Xander... acabei de te contar... o meu casamento foi um desastre, e há muito tempo que não estou com ninguém... A verdade é que tenho medo de não ser capaz de satisfazer ou não ser boa o suficiente... e...

Ele olhou para ela com ternura.

—Só ver-te já é um prazer para mim, Cassandra, não sabias? —perguntou ao aproximar-se até que os narizes se colaram e os lábios ficaram a dois milímetros de distância— Não quero que



faças mais nada que não seja desfrutar. Vais deixar que te mostre o quanto te desejo? — perguntou sobre os lábios trêmulos de C.J. —. Vais-me deixar dar-te prazer e fazer-te gozar?

—Xander... —murmurou perdida na emoção que as palavras lhe causavam.

—Xander, sim? Ou Xander, não?

Ela soltou um riso nervoso, quando sentiu a mão debaixo da blusa acariciando-lhe com os dedos o ventre.

—Sim.

Ele pôs-se em cima de C.J., apoiando o peso nos antebraços para não a esmagar. Adorava estar tão perto dela. Cheirava super bem. Começou a beijá-la com doçura. Sem pressas. Saboreando a boca dela e sentindo como ela se abria a ele. Invadiu esse calor com a língua, explorou-a no meio dos suaves gemidos que saiam da garganta de C.J. e que ele absorvia com prazer.

Ela sentia-se muito bem com o peso de Xander sobre ela. Não a tocava, só a beijava. E como o fazia! Às vezes de forma doce, outras voraz. Pouco a pouco sentiu como a dureza do membro dele crescia contra a sua perna. Ele tinha uma coxa entre as pernas dela e a outra esticada no colchão.

O calor e a eletricidade que emanavam dos corpos criou na C.J. uma sensação primitiva de tensão nas coxas. Os peitos estavam inchados e os mamilos erectos. Cada carícia com a língua reforçava a convicção que tinha de nunca ter sido beijada ao ponto de estar ao beira do delírio, como ele estava a fazer.

—Tens uma boca deliciosa —murmurou Xander, contemplando-a. Tentava respirar com normalidade. Era impossível.

—Eu sei —disse com um sorriso.

Ele gostou de vê-la tranquila e sentir que, pelo menos no que dizia respeito aos beijos dele, tinha confiança nela mesma. Esperava que à medida que as carícias fossem avançando essa confiança nela, como mulher, se fosse recuperando e consolidando. Porque a Cassandra era realmente linda.

—Estás a olhar para mim há muito tempo —disse indecisa—. Vais parar?

—Pareço-te um homem que não bate bem da cabeça? —perguntou docemente. Queria olhar para ela durante um momento, antes de despi-la e possuí-la. Gostou de ver as pupilas de Cassandra dilatadas, a veia na parte baixa do pescoço trémula e a forma como os peitos subiam e baixavam agitados. Eram os sinais evidentes de como estava excitada. Ele queria saborear esse instante—. Só estou a olhar para ti.

—E isso é...?

—Espero que não esteja à espera de elogios, menina Bostworth.

Cassandra levantou as mão para entrelaça-las atrás da nuca de Xander.

—Só quero que por fim te cales e me beijes... por favor.

Com uma gargalhada roca, Xander beijou-a durante um longo momento, não sem antes começar a tirar a própria roupa. Entre os dois despiram-se pouco a pouco. Com uma lentidão intencional. Quando C.J. ficou em sutiã e cuequinhas, ele assoprou.

—Não me enganei. De perto ainda és mais gira. A tua pele é suave como a seda —disse, acariciando com os nós dos dedos a parte superior dos peitos cremosos. Vi-a os mamilos erectos. Desenhou um traço até ao duro botão e apertou-o entre os dedos com força. Ela curvou-se.

—Sim? —perguntou insegura desta vez. Xander ainda tinha os boxer azuis escuros postos. Embora tapassem a ereção, dava-se conta que era grande. Muito. Ia caber nela?

—Confia em mim —respondeu com um sorriso.

—Não tenho muitos com quem te possa comparar —murmurou, acariciando-lhe a face bem barbeada e depois desenhar com os dedos o contorno dos traços esculpidos e varonis.

Ele levantou uma sobrancelha.

—Gosto de saber isso, porque tu não és comparável a nenhuma outra mulher com quem eu estive—disse sério.

E foi esse olhar decidido e ardente junto com o tom de voz firme, que fez com que Cassandra se sentisse desejada como nunca. E era uma sensação maravilhosa. Ela nunca tinha sentido tanto desejo por um homem, e depois de tantas humilhações e tempo a conter-se pelo passado, o nível de excitação nunca tinha sido tão intenso.

—Faz amor comigo, Xander.

—Quero que tenhas a certeza absolutamente.

Cassandra acariciou-lhe a face com carinho.

—Tenho.



## CAPÍTULO 10

A visão dos peitorais musculados e bronzeados de Xander secaram-lhe a boca. Os braços ao flexionarem-se davam-lhe vontade de mordiscá-lo, e os abdominais marcados eram convidativos. Mas era a expressão feroz e o olhar verde-azulado excitado que a deixavam sem ar. Porque desejava-a de verdade. Só a ela e nada mais que a ela.

Xander inclinou-se para beijá-la. Ela suspirou antes de lhe dar as boas-vindas à sua boca. Não acreditava que fosse possível esquecer-se do sabor viciante dos beijos dele. Quando ele afastou a boca, dedicou-lhe um sensual meio sorriso. Beijou-lhe o pescoço, os ombros e quando chegou aos peitos lambeu a parte superior de cada um.

—Xander...

Ele não respondeu à súplica. Com os dedos ágeis desfez o fecho da frente do sutiã e dois lindos montes de suavidade cremosa ficaram à vista. Os mamilos, com cor de cereja, estavam duros e convidavam a ser provados e degustados.

—És um primor. Os teu peitos são tão bonitos, toda tu —disse antes de fechar os olhos e inclinar-se para meter a boca num deles.

Lambeu e chupou os mamilos com deleite. Cassandra suspirou e acariciou-lhe o cabelo, excitada perante a visão da boca masculina a fechar-se à volta de cada peito. Fê-la gozar com sensibilidade, às vezes as mãos grandes e fortes substituíam a boca num peito, enquanto os lábios mornos e peritos torturavam o outro.

Xander desceu pelo corpo dela, beijando cada pedaço de pele com a boca aberta, saboreando o sabor de cada cantinho. Quando chegou às ancas, levantou o rosto. Os olhos de Cassandra estavam bem abertos, mas a expressão dela era ávida e necessitada de prazer. E ele pensava dar-lho. Apanhou a bainha das cuequinhas e começou a deslizá-las para baixo com suavidade.

Ao mesmo tempo que sentia as cuequinhas deslizarem para fora das ancas, Cassandra também sentia a boca de Xander em cada sítio que ia percorrendo até chegar aos pés. Viu como atirava as cuequinhas para o lado. Ofegou nervosa. Ao ver as mãos bronzeadas apoiaram-se nas coxas para abri-las, deixando-a completamente exposta, conteve a respiração. Sem dar-lhe tempo para protestar, Xander inclinou-se e acariciou-lhe com a língua o centro da sua feminilidade.

—Aí, meu Deus... como é bom... —sussurrou completamente entregue às carícias pecaminosas a que essa boca a submetia.

Ele continuou a saboreá-la, torturando-lhe a carne sensível até que ela deixou de pensar e passou só a sentir. Meteu a cabeça para trás e fechou os olhos. Não conseguiu evitar gemer de prazer à medida que ele a tocava. Ao mesmo tempo que a boca de Xander a acariciava, curvou as ancas ao sentir a penetração de um dos dedos dele. Depois outro. E assim, numa sequência deliciosa, começou um ritmo de prazer que a fez ter um manto de sensações que nunca tinha

sentido. Com ninguém.

—Xander... —sussurrou quando o orgasmo a envolveu.

Enquanto os espasmos de Cassandra agarravam os dedos dele, Xander olhava para ela. E com a mão livre acariciava os peitos pequenos e perfeitos. Quase que ejaculou, como um miúdo de 15 anos, por a ver tão entregue, confiante e sensual. Era uma mulher receptiva e ele adorava o corpo dela, esbelto e elegante.

Quando a Cassandra começou a voltar à realidade, com um sorriso de satisfação no rosto, viu o olhar de Xander.

—Adoro os teus gemidos quando te tenho com a minha boca.

Ela sorriu e baixou a cara.

—Quero devolver-te o favor —disse com a voz grave— mas antes, preciso de te ter dentro de mim. —Ele afastou-se ligeiramente para ir buscar um preservativo. Pô-lo com rapidez perante o olhar ávido de Cassandra— És grande —sussurrou com apreciação.

Xander deixou escapar uma gargalhada rouca, enquanto se punha entre as pernas femininas.

—Cabo perfeitamente em ti, Cassy —disse antes de penetrá-la lentamente, como era duro e grosso, de uma maneira tão excitante que ela não conseguiu mais do que gemer com gosto, enquanto ele ia abrindo espaço através dos vincos íntimos dela— Estás tão húmida... —murmurou antes de se apoderar da boca de Cassandra, deixando-a saborear-se a si mesma junto com o sabor dos beijos dele.

C.J. cravou as unhas nos ombros de Xander e pegou as pernas esbeltas às ancas masculinas, sentindo as pulsações no sexo, enquanto ele a embestia com ímpeto. Ele colocou uma mão no joelho e abriu-a ainda mais para penetrá-la profundamente, estremecendo-a.

Xander tremeu, mergulhado num cúmulo de sensações que se avivavam com o som dos corpos a chocarem um contra o outro. A voz de Cassandra era como o canto de uma sereia, entre gemidos a dizer-lhe que fosse mais rápido, que a penetrasse mais profundamente. Ao mesmo tempo que ele lhe mostrava a sua força e o desejo sexual que tinha por ela. Adorava a expressão de doloroso abandono no rosto feminino, observava-o com uma paixão demoledora e de absoluta entrega, enquanto os dois se lançavam à procura de uma satisfação mútua.

O desejo que a Cassandra tinha reprimido com outro homem explodiu. Para ela, o clímax foi devastador. Tanto a mente como o corpo foram arrasados por uma explosão que lhe deixou a mente limpa e, finalmente, livre.

—Deus, Cassy, vais-me matar...—gemeu Xander antes de embestir com força, enquanto a boca chupava um dos mamilos erectos. Depois, agitado e transpirado, beijou os lábios de Cassandra, devorando-a com a mesma força com a que o orgasmo o arrasou, sentindo a maneira como as paredes íntimas se fechavam em espasmos convulsos à volta do membro.

—Estás bem? —perguntou ele a abraçá-la pelas costas. Tinham tomado banho juntos e foi nesse momento que Cassandra decidiu dar com ele em maluco, com a boca. Foi o melhor sexo oral que teve na vida. Esta mulher era fogo puro e ele queria continuar a arder com ela.

C.J. sorriu. “Bem” era uma palavra que definia muito pouco o que sentia. Sentia-se pletórica, plácida... saciada.

—Sim, estou. E tu?

O riso rouco de Xander surpreendeu-a. Levantou as sobrancelhas.

—Não ponhas essa cara de dúvida. És uma amante complacente e receptiva. Só de pensar já tenho vontade de voltar a fazer amor contigo —sussurrou ao agarrá-la pelos braços, colocando-a sobre o peito forte— O que é que achas?

—Parece-me uma ideia muito boa, mas tenho de ir comprar o presente de aniversário dos meus pais. Chegam no final da próxima semana —disse, dando-lhe um beijo no queixo—. No próximo fim de semana tenho de ir de viagem para representar o meu pai numa convenção de gerentes.

—Onde?

—Louisville, Kentucky.

Ele fez cara feia.

—Mmm... ok. Mas a remodelação do escritório não era o presente? —perguntou, acariciando-lhe as costas com os dedos. Adorava a pele de Cassandra. Era tão suave. Parecia feita de seda.

Ela sorriu.

—Esse é o presente para o meu pai, mas a minha mãe adora lembranças. Vai ficar sentida, se a única filha não tem um maminho para ela. Mesmo que não seja material. Com qualquer coisa que eu lhe dê ela é feliz, mas não me posso esquecer. De facto, quando regressarem vão dar uma festa.

—Não me digas.

Cassandra duvidou, mas ao ver o olhar diáfano de Xander essa dúvida esfumou-se.

—Sei que isto é só algo sexual, e acredita que não vou fazer expectativas à volta disto, por isso...

Xander com um movimento rápido colocou-a debaixo dele. Ela riu-se.

—Foste tu quem catalogou o que acabou de acontecer entre nós. Se é o que queres, que fique em termos meramente sexuais, parece-me bem. —Ela sentiu-se decepcionada por ele não a ter contradito, e ao mesmo tempo aliviada por ele não a pressionar—. Mas isso não significa que fique contente se te passar pela cabeça teres relações com outro —disse com um tom que não admitia resposta. Um tom que até a ele o surpreendeu.

Ela surpreendeu-o com um riso.

—Xander, achas que sou esse tipo de mulher? Depois do que te contei sobre o falhanço do meu casamento e o tempo que demorei a tentar recuperar a minha autoestima na cama, como é que vou tentar estar com outro se tu és aquele que eu desejo? Pelo menos que sejas tu quem espere para estar com outras...

Ele silenciou-a com um beijo.

O riso que C.J. tinha preso na garganta depressa se converteu num gemido. Envolveram-se num jogo de beijos e carícias. Xander deslizou um dedo para baixo, tocando-lhe nos peitos, no ventre até chegar ao vértice que unia as coxas de Cassandra. Introduziu um dedo nela, penetrando a sua humidade. Ela curvou-se contra a mão dele. Xander não esperou, estava preparada, inclinou-se para um lado e tirou um preservativo da mesa de cabeceira. Colocou-o antes de abrir caminho no corpo de Cassandra.

Ela recebeu-o com um suspiro de prazer, enquanto o beijava, acariciava as costas e cravava as unhas nos glúteos duros, incentivando-o a continuar a bombar dentro dela. Voraz e ávido. Rapidamente voaram ao cume do êxtase.

O regresso foi plácido. Ele não parou de beijá-la suavemente nos lábios, enquanto acariciava com preguiça os peitos de Cassandra. Ela abriu os olhos, sonolenta, e ele sorriu.

—Acho que isto diz muito sobre o facto de eu querer estar com outra mulher.

Ela sorriu e ele piscou-lhe o olho. Acariciou-lhe o braço.

—Acho que temos de esperar um bocado para me recuperar e ir às compras.

Xander acariciou-lhe a face.

—Se esperares demasiado é provável que não te deixe sair desta cama durante o resto do fim de semana —murmurou contra os lábios cheios de C.J. Virou-se e deu-lhe um suave açoitinho no rabo— Vai-te arranjar, então. Eu vou buscar um copo de água. Queres beber alguma coisa?

Ela corou ao vê-lo todo nu. Muito seguro de si mesmo, sem dúvida. Era um disparate corar, mas não conseguiu evitar. Não acreditava que esse homem tão sexy e viril a desejasse tanto. Sentia-se exultante.

—Se tens um refresco, agradeço...

O olhar libidinoso de Xander disse-lhe que caso não se vestisse rapidamente, ele ia cumprir com a ameaça de tê-la na cama o resto do fim de semana. Embora gostasse da ideia, e muito, tinha de ir comprar um presente à mãe, já que tinha por diante uma semana muito ocupada e o que menos queria era comprar-lhe qualquer coisa.

—Refresco para a menina, então —respondeu antes de sair do quarto.

Cassandra dirigiu-se à casa de banho com um sorriso tonto. Tomou um banho rápido e começou a vestir-se.

Para a Cassandra os dias tinham passado bastante rápido. Dias tórridos e divertidos. Isso sem dúvida. Xander tinha redimensionado tudo o que tinha a ver com o conceito pretérito de sensualidade. Embora nenhum dos dois mencionasse o tipo de relação que tinham, ele convidava-a para jantar e passear pela cidade todos os dias.

Havia sempre espectáculos e concertos a não perder. Descobriram que partilhavam o mesmo tipo de gostos musicais. Foram ao teatro e, aproveitando o bom tempo, até fizeram um piquenique. Cassandra viu em Xander não só um amante com experiência, mas um homem com uma conversa estimulante. E se somava a isso o facto dele ser giríssimo, tinha o bolo todo.

Embora ela soubesse que o que é bom dura pouco, pensava tirar da cabeça os fantasmas que tentavam invadi-la. Por outro lado, gostou de saber que alguns dos amigos mais próximos de Charles, tinham pedido a Xander para que os visitasse, de forma a trabalhar na remodelação dos escritórios deles. Xander era talentoso e a equipa de trabalho dele era muito eficiente.

Ela já não tinha o peso de ser responsável pelas gestões de representação do pai, quem tinha voltado de uma viagem maravilhosa de aniversário com a mãe, Giselle. Por isso, podia estar mais sossegada e organizar melhor o tempo que tinha para dar mais espaço ao Xander.

O pai dela, assim que abriu a porta, adorou o escritório novo.

—Pai, este é Xander Zhurov. Um arquiteto que como vês —assinalou a sala renovada— fez um excelente trabalho. —Olhou para o Xander—. Este é o meu pai, Cyrus Bostworth.

—Muito prazer —disse com um sorriso afável— E mesmo que a Cassandra diga que é um trabalho meu, a verdade é que se trata de um trabalho em equipa. Para a minha empresa é importante que todos tenham o crédito que merecem.

—Ah, um empresário consciente da equipa de trabalho que tem. —Olhou para cada pormenor à sua volta—. Uau, nunca pensei que esta sala pudesse ser tão espaçosa.

—Os especialistas em decoração de interiores têm uma visão muito clara do que o cliente pode esperar. Com os projetos que nós, arquitectos, montamos, tentamos trabalhar bem em conjunto.

—Reconheces o trabalho dos outros.

Xander assentiu.

—É preciso ser justo —resumiu— Afinal somos quem somos também graças ao trabalho dos nossos empregados.

—Exactamente. Partilho a tua filosofia, rapaz.

Cassandra ficou contente por o pai estabelecer uma conversa. Não precisamente de trabalho, mas sim sobre o futebol americano. Embora entendesse o jogo, ela não era adepta, mas riu-se com o modo feroz com que o pai defendia *New England Patriots* e Xander a equipa local, os



—Já que participaste, de uma forma ou de outra, nesta surpresa que a minha filha me preparou —disse rodeando a C.J. pelos ombros— porque não vens à minha festa de aniversário amanhã à noite?

C.J. ficou tensa. Não queria misturar as coisas. O olhar assustado dela não passou despercebido a Xander. Ele cruzou os braços, um gesto que acentuava os fortes bíceps que tinha e causava nela cócegas. Com roupa de trabalho era uma fantasia, mas a roupa formal, aquele casaco, dava-lhe um ar de mais autoridade. Era lindo de tirar a respiração, pensou ela, olhando para ele babada. Ele piscou-lhe o olho, como se tivesse dado conta que atrás desse olhar assustado estava outro de desejo.

Xander conseguia entender as reticências de Cassandra. Entendia que não se quisesse envolver emocionalmente depois da má experiência que teve. A abertura física que ela tinha com ele já era um passo gigante, e ele sentia-se um sortudo por tê-la nos seus braços e desfrutar do corpo sensual e delicado dela.

Para o bem ou para o mal, a verdade é que estava a gostar de um *affaire* que não queria que terminasse. Não se fartava dela, pelo contrário, queria sempre mais com a C.J. Não sabia onde é que isto o podia levar, porque não estava apaixonado. Talvez com o tempo pudesse descobrir o que se tratava.

Embora o vínculo com a C.J. tivesse começado como uma aventura romântica

—Não faz falta, senhor, só fiz o meu trabalho. Agradeço-lhe o convite, mas a minha irmã e a minha sobrina chegam hoje do Texas e tenho de ir buscá-las ao aeroporto. Amanhã acho que vão querer passear um pouco, aproveitando que é domingo.

—Convida-as também, rapaz, porque é uma festa no campo ao ar livre com música —expressou num tom bonachão— vá lá. Não é, Cassy?

Ela não queria explicar ao pai os motivos pelos quais não se sentia cómoda para invitar o Xander. Porque nem ela mesma os entendia. Só sabia que não queria criar nenhum tipo de pressão, mas o pai era muito perceptivo com ela. Preferiu seguir a corrente. Se a família de Xander estava presente, então ele não teria tempo para a tentar beijar ou tocar, o que era uma pena, mas mais seguro para não dar azos a conversas durante a festa.

—Claro, Xander. Será um prazer conhecer a tua família. Tenha a certeza de que se vão divertir muito —disse com um sorriso. Ele tinha os olhos mais bonitos. Umas pestanas que deviam ser dela. Eram compridas e espessas. O coração batia mais forte só de o ver. Engoliu em seco, contendo os impulsos de deslizar os dedos pelo cabelo suave de Xander. Era uma tonta. Tinha o pai ao lado, por favor!

—Ok, obrigado —respondeu ele— Ali estaremos.

—Despeço-me que tenho de ir a umas reuniões. Obrigada, minha pequena —disse à filha, beijando na cara. Depois olhou para Xander e esticou a mão—: Obrigada pelo teu trabalho, rapaz. —Xander pertou a mão grande do dono do império Bostworth.

Ambos saíram do gabinete e foram ao da Cassandra.

Fecharam a porta.

—O que é que se passa, Cassandra? —perguntou, agarrando-lhe a mão. Ela estava acostumada a que ele não lhe chamasse C.J., algo que, claro, a sua secretária meteseemtudo, já se tinha dado conta— Se não quiseses que vá a casa dos teus pais no domingo, não tem importância. Eu entendo. Diz-me e já está.

—Não quero complicar as coisas, Xander.

—E como é que as complicas?

C.J. esticou a mão e acariciou-lhe o cabelo, tal como quis fazer momentos antes.

—Que te sintas pressionado a pôr um nome à relação ou uma etiqueta.

—E se eu quisesse pôr? Deixavas?

Ela tremeu ligeiramente.

—Não estou preparada para isso. Não sei o que sinto.

E foi então, nesse preciso momento de dúvida, que a verdade bateu no Xander como um martelo com espigas de metal. A verdade dolorosa que durante essas duas semanas, como amantes, tinha tentado ignorar. «Estás apaixonado por ela», disse-lhe uma vozinha na cabeça. Verdade. Completamente. Precisava de assimilá-lo.

Ele ficou um longo momento em silêncio, a olhar para ela fixamente, e C.J. pôde admirar a forma como esses preciosos olhos iam mudando de intensidade. O que será que lhe está a passar pela cabeça?, pensou ela. Suspirou.

—Xander, não me interpretes mal—acrescentou.

—Não, não o faço. Entendo que tenhas sofrido e que não estejas preparada, mas o que é que te parece se damos uma oportunidade ao que temos?

—E o que é que é isso exactamente? —perguntou num sussurro.

—Vamos descobri-lo juntos. Esta é a minha proposta. —disse. A ideia de assustá-la e perdê-la não cabia no sistema dele. Por isso, ia guardar o que sentia pela Cassandra até que achasse que era o momento oportuno. Até que tivesse uma ligeira esperança de que ela lhe correspondesse — Posso continuar a ser o teu amante secreto. —Pelo menos durante um tempo, pensou ele. Não ia tolerar ficar à sombra por causa dos medos da C.J., mas podia esperar até que ela se sentisse preparada—. O que é que achas?

Pensou que fosse sentir medo ou pânico, que teria vontade de se afastar. Mas afinal a Cassandra não sentiu nada disso. Apesar de saírem juntos, nunca saíam com amigos em comum. Serena não sabia de nada do que se passava entre eles. Entendia que Xander era um homem adulto, tal como ela, e que ter uma relação em segredo, independentemente da natureza desta, era algo imaturo. Contudo, estava agradecida por ele compreender. Porque não havia de ter em

consideração a proposta dele?

Sorriu-lhe com doçura.

—Parece-me muito bem.

Ele devolveu-lhe o sorriso, aliviado. Baixou a cabeça e roçou os lábios nos dela. Ela rodeou-lhe a cintura com os braços e entreabriu os lábios. Xander profundizou o beijo e fundiram-se num interlúdio apaixonado.

—Tenho de me ir embora. Tenho um cliente daqui a 40 minutos —disse ele colado à boca da Cassandra. Antes de se separar dela, mordeu-lhe o lábio inferior com a promessa de que em breve continuariam.

—A tua família vai ficar quantos dias? —perguntou ela, quando Xander já tinha a mão na maçaneta da porta.

—Cinco dias.

—Ok... —sussurrou. Isso significava que durante esse tempo não podia estar com ele.

Como se lhe lesse a mente, ele respondeu:

—Nem penses que não vou encontrar uma maneira de fazer amor contigo. Em qualquer lugar vou encontrar uma maneira para que saibas o quanto te desejo. —Ela corou. Xander adorava isso— É uma promessa —disse antes de abrir a porta e sair.



## CAPÍTULO 11

Adorou ter a irmã em casa. Embora Annika fosse como um turbilhão à volta dele. O melhor de tudo era a sobrinha. Adorava a Sasha. Era um pequeno Einstein. Lia de tudo, podia conversar com qualquer adulto e, às vezes, tinha uma maneira bastante filosófica de responder e peculiar. Se a mãe ainda fosse viva, diria que a única neta era uma alma velha.

A irmã tinha o mesmo tom de cabelo escuro e ligeiramente ondulado que ele. Os olhos dela eram celestes, enquanto que os dele às vezes eram indefinidos. Era mais baixinha do que ele. Sasha era uma miniatura da Annika, salvo os olhos verdes, herança do pai texano. Um bom tipo.

—Onde vamos, tio Xander? —perguntou, enquanto Annika acabava de lhe fazer um laço na parte detrás do vestido vermelho com bolas brancas. Tinha umas sandálias pretas muito bonitas e uma trança francesa.

—A uma festa de aniversário. Tens de te portar muito bem, porque o tio trabalha para essas pessoas —disse Annika ao pôr-se de pé. Tinha um vestido azul de verão que lhe ficava muito bem. Umas sandálias de cunha muito elegantes e o cabelo solto até ao meio das costas. Gostou sempre de tê-lo comprido. Xander aproveitava-se disso quando eram pequenos e brigavam, Annika ficava sempre em desvantagem, porque ele lhe puxava os cabelos com vontade— De acordo, princesa?

—Claro, quando é que me porto mal?

Annika sorriu.

—Não me lembro de nenhuma situação para a história e espero que hoje não seja a primeira, mocinha.

—Quero contar-vos uma coisa. —anunciou Xander à porta do quarto onde elas dormiam. Ambas olharam expectantes para ele— Hoje vão conhecer a C.J. Bostworth, o nome dela é Cassandra, mas prefere que a tratem por C.J. É a filha do dono de um dos conglomerados mais importantes de Tennessee, quero dizer, do homenageado e da esposa. Cyrus e Giselle.

—E? —Annika puxou por ele, embora pelo brilho dos olhos do irmão e pelo simples facto de lhes falar de uma rapariga já intuísse o que vinha a seguir.

—Saímos juntos.

—É a tua namorada? —perguntou Sasha com os olhinhos muito abertos.

Xander riu-se.

—Ela é a mulher com quem me vou casar —confessou. Não tinha pensado dizê-lo em voz alta. Achava de acabava de dar voz a uma parte do cérebro à que não tinha ouvido. E sentiu que o que acabava de dizer era certo. Não queria outra coisa que não fosse converter a Cassandra em sua mulher e passar o resto da vida ao lado dela.

—Uau! Desta vez é a sério, não irmãozinho? —disse Annika surpresa—. Então, já aceitou? Como é que lhe pediste?

Ele sorriu.

—Ainda não sabe que se vai casar comigo, mas em breve vai-se dar conta que não tem outra saída. —Primeiro tinha de trabalhar para fazê-la consciente que também estava apaixonado por ele. Segundo, tinha de lhe garantir que ele não era nem seria como o imbecil do Noah. Terceiro, confessava que a amava. Sim. Para além de estar apaixonado, amava essa mulher, porque era a primeira vez que uma mulher se metia dentro da sua pele. Era uma surpresa completa, porque a conhecia há pouco mais de um mês. Mas alguém tem explicações lógicas para o amor? — Por isso quero que te portes bem.

Annika fez-lhe uma careta.

—Mmm... Não a conheço, mas já gosto dela. Basta-me saber, que ao que parece, é ela quem não tem a certeza de querer ter uma relação firme contigo.

—Algo assim... —encolheu os ombros. Também não ia contar a história da vida dela à Annika— Teve alguns problemas com homens no passado, por isso a nossa relação não é pública.

—Shiiiiiii! Tens 38 anos e estás a brincar aos namorados secretos. —disse a rir-se— Não acredito que tenhas aceitado.

—É o que dá estar apaixonado.

Ela fez um gesto com as mãos para retirar valor a essas palavras.

—Mais do que isso, tem-te bem agarrado pelos...

Sasha interveio antes da mãe terminar a frase, e puxou a mão do tio.

—Mãe, não entendes? —perguntou com inocência.

Sasha levantou as sobrancelhas e Xander só sorriu. Às vezes a irmã esquecia-se que tinha uma filha pequena, porque a menina era bastante madura para a idade que tinha.

—O quê?

—O tio Xander está a contar-nos isto sobre a C.J. para que tu não metas a pata na argola e perguntes se é a namorada dele em frente dela, pela maneira que de certeza vai olhar para ela. E para que não faças comentários que o envergonhem.

—Eu não faço isso, Sasha. Sou tua mãe. Não me fales dessa maneira —disse a fingir-se ofendida. Adorava a filha e sentia-se orgulhosa por ela ser tão esperta e independente.

—O pai diz que és uma bisbilhoteira, mas ama-te assim mesmo.

Isso fez com que Annika pusesse um olhar sonhador.

—Oxalá pudesse ter vindo...

—Vamo-nos embora, porque a este passo as duas vão-me dar cabo da cabeça. —

expressou Xander de brincadeira, piscando o olho à Sasha em forma de agradecimento por ter calado a mãe— Olha Sasha, a C.J. tem uma sobrinha da tua idade. Chama-se Yessa. Gosta das Barbies. Talvez lhe possas ensinar a gostar de quebra-cabeças.

—De certeza, tio! —exclamou ao descer as escadas com a mãe e o tio atrás.

\*\*\*

Sim, estava nervosa como uma adolescente à espera do primeiro namorado. De acordo. Xander não era namorado dela. Era amante. Só a ideia de não poder definir a relação confundia-a. O que é que sentia por ele? Só desejo...? Estava agoniada, porque cada vez que estava perto dele o coração expandia-se no peito e não desejava outra coisa que não fosse estar nos braços dele. Isso era amor? Só atração? Não se queria voltar a enganar.

Para este dia tinha escolhido uma saia roxa justa, uns centímetros acima do joelho. Uma camisa branca e uns sapatos a conjunto. Uma roupa que a favorecia. Não gostava de complementos, só um par de argolas brilhantes, simples. As unhas perfeitamente arranjadas, tanto as das mãos como as dos pés. Cor lilás. Assim combinava com a roupa.

Tinha o cabelo solto. Embora estivesse um dia de sol, estava fresco, mas a temperatura não ia afetar a festa. Estava vento. Acreditava que a natureza seria benevolente com um casal que fazia 50 anos de casados.

De manhã foi a casa dos pais. Era uma casa senhorial espectacular, tanto à frente como na parte traseira. Com um campo de ténis e uma piscina fabulosa. Não como a pequena da casa dela. Não.

Era o sítio onde tinha crescido. Brincado. Chorado as primeiras dores do amor e rido com o primeiro beijo. Adorava aquela casa. Antes que começasse a festa tinha decidido falar com o pai.

Bateu à porta do quarto. A mãe disse-lhe para entrar. Para a idade que tinha, Giselle Bostworth conservava uma beleza inigualável e um porte aristocrático que C.J. nunca conseguiu imitar. Tinha demorado a entender o tema da moda e estilo.

—O pai está aqui? Fui ver dele ao estúdio, mas não estava ninguém.

Giselle, com o cabelo loiro, agarrou-lhe na mão e pediu-lhe que se sentasse com ela na cama. C.J. fê-lo.

—Podes falar comigo. O teu pai está no jardim, porque o Noah já chegou. Parece que esta quarta-feira vence o contrato com a nossa empresa e ele quer garantir a renovação.

Isso enviou-lhe um líquido ácido ao estômago. Apertou os dentes.

—Quem é que quer garantir isso, o meu pai ou o Noah?

—Noah, claro. —Acariciou-lhe a mão com carinho—. Já sabes que são os homens de negócio que procuram o teu pai, não ao contrário —clarificou com um tom de orgulho na voz. Quando se casou com Cyrus, o sogro nunca lhes fez a vida fácil, principalmente porque queria que

o seu filho mais velho entendesse o que era o sacrifício. Assim que, pelo bem do seu casamento, Giselle tinha-se envolvido cuidadosamente na organização da empresa. Levaram-na para a frente, expandiram-na e agora gozavam dos lucros. Ela já estava retirada do negócio e preferia ter vida social, pelo menos desde que os três filhos se tornaram maiores o suficiente para tomar os próprios caminhos, com ou sem família, como era o caso da Cassandra—. Vá lá, conta-me querida.

—Mãe... —respirou profundamente— não quero que o pai volte a fazer negócios com a empresa do Noah. Não quero que este contrato se renove por mais tempo. Com calma podemos encontrar outro sector comercial que substitua os automóveis de luxo por algo mais funcional.

Giselle surpreendeu-se. Tinha um vestido às flores e um colar de pérolas.

—O que é que não me estás a contar, Cassy?

—Não quero voltar a ver o Noah. Não quero que esteja envolvido em nada que tenha a ver com a minha família. O divórcio já foi bastante difícil.

—Acho que me podias dar uma explicação coerente. Afinal, nunca nos contaste, nem ao teu pai nem a mim, as razões do teu divórcio. Sabes que não gostamos de nos meter nos vossos assuntos pessoais, respeitamo-vos, mas como mãe sei que não foste feliz —disse com doçura— O que é que aconteceu, querida?

—Ele só se casou comigo por interesse. Pelos contactos do pai. Mãe... o Noah é homossexual. E não o aceita. Humilhou-me muitas vezes. Foi ele quem espalhou boatos sobre a minha sexualidade, quando é ele quem tem problemas em aceitar a dele.

Giselle olhou para ela, consternada.

—Devias ter-me dito, Cassy. Devias ter-me dito.

C.J. assentiu com firmeza.

—Não me sentia suficientemente forte para fazê-lo. Não queria misturar o pai nas minhas más decisões, por isso não disse nada... não queria...

Giselle pôs-se de pé. Furiosa.

—O que é que te passa, Cassy? Como?! Somos teus pais e quando as coisas pessoais envolvem os nossos filhos deixa de nos importar a quantidade dos lucros ou as possíveis transações comerciais. Tu, o Charles e o Linux são o mais importante para nós. E se vocês estão no meio, vamos sempre preferir-vos antes do que a uma margem de lucro ou crescimento.

—Desculpa...

—Não tens porquê, anda cá filha —pediu-lhe, abrindo-lhe os braços. Ela aproximou-se e fundiu-se num abraço quente e firme— Vamos resolver as coisas com o teu pai. Tens de falar com ele —disse à filha.

—Não lhe quero arruinar o dia.

—Que seja antes de quarta-feira. Ele disse-me que tem uma reunião com os chefes de



departamento para tratar de vários temas, os seus irmãos também vão para o assunto da renovação de contratos de associação comercial.

C.J. assentiu e rompeu o abraço.

—Mãe, como é que sei se estou apaixonada por alguém? Pensei estar de Noah e olha no grande erro que deu.

—Porque é que te casaste com o Noah?

—Achava que estava apaixonada e que era o correcto. O mais natural.

—O correcto é sempre amor?

—Não confio no meu juízo, por isso não sei...

—Às vezes, o que parece menos convencional é o mais adequado. Outras vezes, não. No amor não existe uma ciência que determine os resultados nem as casualidades. Contudo, as mães podem dar um conselho. O homem de quem estejas apaixonada, o homem que ames, vai fazer com que cada vez que estejas próximo o teu coração se sinta protegido e tu tenhas uma sensação de paz.

Cassandra suspirou.

—Tenho medo de me enganar.

—Temos de viver com isso, mas não por isso podemos deixar de amar. Só confia na tua intuição, Cassy.

—Vou fazer isso.

—A verdade é que nunca gostei do Noah, mas sempre gostei de respeitar as decisões dos meus filhos. Desculpa não te ter dissuadido de casar com ele.

C.J. dedicou-lhe um sorriso triste.

—Provavelmente ainda me tivesse empenhado mais em casar-me com ele.

Giselle riu-se.

—Sim, mas agora estás mais madura e mais forte.

—É o que fazem as experiências amargas. Não é? —Giselle assentiu— Mais tarde falo com o pai. Obrigada por me ouvires. Adoro-te, mãe —disse, dando-lhe um beijo na face. Depois dirigiu-se para a porta.

—Ah, e Cassy...

—Sim?

—Quero conhecer esse homem de quem não tens a certeza do que sentes —disse, piscando-lhe o olho, o que arrancou uma sorriso à Cassandra.

O serviço de *catering* era um dos melhores da cidade. Apesar do casal Bostworth ter muitos amigos, a lista para a festa de aniversário tinha sido reduzida a 200 convidados. C.J. continuava a pensar que eram demasiadas pessoas, mas como era a festa dos pais não tinha voto.

Serena e Martin estavam convidados. Depois de tudo eram amigos há muitíssimos anos, principalmente a Serena. Esta ficou mais do que contente quando C.J. lhe comentou que Xander ia estar presente. Não faltaram as perguntas típicas de uma advogada, como se estivesse no banco dos réus. Ela não se sentia capaz de manter o segredo e, além disso, Serena era a melhor amiga dela

—Convidaste-lo?

C.J. riu-se, enquanto bebia uma *Margarita*.

—Eu não convidei, foi o meu pai. Ficou fascinado com o escritório novo. Foi um convite espontâneo. A irmã do Xander também vem com a filhota.

—Uau, isto de conhecer as famílias de ambos é algo importante. Vais-me contar se é melhor do que o *Andy*?

—Shiiiiuuu, cala-te —disse-lhe, contendo uma gargalhada— Já te disse que ele e eu não temos uma relação como a que estás a pensar.

—Claro, só se dedicam a ter sexo como os coelhinhos no inverno. E quando querem saem a passear, olham babados um para o outro e, para além disso, ele vai conhecer os teus pais e tu a única irmã dele. Sim, de certeza de que só se dedicam a ter sexo.

—És ridícula —respondeu antes de beber mais um pouco— Não contei a ninguém isto com o Xander. Por isso, espero que mantendas a boca fechada.

Serena viu pelo canto do olho que Martin conversava animadamente com uma loira que ela não gostava. Bárbara. A cabrona tinha tentado ir para a cama com ele, mas Martin, o adorado marido dela, mandou-a dar uma volta. Não percebia como é que ele tinha vontade de conversar com essa mulher. Ufff.

—E porquê? Já te disse que se não estivesse maluca pelo... —encolheu os ombros— Já sabes, é melhor que me expliques.

—Não sei o que ele sente por mim. E não me quero voltar a enganar como aconteceu com o Noah.

—Ah, mas é que o Noah é um bastardo. Embora ainda não tenha conversado muito com o teu bombonzinho...

—Ele não é o *meu* bombonzinho.

—...parece-me muito simpático. Independente. E não precisa do teu prestígio social para levar para a frente o negócio dele. Além disso, tem 38 anos e aceitou ser o teu segredo sujo em honra do teu passado com o imbecil do teu ex-marido. Vá lá, Cassy, se ele nem sequer pensava vir e vai fazê-lo pelo teu pai, vai trazer o mais importante da vida dele que deve ser a irmã e a

sobrinha. Isto não te diz nada?

—Não sei...

—Deixo-te com a incógnita querida, porque hoje estás muito lenta —disse com um sorriso. Levantou-se—. Vou ter com o Martin. Às vezes temos de pôr os pontos nos is a estas tipas só com uma simples presença.

—És terrível.

—Não, Cassy, só gosto de ter uma frente comum—expressou antes de elevar o copo para um brinde silencioso. Aproximou-se do Martin, quem a recebeu com um beijo que não se parecia para nada ao de um marido, sim ao de um amante no primeiro dia em que tiveram relações juntos.

Cassandra estava disposta a divertir-se. Os irmãos já tinham chegado e adorou vê-los juntos. Apesar de lhe terem feito a vida impossível quando era pequenina, ao crescer foram muito protetores com ela e estabeleceram um laço muito forte. Entre eles o que tinha importância era a harmonia, não o dinheiro. Nenhum deles sabia do assunto do Noah, porque estava convencida do que o ex-marido ia acabar com os ossos partidos. E embora uma parte dela o desejasse não considerava necessário rebaixar os irmãos à posição de bater-lhe.

Se tinha de agradecer alguma coisa a Xander era o facto de ter trazido paixão e confiança à vida dela. Só queria esperar mais um pouco até que as emoções fossem mais claras. Porque a última coisa que queria era ter pena dela mesma por causa de uma decisão errada.

\*\*\*

Xander estava acostumado a todo o tipo de eventos, mas não por isso deixou de se surpreender com a casa dos Bostworth. Era quase o triplo da dele. O jardim traseiro estava lindamente decorado. Os convidados estavam elegantes nos seus vestidos e fatos de verão. Ele tinha optado por umas calças beges, uma camisa azul e uns sapatos da casa britânica *Barker Black*.

A irmã estava ao lado, tal como a Sasha. No meio de tanta gente, ele tentava encontrar a C.J.

—Uau, irmãozinho, esta sim é uma festa de aniversário —sussurrou Annika, olhando à volta. Estavam num corredor que dava directamente para o jardim traseiro. Havia uma pessoa responsável por guiá-los, mas como a Sasha quis ir à casa de banho atrasaram-se e agora estavam à espera que a tal pessoa voltasse a aparecer— A casa é linda. Imagino que já estejas a pensar como arquiteto e a tentar criar um projeto ainda melhor, não?

Xander riu-se. A irmã conhecia-o de cor.

—Têm muito dinheiro. São os donos de Bostworth Luxury, a tua loja favorita.

—Ufff, espero que a tua namorada não seja uma manienta.

Xander fulminou-a com o olhar.

—É melhor que mantinhas a boca fechada, Annika. Já te disse. É um segredo. E não, Cassandra é tudo menos manienta.

—Tio, tio! —exclamou Sasha ao agarrar-lhe na mão— Está uma moça ali a fazer-te sinais com a mão. Parece que vem para cá —disse apontando para Cassandra.

Xander voltou-se e ficou com falta de ar. Cassandra estava giríssima. Nunca se cansava de vê-la. O coração saía-lhe do peito pela vontade que tinha de abraçá-la e beijá-la até ficar inconsciente. Nesse momento detestou não ser livre para fazê-lo.

Ela aproximou-se e deu-lhe um abraço, algo que qualquer amigo faria, mas Xander não conseguiu evitar acariciar-lhe as costas com suavidade. Apresentou-lhe a irmã e a sobrinha. Falaram durante um bocado até que apareceu a Serena.

—Oh, olha quem veio —disse a amiga da C.J— Que bom voltar a ver-te, Xander. Apresento-te o meu marido, Martin.

Depois de conversarem um bocadinho, Serena ofereceu-se em fazer com eles um passeio pela festa e apresentar a Sasha às sobrinhas da Cassandra.

—Não faz falta —interveio C.J. — tu és uma convidada, Serena. Eu faço isso, obrigada.

—Nada disso, querida. Vá lá, vamos Annika e Sasha. —Martin encolheu os ombros, dedicando um olhar de pedido de desculpas à C.J., como se lhe estivesse a dizer que sabia que a mulher estava a tramar alguma coisa.

C.J. e Xander ficaram sozinhos no corredor que dava acesso ao jardim. Já tinham chegado todos os convidados, por isso as pessoas que estavam por ali faziam parte do serviço doméstico.

Com cuidado para que ninguém os visse, Cassandra esticou a mão e acariciou a face de Xander. Ele beijou-lhe o interior do pulso dela.

—Estás linda, querida —disse.

—Obrigada —murmurou a corar. Ele riu-se. Giro? Não, mais do que isso. Não conseguia dizer um adjectivo que descrevesse o que Xander fazia aos sentidos dela. Tinha as emoções agitadas e só tinha vontade de estar com ele, tê-lo só para ela, desfrutar do corpo dele, dos beijos...— Tu também estás muito giro.

Ele piscou-lhe o olho. Embora já não tivesse importância, finalmente, Xander tinha alcançado o seu objectivo: entrar no círculo social dos Bostworth e receber telefonemas para trabalhar com empresários mais ambiciosos nos negócios. De facto, se no final não concretizasse mais negócios ou se não o recomendassem, não lhe importava. O objectivo principal dele era conquistar o coração da Cassandra.

—Se é uma festa de aniversário, os que agora estão a afinar os instrumentos são um grupo de música ao vivo. Por isso, quando os teus pais abram o baile —esticou a mão— concedes-me a honra de dançar comigo?

Ela mordeu o lábio e olhou-o nos olhos.

—Adorava...



## CAPÍTULO 12

—O que é que fizeste, grande estúpida?

C.J. ficou de boca aberta.

Do outro lado do passeio, Noah olhava para ela com ódio. Ela estava à porta de casa pronta para ir para o escritório. Era terça-feira. O dia em que o pai e os irmãos tinham o conselho directivo. Durante a festa de aniversário não teve oportunidade de falar com o pai sobre Noah, por isso queria chegar antes para fazê-lo.

—Noah, o que é que tens? —perguntou assustada. Não só por o ver perto de casa, mas pelo insulto que acabava de lhe espetar. Estava despenteado, como se tivesse passado as mãos várias vezes pelo cabelo.

Ele avançou com raiva. Agarrou-a com força pelo braço, magoando-a.

—O que é que tenho? —Empurrou-a— O teu pai não vai renovar o contrato com a minha empresa.

—O que é que estás a dizer...? —perguntou surpreendida. No domingo o pai esteve a falar com o Noah, lembrava-se perfeitamente. Cyrus nunca lhe tinha feito comentários sobre a renovação desse contrato... nem de outro, porque essa não era uma responsabilidade corporativa que lhe dissesse respeito a ela.

—Não te faças de parva, porque não te fica bem.

Ela engoliu em seco. Sentiu pânico.

—Noah, estás a magoar-me.

—Ai sim? —Ainda lhe apertou mais o braço. Ela deu um grito de dor. Noah era forte e as mãos pareciam alicates— Fico contente, porque acabaste de marcar a tua sentença. Abre a porta.

—Noah..., por favor, larga-me. Tenho a certeza de que se trata de um mal-entendido.

—A-b-r-e a porta.

Assustada, ela obedeceu.

Nesse dia os empregados de Xander não iam estar em casa, porque o trabalho do jardim já tinha terminado. Faltava a biblioteca interior e para isso necessitavam de vários materiais. Xander disse-lhe que ao final da tarde ia passar por ali para revisar alguns pormenores. Nunca desejou tanto que ele estivesse ao lado dela, como naquele momento.

Nunca tinha visto o Noah perder o controlo.

A mala da C.J. caiu ao chão e Noah atirou-a com força contra o móvel. C.J. encolheu as pernas e abraçou-se com as mãos. Olhou para ele com uma calma que não sentia. Tinha o coração agitado e a respiração inquieta.

—Estás a acusar-me de quê?

Ele apontou-lhe o dedo. C.J. queria desesperadamente agarrar no telemóvel, mas não conseguia. Sabia que tinha de encontrar uma maneira de se afastar de Noah.

—O teu pai disse-me que não queria renovar o contrato comigo, porque fui uma pessoa pouco leal. O que, obviamente, não é verdade. Então, quem terá feito as queixinhas? Por acaso não foste tu quem me ameaçou que em breve o meu contrato terminaria?

—Eu não falei com o meu pai... juro-te, Noah. —Não estava a mentir. Era verdade.

A mão de Noah a bater-lhe em cheio na face direita foi como uma rajada violenta. Era a primeira vez que ele se punha violento. Instintivamente colocou a mão no rosto. Chocada, dóida e assustada.

—Mentirosa. És uma cadela mentirosa! Quero que telefones agora mesmo ao Cyrus e que lhe digas todos os benefícios que terá ao renovar o contrato. Está claro? Se não o conseguires, juro-te Cassandra, que te vais arrepender.

Ele atirou-lhe o telefone. C.J. agarrou-o praticamente antes que impactasse na cara dela.

—Eu... ok... eu telefono... —sussurrou. Ainda bem que tinha guardado o número privado como favorito na memória do telefone de casa. Não acreditava que se fosse lembrar.

Noah começou a andar de um lado para o outro.

—Não vais arruinar a minha reputação. Entendeste?

Ela assentiu. E sentiu um alívio enorme quando o pai atendeu o telefone.

—Olá pai.

—Filha, está tudo bem? Estamos à espera que nos entregues o documento que falta, que te pedi ontem à noite...

—Pai, amanhã vence o contrato com a empresa de Noah. Acho que seria importante que o renoves. Foram uns anos prolíficos e com excelentes perspectivas de futuro.

Noah olhava para ela intensamente.

—Cassandra? —perguntou o pai com tom de dúvida.

—É isso, pai. Fico contente que consideres conveniente renová-lo.

—Está a acontecer algo estranho. O Noah está contigo?

—Claro, é isso. Olha, acho que podias integrar na equipa esse arquiteto que conheceste, não me lembro do nome dele.

Cyrus apertou a mão ao telefone. Odiava saber que a filha podia estar numa situação incómoda.

—Estás em casa, filha?



—Sim.

—Queres que diga ao Xander Zhurov que passe por aí?

—Exacto. O Noah é um grande empresário, só que passou por um período stressante muito forte. —Noah sorriu, acalmando-se— Mas está preparado, com novas ideias, para ir à empresa com mais propostas de benefício mútuo.

—Ok, vou telefonar ao Zhurov. Estás em perigo?

—Acho que não. Hoje não posso almoçar contigo. Agora tenho de desligar. Daqui a pouco encontramo-nos no escritório.

—Se o Noah te está a ameaçar posso telefonar à polícia.

—Não... não. Adeus, pai. —Desligou.

Noah olhou para ela durante um longo momento. Depois aproximou-se e sentou-se ao lado dela. Parecia já estar calmo. Pelo menos ela esperava isso.

—Desculpa ter-te ameaçado assim... tenho muitos negócios que dependem deste contrato, sabes? Por isso espero que o teu pai fale com os advogados.

—Vai fazê-lo. Tu ouviste.

—Sabes, C.J.? Teria tido sexo contigo se não gostasse de homens. Mas esse é um segredo que não podes contar a ninguém. —Voltou-se para ela violentamente e com a mão direita agarrou-lhe o rosto com força— Entendido?

—S...sim. Nunca contei a ninguém.

—Bem. Boa menina.

Pôs-se de pé. Cassandra ouviu o barulho de uma moto a aproximar-se.

—Se o teu pai não me renovar o contrato, podes ter a certeza de que vou fazer a tua vida um inferno. Tenho alguns amigos a quem pareces atractiva. E se os encontras num sítio impensável e eles dão rédea solta ao gosto, estranho de facto, que têm por ti?

—Estás a ameaçar-me com que vais enviar um homem para me violar?

Noah olhou para ela com um sorriso cruel. Ela arrepiou-se.

—Não é uma ameaça.

Com isto ajustou o sobretudo negro e dirigiu-se para a porta. Quando a abriu teve uma surpresa. De facto, um murro na cara. Caiu ao chão e Xander começou a dar-lhe pontapés com força até que Noah se encolheu todo.

Ele estava a caminho da casa de C.J., porque queria surpreendê-la com o convite para tomar o pequeno-almoço, quando recebeu o telefonema de Cyrus. Que estranho. Quando o homem, assustado, lhe disse que parecia que Noah estava a ameaçar a filha, foi invadido por uma cólera visceral. Acelerou a Ducati e chegou o mais rápido possível.

Ao ver o bastardo do Caldwell a abrir a porta da casa da C.J., e sabendodo historial dele com ela, foi motivo suficiente para dar-lhe uma surra. Quando já não se conseguia mexer e consciente de que o tinha deixado fora de combate, viu a Cassandra abraçada a ela mesma.

Ao aproximar-se dela foi quando notou a marca das mãos do Noah, porque não podia ser de outra pessoa, na cara dela. Levantou-se para acabar com esse bastardo, mas C.J. agarrou-o pela mão com força.

—Xander... abraça-me... por favor...

Este, certificando-se de que o ex-marido da Cassandra não se mexia, levantou-a e pô-la ao colo, embalando-a com doçura.

—Shiiiiii, minha vida. Já está tudo bem. Vou pôr-te uns cubinhos de gelo na cara. Sim?

Ela assentiu.

—O meu pa...pai...

—Sim, amor. Ele telefonou-me. Conta-me, o que é que aconteceu?

Xander, ao ouvir dos lábios de Cassandra a ameaça desse desgraçado, e apesar dos protestos dela, telefonou para a polícia. Antes dos agentes chegarem, ouviram um carro a estacionar. Segundos depois alguém bateu à porta. Ele abriu a porta abraçado à Cassandra.

Cyrus, Linus e Charles apareceram à porta com cara de poucos amigos. Fixaram-se no vulto choroso deitado no chão. Começaram a falar todos ao mesmo tempo perante o olhar atónito de Cassandra. Todos lhe diziam palavras de carinho e perguntavam o que tinha acontecido. Por isso voltou a relatar a história.

Minutos depois chegaram os polícias. Todos se deram como testemunhas, perante as súplicas de Noah de que tudo se tratava de um mal-entendido. Cyrus era um bom cidadão e conhecia o chefe da polícia local. Iam acreditar mais nele do que no abominável ex-marido da Cassandra. Charles, Xander e Linux disseram à polícia que estavam dispostos a declarar se fosse necessário, mas que de momento preferiam ter os olhos postos no Caldwell.

Quando o panorama se acalmou, e ela já tinha o saco de gelo na cara, foi quando se deu conta do que acabava de acontecer. Ao estar com Xander, ao pedir que o pai lhe telefonasse, tinha tornado pública a relação com a pessoa que mais lhe importava.

Os três homens da família estavam sentados no sofá, em frente dela e do Xander. Uma posição curiosa, pensou C.J., abraçada a Xander. Este acariciava-lhe distraído o ombro.

—Obrigada por teres vindo tão rápido —disse Cyrus, tossindo para limpar a garganta.

—Não tem de me agradecer.

—Bem, isto é um bocado incómodo... mas vocês os dois estão...? — Linux deixou a pergunta no ar.

—Não sejas bisbilhoteiro —disse Charles, dando uma cotovelada ao irmão. Este encolheu os

ombros, mas não parou de olhar para o casal que tinha em frente

—Tens direito a saber que, se fosse por mim, vocês sabiam que estava a sair com a Cassandra desde o início. Ela não tem a certeza do que sente por mim, por isso decidiu ser discreta... e eu respeitei-a.

C.J. suspirou ao sentir-se uma idiota. O aroma e a presença de Xander transmitiam-lhe sossego e alegria ao mesmo tempo. Foi nesse instante, com o pai e os irmãos em frente dela, que teve a certeza que amava o Xander. Com todo o coração. Ele não tinha medo de dizer a verdade à família dela: que era ela quem não tinha tido a certeza da relação que ambos tinham. Era sincero, e isso comovia-a.

—Mmm... —disse Linux, coçando a barba perfeitamente aparada.

—Não faz sentido esconder mais... —disse Cassandra a olhar para a família— Já sabem que estou a sair com ele. —Olhou para o Xander nos olhos— Ele é o homem que amo.

Xander, perante tal declaração, olhou para ela com os olhos muito abertos. Estava corada e ele só conseguia pensar, ao mesmo tempo, em beijá-la e em fazer amor com ela até que sussurrasse o nome dele.

Cyrus pigarreou.

—Bem, nós vamo-nos já embora. —Charles e Linux olharam para ele como se estivesse maluco. Queriam pormenores— Vamos lá, senhores, que temos de assistir a uma reunião daqui a 40 minutos. Não sejam intrometidos e deixem a vossa irmã em paz. Não quero que a submetam a interrogatórios. Quando estiver preparada, conta-vos... se ela quiser. Entretanto, conformem-se em saber que o Xander está disposto a protegê-la.

Cassandra sorriu ao ver a expressão de confusão dos irmãos.

—Pai...—disse ela.

Ele parou-se à porta, os dois irmãos já tinha saído.

—Diz, princesa.

—Porque decidiste não renovar o contrato?

—Porque tu tens uma mãe que te adora e um pai com quem podes sempre contar. Não nos voltas a ocultar algo assim, Cassandra Jane. Amamos-te. Os nossos filhos serão sempre as nossas prioridades, não os negócios. Nós ocupamo-nos do Noah Caldwell. Não se voltará a aproximar de ti. —Dito isto, olhou para o Xander— Ela é o meu tesouro. Se a tratas mal vais-te ver com todo o clã Bostworth, rapaz.

—Não se preocupe. Vou cuidar da Cassandra. —Depois, com um aceno de cabeça solene perante as palavras de Xander, Cyrus saiu.

Sozinhos, Xander voltou-se para a C.J. Ela olhava para baixo e apertava as mãos. Ele sorriu. Não podia evitá-lo. Estava eufórico.

—Amor... —sussurrou, levantando o rosto da C.J. com delicadeza para olhar para ela— É verdade o que disseste à tua família?

—Não quis pressionar... Sei que te disse que não sabia como definir a nossa relação... o se havia alguma... ou... não é porque não me importes, a sério... o que acontece...

Xander pôs um dedo, com delicadeza, em cima dos lábios para que ela o ouvisse.

—Acho que, ao contrário, tiraste-me uma grande incerteza. —Ela adoptou uma expressão de confusão— Se há bocado o que disseste é verdade, que saibas que és correspondida.

—Sou...?

Ele agarrou nas mãos de C.J..

—Amo-te, Cassandra. Porque és uma mulher independente, sexy, inteligente e fazes com que queira ser um homem melhor. Adoro cada pequeno pedacinho da tua pele, cada canto do teu corpo...

—Xander... —disse. Abraçou-o, sentindo que tinha encontrado a peça que faltava para voltar a sorrir— Tu fazes-me sentir especial.

—Porque tu és, amor. Tu és.

Ele envolveu-a contra o corpo e apertou-a com firmeza. Ela levantou o rosto e Xander desceu aos lábios dela. As carícias dele eram como um bálsamo, a boca dele fazia magia na dela, e quando a penetrou com a língua atrevida, ela recebeu-o com um gemido que transmitia desejo e rendição.

Com cuidado e doçura, Xander tocou-lhe no rosto, soltando um palavrão ao ver a marca vermelha. Beijou-a com tanto cuidado que ela tremeu.

—Amo-te —beijou-lhe o pescoço— adoro-te —sussurrou percorrendo as curvas dos peitos — e enquanto eu estiver ao teu lado, nunca mais ninguém te vai voltar a fazer mal —asseverou com tom firme e suave ao mesmo tempo. Deslizou as mãos pela cintura e agarrou a Cassandra pelas nádegas, apertou-a contra a pelvis, para que sentisse como estava duro por ela— E desejo-te agora *mesmo*.

—E eu a ti —sussurrou C.J., agarrada ao pescoço do Xander— Mas tens de ir às tuas reuniões com os clientes, e estão à minha espera no escritório —disse contra a vontade.

Ele beijou-a profundamente, tocando-a e ela devolveu-lhe as carícias. Estava excitado e tinha vontade de fazer amor com ela, mas não podia deixar os clientes pendurados. Também não era um momento em que quisesse ter pressa. Essa declaração mútua merecia um momento especial. E ele queria dá-lo à Cassandra.

—A insistente da minha irmã, Annika, disse-me há umas horas que queria convidar-te para jantar. Por isso, —acariciou o nariz contra o da C.J. — suponho que temos de encontrar uma maneira de ter um momento para os dois.

—Pensei que fosse um arquiteto com muitos recursos, senhor Zhurov. —disse a provocar,

enquanto lhe acariciava o membro erecto por cima do tecido das calças— Porque eu não posso deixar que se vá embora para assistir a reuniões durante um dia muito longo com o desejo insatisfeito ... —utilizou as unhas para tocá-lo e sentiu como o seu sexo vibrava contra o tecido— À noite, jantamos com a sua família, sem poder satisfazer o desejo...mmm... não me parece justo. Depois de tudo, hoje salvou-me de uma situação horrível.

—Cassandra...—gemeu quando ela se agachou e desapertou as calças—. Linda, a verdade é que ... —expressou com a voz cortada quando ela lhe agarrou na mão, olhando para o membro com fome e desejo— Preferia abraçar-te e ...

—Shiiiiooo. O teu prazer é o meu, Xander.

Ele acariciou-lhe o cabelo.

—Amor...

—Depois compensas-me —interrumpeu-o antes de beijá-lo. «Deus, esta mulher era a perdição.»



## CAPÍTULO 13

Quando a C.J. demonstrou ao Xander o muito que o desejava, e apesar do que o telefone de ambos não parar de tocar, terminaram na cama num emaranhado de abraços e carícias. Ele, claro, devolveu-lhe o prazeroso favor que ela lhe tinha dado com a boca. Desfrutou do que o húmido e rosado sexo deixava a sua mercê. Beijou-a, lambeu-a e mordiscou-a com doçura e suavidade, substituindo as carícias da língua pelas dos dedos, até que o gemidos da Cassandra ressoaram e o fizeram sentir poderoso.

Depois houve gemidos e beijos profundos. Amaram-se de um modo voraz e intenso. Xander devorava os peitos dela com os lábios e mordiscava ligeiramente os mamilos rosados erectos. Tudo isto ao mesmo tempo que a mão dele voltava a atormentar aquela passagem celestial dos vincos íntimos. Quando ela o agarrou pelo rabo, cravando as unhas e deixando escapar uma súplica de desejo, Xander agarrou num preservativo e antes que a C.J. se pudesse queixar da falta do corpo dele a cubri-la e das carícias a enlouquecê-la, penetrou-a.

Curvou as ancas sob a música do prazer e do desejo, recebendo a grossa ereção que a enchia de um modo que ia mais além do físico. Xander fundiu-se pela segunda vez na carne suave e aconchegante de Cassandra, com uma lentidão deliberada, ao sentir como se expandia a carne terna perante a erótica invasão. Enquanto sentia o suor na testa, o aroma da paixão misturado com o som dos corpos a chocarem para tentar chegar ao cume, onde converge o alívio do desejo impetuoso, Xander pensou que nunca se tinha sentido completo como nesse preciso instante em que ela gritou o nome dele.

Ele agarrou-a pela cintura, pressionando os dedos na pele, enquanto as ancas embestiam com ânsia. Ela curvou o corpo e o sexo contraíu-se em espasmos à volta do de Xander, quando ele acariciou o clítoris com o dedo.

—Cassandra...—gemeu, antes de fundir o rosto no pescoço feminino, aspirando o aroma viciante dela. Deu-lhe pequenos beijos, enquanto se recuperava e sentia as mãos suaves ao percorrer-lhe as costas com ternura.

Com um suspiro de placidez, ela ficou de barriga para cima a olhar para o tecto. Sorriu. Não só pelo prazer do que acabava de experimentar fisicamente, mas pela sensação de alívio emocional. Já não havia medos nem correntes.

Ele foi à cada de banho para tirar o preservativo e regressou para a cama. Sentia-se liviano. Satisfeito. Amado.

Deixou-se ir com os olhos fechados, pensando no sortudo que era pelo facto do Eric ter conseguido participar na licitação com Bostworth Corporation. Meteu-lhe no caminho uma mulher fantástica. Talvez lhe pudesse dar um bónus adicional.

—Xander?

Ele abriu os olhos. Virou-se, apoiando o cotovelo no colchão e a face na palma da mão,

olhou para a C.J.

—Sim?

Cassandra virou o rosto para ele.

—Obrigada por devolveres a confiança em mim mesma... e por me amares.

Ele sorriu. Pôs-se em cima dela e esfregou o nariz no da C.J.

—Amar-te é um privilégio, e saber que me amas faz-me humilde. A tua confiança em ti mesma só precisava de um empurrãozinho. Só me deves beijos. De acordo?

Ela riu-se.

—Dizes coisas tão bonitas...—murmurou ao acariciar-lhe o queixo.

—Digo isso, porque estou com a mulher da minha vida —respondeu ao beijá-la. Depois deu-lhe uma tentadora leve mordiscadela num peito, e ao ouvir o ronronar da C.J., soube que se tinha de levantar o antes possível ou ia perder todos os clientes desse dia— Cassy, à noite jantamos com a Annika. Está bem?

Cassandra assentiu.

—Gostei muito delas no dia do aniversário dos meus pais. A tua sobrinha é um encanto. Yessa ficou fascinada pela personalidade dela. Tenho a certeza que vão ser boas amigas, se têm a oportunidade voltar a ver-se. —Ele beijou o nariz arrebitado— Depois do que aconteceu hoje de manhã com Noah, vou deixar aos meus irmãos a responsabilidade do escritório. —Tocou na face. Ao ver o gesto Xander disse um palavrão— Logo à noite já não se vai notar nada —apressou-se a dizer.

—Yessa e Sasha vão ser amigas, independentemente dos caminhos que tu e eu tomemos. Tenho a certeza disso. As crianças estabelecem laços especiais que duram apesar de estarem longe ou perto dos seres queridos.

—É verdade...

Xander olhou para o rosto da Cassandra e apertou os dentes.

—Esse imbecil não se vai voltar a aproximar de ti.

—Porque tu me vais defender? —perguntou a provocá-lo com um grande sorriso.

A expressão de Xander não foi nada sorridente. Pelo contrário. Ela surpreendeu-se.

—Vou defender-te sempre, Cassandra. Agora és minha. Eu protejo o que é meu —disse com uma paixão violenta antes de lhe dar um beijo e começar a vestir-se.

Todo aquele homem era dela.

—Que territorial, Xander.

—Nem imaginas —respondeu antes de se levantar. Começou a vestir-se com movimentos



rápidos e elegantes.

Cassandra tapou-se com o lençol até ao peito. A ar-condicionado estava na temperatura ideal e os corpos estavam frescos.

—Não preferes tomar um banho? —perguntou ela com um tom sensual.

Xander deu uma gargalhada.

—Gosto da ideia, mas vou passar pela minha casa para tomar banho e mudar de roupa — viu as horas— tenho de telefonar à minha secretária para que re programe os meus compromissos. —Viu as chamadas perdidas— Meu Deus! —riu-se— Tenho mais de 20 telefonemas do meu escritório. Tenho de me despachar.

Cassandra gostava de olhar para ele, tanto nu como vestido. A força que emanava era hipnótica e divertia-a deixar-se seduzir pelo feitiço dele.

—A que horas é o jantar...? —perguntou de repente.

Ele aproximou-se da cama e sentou-se à beira. C.J. gateou e abraçou-o pelas costas. Apoiou o queixo no ombro dele.

—Venho-te buscar às 20:30. Está bem para ti? —perguntou docemente— É um jantar informal. Amanhã à noite já regressam ao Texas.

Ela assentiu.

—Um jantar de despedida. Então, vou levar alguns doces. Que pena que fiquem tão pouco tempo.

—Sim... mas o meu cunhado tem saudades delas. Pelo menos estiveram aqui alguns dias — pôs-se de pé e deu-lhe um último beijo—. Vemo-nos logo à noite, amor. Tentar dormir um bocadinho. Vai correr tudo bem, ok?

—Agora sei que sim. —Sorriu.

\*\*\*

Para além da raiva e decepção, Cassandra chegou a sentir pena de Noah. Imaginava que estava preso numa situação de conflito demasiado complexo entre o que desejava e o que o entorno social conservador exigia. Não o justificava, porque uma pessoa que ofendia outra, que lhe batia e a humilhava como Noah fez com ela não podia ter um apoio argumentativo para as suas ações ou palavras.

Nunca mais ia permitir que alguém a tratasse mal. Ficar calada não era uma opção. O maltrato devia ser denunciado e ela ia procurar uma maneira de ajudar com algum programa social que incentivasse as mulheres a ultrapassarem a co-dependência, mas sobretudo, a amarem-se a elas mesmas. Talvez o seu caso, comparado com outros, fosse só um arranhão, mas a dimensão do maltrato não se podia medir. Simplesmente era *maltrato* e ponto final. E não se pode permitir.

Ela tinha falado com os pais depois do sucedido. Giselle ficou impactada, mas Cyrus

acalmou-a, contou-lhes que Noah tinha telefonado para se desculpar com ele.

—Disse-me que não me podia ver cara a cara, depois do comportamento monstruoso que teve e que tinha renunciado à presidência da empresa familiar. Que os pais não o entendiam e parece que vão pôr à venda o grupo Caldwell. Noah vai-se embora de Tennessee. Talvez vá para a Europa.

—A sério que fez isso, pai? —perguntou Cassandra espantada.

—Acho que é um homem atormentado. —disse Cyrus— Mas a minha preocupação és tu, Cassy. Ele tem de agradecer por estar vivo, porque se esse rapaz, Xander, não tivesse aparecido antes que eu em cena, provavelmente terias que levar a minha equipa jurídica para tentar tirar-me da prisão por homicídio premeditado.

—Oh, pai, não digas esse disparate.

—Disse sempre que não há melhor decisão do que a sinceridade. Talvez os pais dele se chateiem, talvez perca os contactos com mentalidade retrógrada, mas o que conta é que ele se sinta livre para amar e viver de acordo com o que lhe dita o coração. Se Charles ou Linux me tivessem dito que eram homossexuais, não os ia julgar, nem amar menos nem amar mais, são meus filhos. São livres para amar quem desejem amar. Afinal o amor é um sentimento universal, não entendo a mania que algumas pessoas têm para categorizar por raça ou sexo. É ridículo.

Cassandra sorriu. Adorava a mãe. Era uma mulher com uma mente aberta, mas especialmente sincera.

—Concordo contigo, querida —agregou Cyrus. Apesar de ser um homem tradicional, não era inflexível. Durante o casamento com Giselle tinha aguentado firmemente algumas formas de conceber as mudanças sociais que aconteciam à sua volta— É que não está a transgredir nenhum princípio por amar a alguém do mesmo sexo. E as pessoas que matam, roubam e violam a integridade humana dos outros?

—Pai... o melhor é deixarmos este assunto. Não quero falar mais sobre o Noah. Espero que algum dia possa encontrar a felicidade. Quero virar a página.

Giselle levantou as sobrancelhas, como se de repente se tivesse lembrado de alguma coisa.

—Oh, olha, quem é Xander? —perguntou mudando de assunto.

Durante a festa de aniversário, tanto Xander como a família dele tiveram de se ir embora cedo, porque Sasha comeu demasiados doces e ficou com dores de barriga. Dada a pressa, não teve oportunidade de apresentar o Xander à mãe.

—Mãe...

—Vá lá. Cyrus, tu sabes de alguma coisa?

O homem pôs os olhos em branco. Aproximou-se da filha e deu-lhe um beijo na testa. Depois dirigiu-se à Giselle e beijou-a nos lábios.

—Sim, mulher, o rapaz Zhurov está apaixonado pela nossa Cassy. E ela corresponde-lhe,

não é? —perguntou.

Cassandra riu-se.

—É isso, pai.

—Bem. Gosto desse rapaz.

—Cassandra Jane! Como é que não contaste à tua mãe tal notícia?

C.J. preparou-se para o que viria a ser um longo momento com a mãe.

\*\*\*

Três semanas depois o clima começava a mudar. Após o verão intenso chegava o outono. Cassandra gostava muito desta estação do ano. Gostava de observar o modo como as folhas das árvores começavam a mudar de tom. As cores vivas de antes mudavam para degradé de verdes, amarelos, vermelhos e cor de laranja, uma gama preciosa e romântica.

A relação com Xander ia de vento em popa. As más línguas sobre o casamento com Noah tinham terminado. Achava que o pai tinha algo a ver com isso. Mas nessa manhã de quarta-feira no escritório, Fanny mostrou-lhe uma prova do motivo.

—C.J., sinceramente... não entendo porque protegeste tanto esse homem, levando com o gozo de alguns. —Entregou-lhe a impressão de uma página com eventos do jet-set na Europa e nos Estados Unidos.

Cassandra não acreditava no titular. Mas isso não era o que importava, porque a foto valia mais do que mil palavras. Num yate, não muito longe da costa, estava Noah aos beijos com um homem. Não era qualquer um, era Armie. O melhor amigo dele. Aquele que lhe lançava punhais envenenados com os olhos. Agora, Cassandra entendia o porquê da atitude tão hostil com ela. Deixou a folha impressa de lado.

—É a vida dele. As coisas caem sempre pelo seu próprio peso. Pelo menos agora começa a ser sincero. Espero que a vida lhe traga paz.

—És demasiado generosa.

C.J. riu-se.

—Não, Fanny, decidi continuar com a minha vida.

—E com um arquiteto muito giro?

C.J. sorriu de orelha a orelha. Já não usava o cabelo apanhado severamente, nem fatos que lhe davam um ar frio. Sentia-se diferente. Sentia-se como a Cassandra que sempre tinha sido e que tinha decido esconder por medo e autopreservação. Não fazia diferença o quanto pudesse amar um homem. Não voltaria a permitir mudar a sua essência nem a alegria por outros.

—A verdade é que sim. —disse com um brilho especial nos olhos— Olha, é verdade, hoje

tinha que vir Erick Danes de Zhurov & Companhia para receber o último pagamento. Sabes se já está aqui?

—Sim, de facto ele está com o arquitecto Zhurov na adega pequena, onde lhes pediste que houvesse mais ar e espaço.

—Digo-lhes que venham aqui?

C.J. negou e pôs-se de pé.

—Vou ao departamento de contabilidade buscar o cheque e entrego-o pessoalmente.

—A quem queres surpreender?

C.J. corou e fez com que Fanny se risse.

—Vemo-nos daqui a pouco —murmurou ao sair apressada.

—Com certeza—respondeu Fanny rindo-se baixinho, antes de se sentar à secretária e continuar a trabalhar.



## CAPÍTULO 14

Ao meio-dia Xander já tinha reunido a coragem necessária para falar com Cyrus. Almoçaram e falaram de tudo um pouco. Embora lhe tivesse custado colocar o tema principal em cima da mesa, muniu-se de coragem, porque Cassandra merecia isso. Queria fazer as coisas bem e sabia como ela valorizava a família.

—Então... qual é a principal razão para almoçarmos hoje? —perguntou Cyrus, de forma directa e clara, quando terminaram o segundo prato e esperavam pela sobremesa.

Geralmente, não se punha nervoso para falar com alguém sobre nenhum assunto, mas neste caso tratava-se da sua vida sentimental. Uma parte transcendental, sem dúvida. Tinha 38 anos e ao pedir a mão de Cassandra sentia-se como um rapaz de 20 anos perante o pai da noiva.

—Cyrus, amo e respeito a Cassandra. Podia fazer-lhe um discurso sobre todas as qualidades que ela tem, mas já sabe quais são. Sei que passou por um momento difícil ao saber, há umas semanas atrás, do que se passou durante o seu anterior casamento, mas eu quero fazê-la feliz e quero cuidar dela. Quero fazer bem as coisas e gostava de contar com a sua aprovação para casar-me com a Cassandra.

—Uau, rapaz. Eu pensava que já não existiam cavalheiros à antiga. —Riu-se— Sabes? Na nossa família não misturamos...

—Negócios com prazer? —perguntou a rir-se.

Cyrus assentiu com um sorriso.

—Contudo, vi a qualidade do teu trabalho. O meu filho Charles comentou-me que os amigos a quem te recomendou estão muito satisfeitos com as tuas propostas profissionais. Quando se trata de negócios, tenho bom olho...

—Desculpe interromper, Cyrus. Agradeço os seus comentários, mas não quero distorcer o sentido deste almoço a falar de negócios.

Cyrus observou-o durante um longo momento. Apareceu a empregada com os dois *Crème brûlée* de pistacho. O pai de Cassandra sorriu.

—Entendo que queiras uma resposta minha, mas também sei que és um homem que afinal vais fazer o que quiseses, porque queres ter ao teu lado a mulher que amas, e que isto é uma mera cortesia. Agradeço. —Xander assentiu— Dou-te as boas vindas à família Bostworth, Xander, e espero que saibas o tesouro que levas. —O arquiteto assentiu novamente— Agora já estás disposto a falar de negócios?

Xander deu uma gargalhada de alívio.

—Estou, obrigada, senhor.

—Nah! Vamos ser família, podes tratar-me por Cyrus.

—Cyrus, então.

O anel que comprou durante o fim de semana estava guardado no bolso desde então. Queria que fosse um novo começo, e ele não era muito bom para surpresas ou para organizá-las. Quando telefonou à Annika para lhe contar as intenções que tinha, a irmã começou logo a falar sobre a decoração. Ele gostava que a sua pequena família se desse bem com os Bostworth.

Annika perguntou-lhe como estava a pensar pedir a mão, mas a verdade é que não tinha a mais remota ideia. Tinha que pensar bem, porque Cassandra era especial e queria que esse fosse um novo começo. Agora C.J. era muito diferente da mulher que ele conheceu ao princípio. Era mais alegre, descomplicada e pedia o que queria, como também se entregava generosamente. Adorava ter sido testemunha desse processo.

—Ficou fabuloso —disse Erick Danes. Estavam na adega do sétimo andar da Bostworth Corporation. O pessoal da empresa que costumavam subcontratar para executar os projetos tinham saído há 10 minutos atrás. Era o último contrato de Zhurov & Companhia, mas a carteira de clientes em espera era extensa. Tinham de selecionar os mais convenientes, e em breve ia contratar uma nova equipa de arquitetos que desse abasto à procura.

Erick tinha recebido a alta médica há algum tempo para voltar ao trabalho. Xander teve a oportunidade de comprovar o seu nível de compromisso, quando Erick se apresentou no escritório de Cyrus para levar para a frente o projeto da remodelação do gabinete da presidência. Com um braço engessado, mas com uma atitude otimista, trabalhou sem se queixar e com excelentes resultados.

Embora às vezes falasse demasiado, a contribuição dele era valiosa. Xander só contratava pessoas com um alto nível de profissionalismo. Se os empregados não mostravam rendimento, não hesitava em despedi-los. Não estava apenas em jogo um cliente, mas a sua reputação. E esta última tinha-lhe custado muito a conseguir.

—Estás a falar a sério, Xander? —perguntou Erick, quando lhe contou a proposta de negócios de Cyrus durante o almoço.

Assentiu ao enrolar um projeto para colocá-lo num tubo.

—Caldwell deixou um espaço livre na empresa, por isso a minha ideia pareceu-lhe muito boa.

—Não se chateou por a tua ideia não ser a que te propôs inicialmente?

—Em absoluto, tem uma mente muito aberta. Assim que de agora em diante, o departamento que assessorava sobre os automóveis de luxo e as vendas de partes de automóveis de coleção está fechada. Vamos substituí-la por uma secção dedicada à melhoria dos básicos da casa. Tipo assessoria, especificamente.

—Sim, mas essa parte não ficou clara.

—As pessoas que estiverem a pensar remodelar a casa podem receber uma assessoramento nosso. E também aquelas que quiserem construir uma. Embora como sabes estas normalmente não

são muitas, mas caso queiram melhorar os espaços damos assessoria. O departamento chama-se Espaços Ergo-económicos.

—Soa pomposo. —disse a rir-se. Xander encolheu os ombros— E a execução ou quando se põem em marcha essas mudanças?

—Isto já acontecia por conta dos clientes, embora Cyrus me tenha dito que temos liberdade para recomendar os fornecedores com quem já trabalhamos. De qualquer forma, começamos com assessoria. Algo dinâmico. Para que não vejam os arquitetos só como meros desenhadores de espaços de luxo, conforto ou o que seja, mas sim como um verdadeiro apoio para ter uma casa, velha ou nova, que seja funcional para a família, casal ou indivíduo.

—Isso soa espectacular. —disse Erick, entusiasmado— Olha, já acabaram os ajustes na casa da filha do chefe? —perguntou. Como a relação de Xander e Cassandra não era um segredo, Erick não a voltou a chamar de dama de gelo. Aliás, uma vez falou com ela e deu-se conta que era uma mulher acolhedora e decidida. E se somava a isso o facto dela ser namorada do chefe, o melhor era ficar calado para não meter o pé na argola.

—Sim, completamente. Há seis dias.

—Boa chefe, levaste o grande prémio —disse Erick a rir-se, enquanto colocava os seus pertences numa mala pequena. Mais tarde tinha um jogo de ténis com uns amigos da universidade. A comissão pelo contrato Bostworth tinha-lhe servido para pagar a cota de membro do exclusivo clube.

Xander riu-se.

—Porque dizes isso?

Erick cruzou os braços, como se Xander tivesse chegado a Júpiter.

—Ficas com a miúda e para além disso com o negócio. Um pacote fabuloso pelo qual outro homem te mataria. Estou contente, chefe, finalmente tens a expansão que lutaste desde que começaste a trabalhar com os Bostworth. A tua motivação para te vinculares com esta empresa era esta. —Deu-lhe umas palmaditas no ombro.

Xander revirou os olhos.

—É o que dá ser esperto. Daqui a três dias vamos começar a trabalhar com Cyrus, fazemos a planificação comercial e reúnem-se os nossos advogados—disse Xander a dar-lhe corda. Erick às vezes era bisbilhoteiro. Não fazia sentido discutir por nada.— Alguém te vem buscar ou queres que te dê boleia? Se vais ao escritório fica-me de caminho, porque tenho de fazer uns ajustes com a equipa.

—Ehhh....

Xander terminou de colocar um livro na estante oposta à porta. Ficou admirado pelo silêncio repentino de Erick.

—O que é que se passa? —perguntou de costas.



—Chefe...

A voz nervosa de Erick fez com que Xander se girasse de sobrelanceiras levantadas.

—Não te perguntei nada complicado...—começou e não pôde concluir. Cassandra estava à porta.— Amor?

Cassandra olhava para ele com os olhos surpreendidos e o rosto pálido. Tentava manter-se calma, mas sentia que a história se repetia. Ouvir Xander e Erick a falar de que ela fazia parte de um pacote comercial conveniente sacudia-lhe o corpo com emoções violentas.

O coração ia a mil latidos por segundo, enquanto tentava respirar profundamente. Os músculos do estômago provavelmente estavam paralisados. Era como se tivesse sido catapultada por uma tempestade, onde só se sentia angústia e uma dor dilacerante.

Cassandra mostrou o cheque que acabava de ir buscar ao departamento de contabilidade e entregou-o ao Erick, quem automaticamente o aceitou. Erick olhou para um e para outro, sentindo uma tensão da qual não queria fazer parte. Balbuciou uma desculpa, pegou nas coisas dele e saiu da pequena adega restaurada.

—O que é que se passa? Sentes-te mal? —perguntou Xander ao aproximar-se e pondo-lhe as mãos nos ombros.

Cassandra apertou a mandíbula. Não percebia como ele não conseguia escutar o barulho do seu coração a partir-se.

—Não, sinto-me perfeitamente. Principalmente porque me dou conta que és um mentiroso.

—Do que é que estás a falar...?

—Ouvi tudo, Xander. *Tudo*. Faço parte de um bom pacote corporativo. Vais ser o substituto das empresas Caldwell —disse com uma gargalhada que soou sobretudo lúgubre— nas lojas da minha família. Uau, que mudança tão refrescante! —disse-lhe, afastando-o com um gesto.

—Cassandra...

—Muito bem, senhor Zhurov. Este pacote corporativo divide-se agora mesmo. Fico contente por saber que chegaste a um acordo com o meu pai. Fico contente por teres conseguido um bom negócio, que era o que querias desde o início. Fico contente porque foste o homem que converteu a dama de gelo numa mulher normal. Mas fico sobretudo contente porque conseguiste despertar de novo o meu desejo sexual, e sabes o que é o melhor disto?

—Estás a interpretar tudo mal, Cassandra. Acho que te demonstrei que sou sincero. Que te amo. E a última coisa que me importa é o teu maldito dinheiro ou os teus malditos contactos familiares. Todos os negócios se iniciam com um objetivo. O negócio deixou de me importar quando me apaixonei por ti. O que é que ouviste? Porque evidentemente foi algo incompleto.

Ela fez um gesto com as mãos para menosprezar as palavras dele. Como se fosse um enxame incómodo e inócuo.

—Ouvi o suficiente para te agradecer agora puder ter relações com quem me der na gana

sem sentir remorços. Sem acreditar que não sou o suficientemente sensual para atrair um homem. Porque sou e muito, não é?

Xander mal conseguia conter a raiva que lhe fervia por dentro. Cassandra pensava que ele a tinha utilizado, porque não o ouviu a corrigir o parvo do Erick.

Tentava acalmar-se, mas não parecia funcionar. Cassandra com outros homens? Só a ideia de que outro homem se atrevesse a tocá-la empurrava-o para um caminho de pensamentos pouco coerentes. Ficava maluco de fúria.

—Cassandra, estás a exagerar. Pela última vez, deixa-me explicar. Ouve-me. Não faças nada que te possas arrepender —disse com aparente tom calmo, mas ela conhecia-o bem, a voz soava acurada e perigosa. Cassandra não queria saber. Estava doída. Sentia-se destroçada. Utilizada.

—Arrepender-me? Não, Xander. Ouve bem. Posso ter sido parva uma vez, mas duas não. Não fazes ideia de como me sinto aliviada por te ter ouvido falar com Erick. Não quero voltar a saber nada sobre ti.

O autocontrolo de Xander voou pelos ares. Agarrou a Cassandra nos braços, aproximou-se da porta e fechou-a com um pontapé. Depois deixou-a em cima de uma secretária recém instalada. Prendeu-a com o corpo dele. Uma mão em cada anca curvilínea. Inclinou-se sobre ela, encostando a testa com a de Cassandra.

—És minha. Não te atrevas a ameaçar-me com a possibilidade de ires para a cama com outros. Eu nunca te diria tamanha estupidez.

—Estás a chamar-me estúpida? Para além de me utilizares também me estás...?

Ele baixou a cabeça e arrassou a boca de Cassandra. Este beijo não foi doce, não. Este foi um beijo abrasivo, invasivo, conquistador e reafirmante. Ele era dela e ela era dele. Cassandra ao sentir o sabor metálico do sangue deu-lhe um empurrão para o afastar. Não sabia se o sangue era dela ou dele. Passou a mão pelos lábios.

—É... teu ou meu? —perguntou Xander murmurando.

—Tua... eu...

—Demónios... —Xander afastou-se.

Cassandra, desta vez sem reter as lágrimas, desceu da secretária.

—Tiveste esta ideia quando te disse que Caldwell ia renovar o contrato e eu não queria que isso acontecesse?

—Não vás por aí. Nem sequer sabia o que ia acontecer entre nós. Tínhamo-nos começado a ver. Além disso, foi o teu pai quem me propôs o negócio hoje. Eu não preciso do teu dinheiro. Se tu não consegues confiar em mim, então fui eu quem se enganou nesta equação.

—Agora és tu o ofendido? —perguntou com raiva.

—Não, Cassandra. O que aconteceu aqui foi um mal entendido. Estou a tentar falar contigo, mas só me respondes com raiva e ataques. Isto não é conversar. Não vamos chegar a lado nenhum. Estás demasiado alterada.

Ela aproximou-se e apontou-lhe um dedo no peito.

—Nem tentes dizer-me se estou ou não alterada. —Com o dorso da mão secou as lágrimas. A ele doía-lhe vê-la assim, mas doía-lhe muito mais que não confiasse nele. O preço do passado era lidar de vez em quando com as inseguranças num casal, mas ela ofuscava-se tão rapidamente que o deixava de fora.— Não tentes vender-me desculpas.

Xander passou-lhe a mão pelo rosto. Cruzou os braços. Tinha o corpo tenso como um arco.

—Foi o teu pai quem me propôs o negócio. Hoje almocei com ele, porque lhe queria pedir...

—Ufff, agora metes o meu pai! Meu Deus!

Xander deixou escapar um suspiro perante o combate de C.J. Olhou para ela com tal impotência e raiva ao mesmo tempo, que por um minuto Cassandra duvidou que ele a estivesse a ouvir.

—O que é que queres de mim? —perguntou com um tom de derrota. Podia continuar a debater e a discutir, mas ela estava em modo de negação absoluto—. Diz-me e vou tentar encontrar uma maneira de dar-te isso.

—É muito fácil. —disse com voz serena, embora trêmula— Não te quero voltar a ver. E se te atravessas no meu caminho por causa dos trabalhos com o meu pai, faz como que nunca nos tenhamos conhecido.

—Tens a certeza do que estás a pedir? —insistiu pela última vez. Meu Deus, Cassandra estava a matá-lo, mas se era nela em quem não se podia confiar! Apesar de lhe ter demonstrado que a amava. Então, os 50% da sua parte da relação estavam feitos. Ele não podia fazer os 50% que correspondiam a ela. As coisas não funcionavam assim.

—Tenho.

Xander olhou para ela com uma expressão que ela não soube interpretar. Aproximou-se dela, como se a fosse a beijar, mas depois pensou melhor e afastou-se.

—Será como quiseres, então.

Ela não respondeu. Só fechou os olhos e ficou em silêncio com os murmúrios ao longe dos empregados e das impressoras.

Durante um longo momento, Cassandra abraçou-se a ela mesma.



## CAPÍTULO 15

Doze dias. Quinze horas. Vinte minutos. Trinta segundos. O tempo exacto desde que não sabia nada do Xander. O tempo exacto em que sabia que era uma completa idiota. O tempo exacto em que tinha arruinado o mais bonito que lhe tinha acontecido.

Depois da discussão no escritório, terminou os últimos assuntos pendentes e dois dias mais tarde pediu férias. Deviam-lhe um mês completo. Por isso, pediu a Fanny que avisasse os Recursos Humanos de que ia estar fora de circulação. A secretária não fez comentários. Nem faziam falta, porque o olhar cabisbaixo que tinha já era bastante eloquente.

Tinha-se assustado. Reconhecia isso. Não soube lidar adequadamente com a situação e reagiu mal. Não tinha ouvido a conversa toda. A parte irracional e temerosa tinha emergido como um leão disposto a defender o território dele. E tinha atacado a pessoa menos indicada sem lhe dar oportunidade para explicar-se.

Como é que sabia que era uma idiota? O seu pai tinha-a feito saber com só uma pergunta inocente. Um dia antes de ir de férias, Cyrus perguntou-lhe o que tinha respondido a Xander.

—Respondido? Com relação a quê? —respondeu-lhe intrigada.

O pai dela surpreendido.

—Onteontem pediu-me a tua mão. Estava à espera que me viesses contar com alegria, por isso não compreendo essa cara de circunstância, Cassy. —Ficou sem palavras— Acho que o ofendi um pouco ao falar-lhe de um negócios que tinha em mente para substituir os Caldwell, porque ele só me queria pedir a tua mão. É um bom homem e quero que ele faça parte do conglomerado da família. É... Cassy? —perguntou-lhe o pai ao vê-la pálida.

Con angústia, Cassandra saiu do escritório do pai. Foi a casa de Xander, mas ninguém lhe abriu a porta. Foi à empresa dele, mas a secretária disse-lhe que ele estava fora de Nashville por negócios e só voltava dentro de 15 dias. Não lhe quis proporcionar dados, nem do hotel, porque não tinha autorização para informar o paradeiro do presidente a pessoas externas à companhia.

Voltou a casa a sentir-se miserável.

E agora, enquanto esperava por Serena na cafetaria favorita de ambas, mexia aborrecida a colher dentro do fumegante café com avelãs e chantilly. A amiga dela estava a trabalhar num caso criminal muito complexo e, inclusive, tinha contratado um serviço de guarda-costas. Serena nunca falava de trabalho, por isso pediu-lhe que só a contactasse por telemóvel durante o julgamento e, somente, ao número novo que era uma linha segura.

Cassandra não entendia o gosto que a Serena tinha por essa carreira na linha da criminologia, mas respeitava-a, porque era a melhor da área. Sentia pena pela preocupação gigantesca que Martin devia carregar às costas.

—Ufff, cheguei —disse Serena interrompendo-lhe os pensamentos. Meteu o casaco de lado

e pediu uns *snacks*. Lá fora o céu tinha escurecido. — Desculpa, amanhã dão o veredito. Tem sido uma loucura.

—Olá advogada. —respondeu Cassandra com um sorriso— Então, hoje é o último dia desses dois guarda-costas giríssimos?

Serena sorriu.

—Não. Vão estar comigo durante mais dois meses, por precaução, independentemente do resultado de amanhã.

—Ameaçaram-te?

—Não, mas prefiro evitar qualquer problema. De facto, também obriguei o Martin a contratar um guarda-costas. Tu sabes, as pessoas mais próximas podem ver-se afetadas. Desculpa que estejas a passar sozinha por este momento amargo, Cassy. Nenhuma notícia do Xander?

—Como se a terra o tivesse engolido, Serena... Dói-me cada dia que estou sem ele.

—Tentaste telefonar-lhe?

—Não me atende.

—Será que mudou de número?

—Tenho a certeza que não quer saber de uma mulher que pensava que estava bem, e afinal estava passada da cabeça ao ver cinco patas ao gato.

—Uau! Uma frase cheia de lugares comuns, não? —comentou ao tentar brincar. Cassandra fez uma cara de dor.

—Serena...—Olhou para ela com desamparo— Preciso da tua ajuda.

—É que não entendo porque raios Xander não se que comunicar contigo. Ainda não pensaste que, se calhar, quando lhe telefonas ele tem o telemóvel num sítio sem rede, ou que está num avião ou... sei lá...?

—Ou na cama com uma mulher?

Serena bufou de forma pouco elegante e encostou-se às costas do assento.

—Vou fingir que não ouvi essa parvoíce. Olha, Cassy, se ele tinha pensado pedir-te em casamento, não acho que o próximo passo seja ir para a cama com outra. Lembra-te que é um empresário que se dirige a ele mesmo, não tem chefes e para levar um negócio tem de se trabalhar com os cinco sentidos.

—Podia ter-me enviado uma mensagem.

—As possibilidades são infinitas, a questão é, porque é que ele devia comunicar-se contigo se és tu quem não confia nele? Olha, Cassy, adoro-te, mas acho que tens um parafuso a menos. E se não o encontras vais perder o homem da tua vida.

—Não sei o que fazer! Tento ser otimista, mas custa-me...

O telemóvel de Serena tocou. Ela atendeu de imediato. Primeiro sorriu, depois levantou as sobrancelhas e finalmente desligou a chamada.

—Cassy, detesto dizer-te isso, mas ou tiras da cartola ideias ou o tempo vai passando e quando te deres conta já é demasiado tarde. Segue o teu coração. Eu tenho de voltar para o tribunal.

—O que...?

—Assassinaram uma das testemunhas chave...

—Como?

—Não sei e penso averiguá-lo. Desculpa, amiga, mas tenta pensar com serenidade. Tira de ti a Cassy decidida. Essa que sabe o que quer e que não vai perder o homem que ama, ok? — Inclinou-se para lhe dar um beijo— Gosto muito de ti, Cassy.

\*\*\*

Quinze dias. Zero minutos. Zero segundos.

Calçou os sapatos vermelhos com salto de agulha. Procurou no roupeiro e encontrou um vestido celeste que lhe ficava como uma luva e se ajustava às suas curvas com mimo. Tinha o cabelo solto e ligeiramente ondulado. Delineador preto, *blush* e um batom um pouco rosado, era a maquilhagem. Perfeito, disse ao seu reflexo no espelho. Estava bonita. Sentia-o e sabia isso.

Depois de comer com Serena mandou ao diabo os remorços. Já era altura de deixar de se lamentar pelas idiotices e lutar, mesmo que tivesse que perder. Lutar mesmo que fosse rejeitada. Porque não se enfrentar aos medos por viver numa carapaça isolada de tudo o que lhe pudesse provocar dor, só contribuía a um estúpido isolamento emocional que a privava do mais importante: sentir.

Queria viver, rir e chorar com Xander.

Foi até ao estúdio de desenho buscar um precioso livrinho feito à mão com ilustrações. Já estava há um dia inteiro sem dormir, mas valia a pena. Tinha desenhado o que significava Xander para ela. Só esperava que ele entendesse a mensagem. E se não entendesse, insistiria. Porque a vida era uma batalha de perseverância.

Chamou um táxi.

\*\*\*

Depois do mal entendido com a Cassandra, Xander disse a Cyrus que não lhe interessava fazer parte do negócio. Embora fosse ambicioso não podia permitir que C.J. se sentisse incómoda com própria empresa. Cyrus expressou-lhe o seu pesar, porque achava que tinha um grande potencial, e comentou que há uns dias, escapando-lhe, tinha falado com a Cassandra sobre o pedido de casamento.

Xander despediu-se de Cyrus. Na noite seguinte recebeu um telefonema de Charles Bostworth. Queria abrir um novo centro comercial e precisava de um arquiteto para desenhá-lo.

—As coisas entre a tua irmã e eu estão um pouco tensas, Charles —respondeu quando o empresário lhe perguntou sobre a sua relação com C.J.

—Que pena... espero que isso não te impida de aceitar a minha proposta de trabalho.

—Dado que está fora dos escritórios de Bostworth Incorporated não tenho nenhum problema. Obrigado, Charles.

—Estamos em contacto, então.

Esse negócio implicava reunir-se com um investidor texano. Esteve três dias em Houston e depois foi a Dallas passar uns dias no rancho do cunhado e desconectar um pouco de Tennessee. Sasha perdeu-lhe o telemóvel no lago da casa, por isso, mesmo que tivesse querido, estável incomunicável.

Disse a Annika que queria falar com Cassandra, mas a irmã sugeriu que não a pressionasse. Que lhe desse tempo. Contudo, o que menos conseguia fazer era concentrar-se, porque detestava estar longe dela. Mas a Annika tinha razão. Ia deixar que ela se acalmasse e pensasse bem nos factos. Principalmente agora que Cyrus lhe tinha dito a verdade sobre as intenções que ele tinha ao encontrar-se com ele.

A secretária disse-lhe que Cassandra tinha ido ali duas vezes, depois dele ter ido ao Texas.

—Não lhe deste o número do rancho? Perdi o telemóvel.

—Desculpe, senhor Zhurov, mas disse-me que ninguém externo à empresa o podia contactar. E que mesmo os arquitectos deviam desenrascar-se, enquanto Erick estivesse ao comando das equipas de trabalho até que regressasse...

Só a ideia que ela tivesse ido ali era sinal que tinha entrado em razão. Embora isso não significasse que tudo estava solucionado. Precisavam de falar.

Nessa manhã regressou do Texas. O contrato com Charles e o empresário texano estava em mãos dos advogados de Zhurov & Companhia. O projeto era gigante. Ia-se construir um dos maiores centros comerciais de Nashville e Bostwoth Luxury ia abrir, pela primeira vez, noutro estado: Texas. Era um grande passo e Charles disse-lhe que estava mais que contente por isso.

Perto das dez da noite, conseguiu, finalmente, sair da empresa. Estava esgotado e só pensava em tomar um banho e dormir. No dia seguinte, o primeiro ponto da agenda era falar com C.J. Tinha muitas saudades dela. Do riso, dos beijos, da conversa. Dela toda.

Não tinha vontade de ludibriar o trânsito como tartaruga, por isso montou-se na Ducati e saiu rumo a casa. Trinta minutos depois estacionou.

Surpreendeu-se ao ver uma mulher à porta, levemente iluminada e com a sombra de uma das colunas de tijolo no rosto. Não precisava de vê-la de perto para saber que era Cassandra.

Com o coração a palpar-lhe desceu da mota e caminhou até à entrada da casa. Estava linda. Sempre tinha sido bonita. Todo esse tempo de ausência fazia com que o desejo de tê-la ao seu lado fosse praticamente irresistível.



—Olá Xander —sussurrou com emoção. Estava tão giro. Tinha tido tantas saudades dele. Morria pelos beijos dele e dava o que fosse preciso para apagar as palavras parvas que lhe tinha dito.— Estava aqui pelo bairro... e decidi esperar por ti —disse com um sorriso tímido.

O rosto de Xander iluminou-se.

—Sim?

Ela assentiu.

—Estás muito bonita, Cassandra.

—Obrigada... tu também...

Ficaram a olhar um para o outro durante um longo momento, até que Xander tirou as chaves de casa e abriu a porta.

—Tenho fome, queres comer alguma coisa?

Não, não lhe apetecia, principalmente porque tinha um nó na garganta. Era inevitável. Tinha que fazer um grande esforço para não pedir que lhe dissesse que ainda a amava, que não se tinha encontrado com outras pessoas, que tinha saudades dela como ela dele. Tanto que quase lhe doía.

—Sim, obrigada.

Seguiu-o até à cozinha. Ele abriu diligentemente o frigorífico e tirou uma jarra de limonada. Serviu em dois copos e deu um a Cassandra. Ela bebeu em silêncio, enquanto Xander agia da mesma maneira.

C.J. sentou-se numa das cadeiras altas, e Xander fez o mesmo do outro lado da mesa de mármore.

—Xander...

—Sim?

—Desculpa.

—O que é que desculpo?

—Ter duvidado dos teus sentimentos. E ter dito tantas parvoíces juntas... —deixou escapar um gemido entrecortado— nunca iria para a cama com outro homem, porque tu és o dono do meu coração. Estive muito mal ao dizer-te isso. Sinto-me mal e vim pedir-te desculpas. Estes 15 dias foram infernais. As piores férias. —disse com um sorriso triste— Contava os minutos a pensar na maneira de voltar a ver-te. A tua secretária disse que estavas fora... escrevi-te... não sei se.... E como não respondeste às mensagens nem aos telefonemas...

Ele esticou a mão e posou-a na de C.J.

—Fui ao Texas, amor. Sasha estava a brincar no lago do rancho do meu cunhado em Dallas, e sem querer deixou cair o telefone à água. Não tinha oportunidade de ir comprar outro, porque

estava longe do centro da cidade. Bom, e a Annika sugeriu-me que te deixasse em paz durante uns dias para que as águas se acalmassem... Foi má ideia seguir o conselho dela? Porque a verdade é que estar sem ti me estava a matar.

Ela negou, acariciando distraidamente os dedos de Xander. Era tão maravilhoso voltar a tocar-lhe.

—Não, não foi má ideia. Pude ter uma perspectiva do que se passou entre nós... e depois o meu pai disse-me... —baixou o olhar, corando—, disse-me que...

—Queria casar-me contigo? —perguntou com suavidade.

—Sim... —sorriu com timidez—. Senti-me tão mal por não te ter querido ouvir, porque não fui justa... —Olhou para ele. Xander olhava para ela com amor e doçura. Como é que era possível depois de ter sido tão ridícula? — E tive medo de te ter perdido...

—Porque é que estás aqui hoje...?

—Não me vais facilitar as coisas apesar de já te ter pedido desculpas?

Ele sorriu.

—Não sou orgulhoso, Cassandra. Não contigo. Desculpas aceites, mas na realidade quero saber que outras razões existem na tua cabecinha que te tenham empurrado a vir aqui a esta hora.

C.J. abriu a mala para retirar o caderno e entregar-lho.

—Fi-lo ontem... espero... —Ele estava absorvido nas ilustrações—. Gosto de desenhar... —balbuciou.

Após vários minutos, Xander olhou para ela comovido.

—É um lindo presente, Cassandra... obrigado...

Eram seis ilustrações. Cada uma representava uma etapa diferente da sua vida. A primeira a família e a infância. A segunda os amigos. A terceira o casamento falhado. A quarta quando conheceu o Xander. A quinta quando ele se afastou dela e a sexta os dias que esteve sem ele.

Cada ilustração tinha o fundo difuminado, mas era fácil dar-se conta de quem estava desenhado, o diferente era a expressão no rosto de Cassandra. A última ilustração representava-a com a esperança no olhar, a vista num horizonte soleado e uma figura masculina recortada em sombras.

—Sim? —sussurrou ao morder-se o lábio e a sorrir-lhe. Tentava conter as lágrimas— O que te quero dizer com estas ilustrações...

Xander levantou-se, rodeou a mesa e colocou o rosto-lhe entre as mãos dele. Acariciou-a com ternura, como se fosse a peça de cristal mais valiosa do mundo.

—Cassandra, a minha vida sem ti carece de luz. Obrigada por teres vindo hoje. Por teres posto o orgulho de lado e teres reconhecido o teu erro. Mas sobretudo obrigada por me amares

tanto como eu a ti.

—Xander... —disse ao pôr as mãos em cima das dele— Amo-te tanto...

Sem aguentar mais tempo, ele inclinou-se e beijou-a. Com os gemidos de doçura e prazer, ela recebeu os lábios dele. O beijo aqueceu-lhe o coração e derreteu-lhe os medos, sentia-se como se tivesse saído de um túnel escuro e triste. Xander sentiu que tudo voltava a encaixar onde devia. Ela nos braços e no coração dele. Voltar a tocá-la era maravilhoso.

Saboreou a doçura da boca dela, enterrou os dedos naquele cabelo suave e loiro e percorreu os lábios com avidez. Aspirou os suspiros que surgiam da garganta de Cassandra e aproveitou o prazer dos beijos dela.

Necessitava terminar de solucionar as coisas com ela. Pouco a pouco foi diminuindo a intensidade do beijo. Levou a mãos do cabelo aos pómulos elegantes de Cassandra e acariciou-os com reverência.

Ela levantou as mãos e desenhou o rosto de Xander com as pontas dos dedos. C.J. gostava de fazer isso e ele já estava habituado a essa carícia.

—Vais ser capaz de confiar em mim, Cassandra, mesmo quando as circunstâncias pareçam incriminar-me e só possa dar-te a minha palavra de que não tenho nada a ver com a situação? —perguntou ele abrançando-a.

Ela assintiu, apoiando a cabeça contra o ombro de Xander. Abraçou-o com força, como se temesse despertar de um momento para o outro no solitário quarto da sua casa a sentir falta do conforto do calor masculino ao seu lado. Sentindo como cada célula do corpo gritava perante a necessidade de saber dele, e se ele continuava a amá-la.

—Não quero voltar a falhar-te nem a que nos desentendamos—confessou.

—Sabes o que vamos fazer quanto a isso?

—O quê?

—Trabalharemos juntos para superar esta lacuna e as que estão por vir. De acordo? Não voltas a deixar-me de fora. Um casal é uma equipa. Temos um acordo? —perguntou.

—Sim. Claro que sim.

Agarrou-lhe a mão e ajudou-a a descer da cadeira.

—Fantástico. Agora vem comigo.

Ela entrelaçou os dedos com os de Xander e caminhou ao lado dele.

Chegaram à sala principal. Ele esticou a mão livre e tirou uma bolsinha de veludo da estante. Foi até ao sofá e pediu-lhe que se sentasse. Ela fê-lo, sem perder o contacto com o olhar verde-azulado.

Quando o viu apoiar um joelho no chão, C.J. tapou a boca com a mão. Olhou para ele boquiaberta.

—Cassandra Jane Bostworth —disse com um tom solene. Abriu a bolsinha e tirou a caixa dourada— Não quero voltar a estar sem ti. Quero dormir e acordar todos os dias durante o resto da minha vida ao teu lado. Tudo o que quero é ser teu marido e que tu sejas a minha esposa. Davas-me a honra de casar comigo? —perguntou com os olhos cheios de amor, enquanto abria a caixa.

—Nada me fará mais feliz do que ser tua esposa —disse com a emoção a expandir-se pelo peito. Xander, com um sorriso que se assemelhava aos raios de sol, deslizou rapidamente um lindo anel de brilhantes no dedo anelar.

Xander pôs-se de pé e sentou-se ao lado dela. Puxou-a para os seus braços e colocou-a ao colo. Ela agarrou-se ao pescoço de Xander e moveu o dedo anelar onde brilhava o anel.

—É um anel lindíssimo.

—Já o comprei há várias semanas. Só que não encontrava a ocasião perfeita para to dar.

—Uau...

—Se hoje não tivesses vindo aqui, eu tinha ido a ver-te.

—A sério? —perguntou feliz por estar nos braços dele e perante a perspectiva de uma nova vida juntos.

—A minha secretária disse-me que foste à empresa. —Ela assentiu— Então, uma vez que era eu quem estava incomunicável e tu não sabias, era eu quem tinha de fazer o próximo movimento para chegar a ti. —Cassandra deu-lhe um beijo lento e sentido— De facto, esse anel só tem uma possível dona. Não ia permitir que me escapasses.

—Hoje sou a mulher mais feliz do mundo.

Ele riu-se. Acariciou-lhe o lábio inferior com o pulgar. Ela tirou a língua e lambeu-o. Os olhos de Xander escureceram-se.

—Já se passaram muitos dias —murmurou ele, enquanto deslizava a mão percorrendo a pele sedosa da perna de Cassandra— E este vestido está demasiado tentador. E esses saltos altos!

Ela riu-se e depois esfregou o nariz no de Xander.

—Só quero ser feliz a teu lado.

—Eu vou fazer o possível para que assim seja. Amo-te, Cassandra, e embora muito provavelmente venhamos a ter grandes discussões, o que sinto por ti vai madurar e crescer, nunca se irá extinguir. —Pegou-a ao colo, fazendo-lhe rir, antes de ir para o quarto. Quando chegaram, colocou-a com ternura em cima da cama— O teu coração tem a certeza que te amo, não tem?

Ela assentiu com um sorriso, enquanto Xander começava a despir-se.

—Estás a acostumar-te a levar-me ao colo.

—Acho que desde o princípio, inconscientemente, me estava a preparar para quando tu soubesses que não tinhas outra escapatória do que ser a minha esposa.

C.J. revirou os olhos.

—A modéstia está muito alta, sr. Zhurov.

Ele tapou o corpo de Cassandra com o dele.

—Não. Só sei que te amo —disse enquanto ajudava Xander a tirar-lhe a roupa— Oh meu Deus, desejo-te como nunca desejei outra mulher.

—É bom saber isso —comentou com um sorriso, quando ele lhe mordeu o lóbulo direito, antes de deslizar a mão e chegar até às cuequinhas— Xander... —sussurrou quando os dedos dele começaram a tocá-la até que a humidade entre as coxas empapou o tecido de seda.

—Agora é a altura dos nossos corpos também ficarem a saber que nos amamos —sussurrou com voz rouca. Quinze dias sem ela era uma eternidade.

—Não podia estar mais de acordo —respondeu colocando as mãos à volta do pescoço de Xander para aproximá-lo e ter essa boca sensual a uns milímetros da dela.

Com uma gargalhada que continha dose de amor, doçura e erotismo, ambos se submergiram num turbilhão de prazer.



## EPÍLOGO

Seis meses depois, Cassandra Zhurov descansava no jacuzzi do resort onde estavam a passar a lua de mel. Com um copo de champanhe na mão, desfrutava do mar no horizonte do hotel na Grécia. Aproveitou que estava à espera que Xander voltasse com uns *snacks* que ela queria muito, para fechar os olhos e lembrar-se um pouco dos últimos meses.

Depois de se comprometer, Xander contou-lhe o negócio que tinha com Charles. Cassandra disse que lhe parecia perfeito e pediu-lhe que reconsiderasse fazer parte da nova linha de negócio que o pai dela lhe tinha proposto. Ele respondeu que o projeto em Texas ia tirar-lhe muito tempo, mas talvez pudesse delegar no Erick a metade do projeto com Cyrus, embora não fosse uma prioridade.

Para sua surpresa, passado algum tempo de ter visto o artigo sobre Noah e Armie aos beijos num yate, o ex-marido anunciou que se ia casar. Por fim, tinha decidido sair de uma vida de negação e mentiras, abraçando a sua sexualidade com orgulho. Noah telefonou-lhe a desejar felicidades, esperando que algum dia ela o perdoasse. Cassandra era tão feliz, que o desculpou de coração. La empresa Caldwell foi vendida a um grupo alemão.

Quando os pais e os irmãos souberam do casamento com Xander, ficaram felizes por ela. Em especial Cyrus, que lhe disse que só uma filha valente tinha a coragem necessária para aceitar o seu erro e tentar convencer o homem que amava de que valia a pena lutar contra o orgulho para ganhar o amor.

O casamento realizou-se no rancho da família de Xander, nos arredores de Dallas. As meninas das alianças foram Yessa e Sasha. Elas estavam felizes por se continuarem a ver de vez em quando. Os outros sobrinhos de Cassandra ainda não entendiam muitas coisas, porque eram pequenos, mas portaram-se muito bem durante a cerimónia.

Para Cassandra foi como se tivesse sido a primeira vez que se casava, porque no coração sabia que era para toda a vida. Xander, tão giro de *smoking*, em vez de seguir os votos tradicionais, idealizou os próprios e ela chorou. Era uma mulher com sorte, porque amava e era correspondida, mas principalmente porque tinha conseguido valorizar-se como mulher.

A festa foi íntima, muito bem decorada, e dançaram até ao amanhecer. Estiveram no rancho mais dois dias, depois foram de viagem à Grécia, um país que ela sempre tinha desejado conhecer. Mas antes de ir à preciosa terra grega, Xander quis visitar São Petersburgo. Ela adorou a cultura de onde provinha o marido, embora lhe tivesse confessado que com tanto frio e costumes tão diferentes, não considerava possível viver ali. Ele disse que o seu lar era nos Estados Unidos ou onde estivesse com ela.

Ali estava. Na magnífica ilha de Santorini a apreciar o pôr do sol. O mesmo que, seis meses antes, tinha desenhado para Xander na sua tentativa de reconciliação. Agora o panorama era diferente. O sol brilhava, ela sorria e o homem que amava não estava nas sombras, mas com a paciência e o carinho dele tinha conseguido abrir um caminho diferente à forma como vivia o amor.

C.J. decidiu alugar a casa dela. Xander prometeu-lhe construir uma piscina e uma sala de desenho na mansão de Belle Meade.

—Sra. Zhurov —disse Xander, contemplando a sua esposa.

Ela levantou o olhar e sorriu daquele forma que lhe aquecia a alma.

—Olá amor. Vem aqui ter comigo —pediu. Ele entregou-lhe um prato com os *snacks* que ela queria e sentou-se no jacuzzi ao lado dela.

—A aproveitar a vista? —perguntou ao aproximá-la e abraçando-a.

—Sim, que bonito, não é?

Cassandra meteu na boca um doce grego e colocou o prato de lado.

—É. Sabes o que nos faz falta?

Ela levantou as sobrancelhas.

—Não...

Xander sorriu com picardia. Agarrou no copo que Cassandra tinha na mão e colocou-o de lado.

—O que é que achas de começar a trabalhar na ideia de ter um pequeno Zhurov?

Olhou para ele com um sorriso.

—Imagino que tem a ver com a tua vontade de encher os quartos na mansão, não? —perguntou a rir-se quando ele colocou a mão no ventre dela, debaixo de água.

—Espero que não te incomode —disse ao inclinar-se para beijá-la.

—Em absoluto —murmurou contra los lábios do marido— De facto, acho que cada vez gosto mais do trabalho em equipa...





## SOBRE A AUTORA

Kristel Ralston, escritora equatoriana de novela romântica e ávida leitora do gênero, é apaixonada por histórias que decorrem em palácios e castelos na Europa. Embora gostasse da sua profissão como jornalista, decidiu dar uma viragem na carreira e ir para o velho continente fazer um mestrado em Relações Públicas. Durante o período que viveu na Europa leu várias novelas românticas que a cativaram e a incentivaram a escrever o seu primeiro manuscrito. Desde então, nem na sua variada biblioteca pessoal nem na sua agenda semanal faltam livros deste gênero literário.

A novela "*Lazos de Cristal*", foi um dos cinco manuscritos finalistas anunciados no *II Concurso Literário de Autores Indie* (2015), promovido por Amazon, Diario El Mundo, Audible e Esfera de Libros. Este concurso recebeu mais de 1,200 manuscritos de diferentes gêneros literários de 37 países. Kristel foi a única latino-americana entre os cinco finalistas do concurso.

A autora também foi finalista do concurso de novela romântica *Leer y Leer 2013*, organizado pela Editorial Vestales da Argentina, e é co-administradora do blog literário "*Escribe Romántica*". Kristel Ralston publicou várias novelas como *Entre las arenas del tiempo*, *Brillo de Luna*, *Un acuerdo inconveniente*, *Lazos de Cristal*, *Bajo tus condiciones*, *El último riesgo*, *Regresar a ti*, *Un Capricho del destino*, *Desafiando al corazón*, *Más allá del ocaso*, *Un orgullo tonto*, entre outras. A revista Hogar, uma prestigiosa publicação equatoriana, nomeou-a como uma das Mulheres do Ano 2015 na categoria Arte pelo seu trabalho literário.

Atualmente, Kristel vive em Guayaquil, Ecuador, e acredita firmemente que os sonhos se tornam realidade. Durante o tempo livre diverte-se a escrever novelas que convidam os leitores a não deixarem de sonhar com finais felizes.

Mais sobre a autora no web: [www.kristel-ralston.com](http://www.kristel-ralston.com)